Acervo ISA

CEDI - P. I. B.
DATA 31 / 12 / 86
COD 04D0051

ENCONTRO NACIONAL DOS SERINGUEIROS DA AMAZÔNIA

Acervo ISA

Brasília, 25 de novembro de 1985

Caros Amigos:

Estamos encaminhando um dossiê completo do ENCONTRO NACIONAL DE SERINGUEIROS DA AMAZÔNIA, realizado em Brasília de 11 a 17 de outubro deste ano.

Os seguintes documentos compõem esse dossiê:

1. Texto de proposta do Encontro, realizado pelo INESC e encaminhado a instituições governamentais e não-governamentais, do Brasil e do exterior, informando a respeito dos objetivos da reunião.
2. Documento final do Encontro discutido e aprovado por todos os participantes.
3. Documentos resultantes das reuniões de preparação do Encontro e realizadas nas diferentes regiões.
4. Notícias de jornais sobre o Encontro mostrando a repercussão que teve a nível nacional e regional.
5. Poesias escritas por seringueiros e divulgadas durante o Encontro.
6. Documento relativo à participação dos seringueiros na reunião da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento da ONU, realizada em São Paulo, nos dias 28 e 29 de outubro.
7. Notícias de jornais sobre a participação dos seringueiros nessa reunião.
8. Comunicação apresentada pelo INESC no encerramento da Reunião da ONU em Brasília, no dia 31 de outubro.

Gostaríamos de receber contribuições relativas a

INESC Instituto de Estudos Sócio-Econômicos - CGC 00580159/0001-22 - SCS, Q. 8, Bl. B, nº 50, 4º and., Salas 435/7/9
Supercenter Venâncio 2000 — CEP 70.333 — Brasília - DF — Tels.: 226-8131/226-8093

Acervo ISA

esse material, às conclusões do Encontro e à continuidade do trabalho, assim como saber da sua disponibilidade e/ou de sua instituição em colaborar com o movimento dos seringueiros da Amazônia.

Atenciosamente,

Mary Helena Allegretti
Coordenadora de Direitos Humanos

INESC Instituto de Estudos Sócio-Econômicos - CGC 00580159/0001-22 - SCS, Q. 8, Bl. B, nº 50, 4º and., Salas 435/7/9
Supercenter Venâncio 2000 — CEP 70.333 — Brasília - DF — Tels.: 226-8131/226-8093

Acervo ISA

PROJETO: ENCONTRO NACIONAL DE SERINGUEIROS

INESC Instituto de Estudos Sócio-Econômicos - CGC 00580159/0001-22 - SCS, Q. 8, Bl. B, nº 50, 4º and., Salas 435/7/9
Supercenter Venâncio 2000 — CEP 70.333 — Brasília - DF — Tels.: 226-8131/226-8093

Acervo ISA

inesc

PROJETO: ENCONTRO NACIONAL DE SERINGUEIROS

Os seringueiros são trabalhadores que vivem da estração do látex de árvores nativas da região amazônica, as seringueiras. São descendentes de migrantes nordestinos que ocuparam a Amazônia desde meados do século passado.

A história econômica da borracha no Brasil tem três etapas bem distintas. A primeira, coincidiu com a expansão da industrialização européia e com o monopólio brasileiro na produção de borracha. A valorização dessa matéria-prima, como consequência dos novos usos dados a ela pela indústria, colocou em risco o monopólio brasileiro.

A segunda fase começa quando a produção nativa é substituída pela cultivada. Através do roubo de sementes de seringueira, a Inglaterra desenvolveu plantações nos países asiáticos, os preços decresceram e a produção brasileira logo ficou anacrônica frente à outra.

A terceira fase coincide com a descoberta da borracha sintética. A borracha vegetal perdeu importância novamente, até o surgimento da crise do petróleo.

Na Amazônia, desde o início, desenvolveu-se um sistema escravista de organização do trabalho nos seringais — empresas extrativas. O nordestino que para lá migrava já chegava endividado com as despesas de viagem. Adquiria a alimentação e os instrumentos de trabalho a preços exorbitantes nos barracões, para pagá-los com a produção. O preço pago sempre foi muito inferior ao de mercado. E inúmeros mecanismos de extorsão foram criados (manipulação nos registros, pesagem errada, taxas, descontos) tendo como resultado o endividamento. Devendo, os seringueiros não podiam abandonar o seringal. Os que tentavam, eram castigados. A agricultura era proibida, obrigando dessa forma que todas as necessidades fossem atendidas pelo barracão.

INESC Instituto de Estudos Sócio-Econômicos - CGC 00580159/0001-22 - SCS, Q. 8, Bl. B, nº 50, 4º and., Salas 435/7/9
Supercenter Venâncio 2000 — CEP 70.333 — Brasília - DF — Tels.: 226-8131/226-8093

Acervo ISA

Ainda hoje predominam no interior da região amazônica, formas compulsórias de retenção da força de trabalho. Em muitos seringais, houve rebeliões, revoltas, greves, reprimidas com violência pelos seringalistas, os proprietários.

Um depoimento gravado em 1978 no Estado do Acre, atesta claramente esta situação:

> "Os seringueiros não fazem mais greve porque já estão tão amedrontados, que sabem que são feitos prá perder. Prá nem estrebuchar mais, que só vive debaixo da peia, né. No cativeiro. A sra. vê aqui, nós somos como no tempo de escravidão. Do escravo. Se eles têm vontade, nós fica sem oreia, inté a tira que cobre o espinhaço. É. Então nós somos possíveis brigar com um deles, por que eles botam nós no arrocho, nós se agonia, até é possível nós brigar com eles. Uma concorrência, que ninguém sabe, se nós vamos brigar. Ninguém sabe se nós ganha ou perde. Nós vamos jogar aí. Aí nós tamo jogando, ninguém sabe quem vai ganhar. Pois bem. O cara vive coagido. O cara vive coagido demais. Por isso, então, que nós não estrebucha prá fazer greve mais, Porque vai ser só prá perder. É.
>
> P - Então, qual é a solução? sair do seringal?
>
> Não é sair do seringal. É nós viver nos seringal, trabalhando nos seringal, mas existir lei prá nós ter valor, prá nós não ser desvalorizado. Que nós samo desvalorizado, nós não tem valor de nada, e no entanto, era de nós ter valor de tudo. Porque a sra. sabe que a borracha é o leme do mundo. É. Né? O brio do Brasil é a borracha. E nós é que produzem. Nós todo seringueiro produz e nós não tem valor de nada. Não vale nada, coisa nenhuma. E nós podia ter um valorzinho, chegar a nós ao menos um pouco, ao menos uma vez por ano. E no entanto, nem de 10 em 10 anos. E chega prá dar lapada em nós. Prá nós ficar com o espinhaço saindo sangue. É. saindo sangue. É. É desse jeito que eles fazem com nós. Aqui não têm, prá nós, não temos até a data de hoje, tô dizendo prá sra., presentemente, de mim prá sra., até a data de hoje não vi melhoria de nada. Até agora. Mas estou com a fé que inda vai ter, né. Tão falando que vai ter melhoria, prá nós seringueiro. Pode até ser que Deus ajude. E nós podia ao menos a nossa metade ter valor e a outra metade ser perdido. Ao menos isso. Porque nós, né, é besteira, nós só vive prá sofrer. E tanto que nós derrama suor prá fazer a produção, e nós não tem valor de nada. É isto mesmo, que nós a toa, analfabeto, só podemos dizer isto, que é o que nós vive vendo na nossa frente.

Acervo ISA

É o sofrimento e o escravidão.
Que já acabou-se o tempo do escravidão.
Cabou-se. Hoje em dia não tá mais escravidão.
Mas querem por firme força que nós vive coagido, vive como escravidão, como de primeiro tinha escrividão".

Ulisses Marques
Colocação Pedra Branca
Seringal Alagoas
Tarauacá, Acre, 1978.

Desde a década de 1970 algumas alterações têm ocorrido, em certas áreas da Amazônia, especialmente no Acre. Surgiram Comunidades Eclesiais de Base, organizadas pela Igreja Católica e Sindicatos Rurais, tornando possível o início de uma resistência. Em algumas áreas, a crise do mercado para a borracha, levou os seringalistas a abandonar os seringais. A titulação da propriedade sempre foi secundária nesse tipo de atividade. E em função disso foi possível caracterizar juridicamente o seringueiro como um posseiro, com direitos garantidos pela legislação brasileira.

Por outro lado, esse momento coincidiu com a valorização da terra na Amazônia em função de uma política do Governo Militar de subsídio ao grande capital. Estradas foram construídas, seringais foram transformados em imensas áreas vazias adquiridas como reserva de valor, ou transformadas em agropecuárias.

Muitos seringueiros foram expulsos, migraram para as cidades e vivem hoje em condições sub-humanas nas periferias urbanas. Outros, permanecem no cativeiro dos seringais. E parte deles luta para defender seus direitos como posseiros e para trabalhar nos seringais por conta própria, ou seja, independentes dos seringalistas.

O SOLDADO DA BORRACHA

Durante a Segunda Guerra Mundial, o Brasil firmou convênios comerciais com os Estados Unidos, um deles para abastecer de borracha a economia de guerra.

Acervo ISA

Financiado pelos Estados Unidos, o governo brasileiro criou um programa denominado "Campanha da Borracha" através do qual enviou, novamente, nordestinos para os seringais da Amazônia e os denominou de "Soldados da Borracha". De acordo com o programa, terminada a guerra, esses trabalhadores receberiam aposentadoria e benefícios semelhantes aos combatentes.

Nada disso ocorreu. Os Soldados da Borracha vivem nas mesmas condições dos demais seringueiros, estão velhos, sem condições de trabalhar e sem terem visto nenhuma das promessas cumpridas.

Hoje, esquecidos de todos, os seringueiros da Amazônia vêem seus líderes serem assassinados, sua luta é desconhecida e isolados na floresta, não encontram formas de fazer chegar suas reivindicações ao Governo e à sociedade como um todo.

É como se, com a crise da borracha nativa, tivesse desaparecido seu produtor. O que não é verdade.

As estatísticas são falhas. Mas calcula-se que existem hoje na Amazônia aproximadamente 200.000 pessoas dependendo diretamente dessa atividade. O Acre é o maior produtor, seguindo-se o Amazonas e Rondônia.

PROJETO SERINGUEIRO

Em 1980, como parte do movimento de resistência dos seringueiros no Acre, especialmente no município de Xapuri, teve início um trabalho de assessoria, coordenado por quem subscreve esse documento, visando criar condições de autonomia econômica e política para os seringueiros.

Foram organizadas pequenas cooperativas de produção e consumo que viabilizaram melhores condições de vida e mostraram a possibilidade de novas relações de trabalho serem criadas na região.

Acervo ISA

Diante das dificuldades dos seringueiros entenderem o novo processo de comercialização, pelo fato de serem todos analfabetos, foram criadas pequenas escolas para o ensino da leitura, escrita e operaçoes matemáticas.

Constatando-se a especificidade cultural desses trabalhadores, foi necessário criar um material didático adequado, denominado PORONGA, que passou a ser utilizado nas escolas.

Existem atualmente 06 escolas em funcionamento. Esse projeto é apoiado pela OXFAM e pela Fundação Pró-Memória, órgão do Ministério da Cultura.

No período de 1980 a 1984 o Projeto Seringueiro teve caráter restrito e experimental. A partir deste ano o Governo do Acre passou a remunerar os monitores e financiar a merenda escolar. Além disso, está sendo analisada a possibilidade dessa experiência se estender a outras regiões do Acre.

PERSPECTIVAS

O processo de democratização que hoje se inicia no Brasil ainda não colocou em discussão o atual modelo de ocupação da Amazônia. Os grandes investimentos de capital para exportação de minérios, a construção de rodovias, o modelo fracassado de colonização e a crescente concentração fundiária não foram ainda questionados.

Ao lado disso, os habitantes tradicionais da Amazônia — índios, caboclos, seringueiros, castanheiros — desenvolveram formas adequadas de obtenção da sobrevivência sem alteração do equilíbrio ecológico e com potencial de produtividade não explorado e nem valorizado.

A única maneira existente hoje de dar início a um movimento mais amplo de defesa da Amazônia e de seus habitantes, de

Acervo ISA

mostrar para a sociedade brasileira que os seringueiros continuam existindo e vivem em condições de escravidão é realizar um fato inédito — tirá-los da mata para que falem no centro político do país, Brasília.

Muitos seringueiros nunca saíram da floresta. Seja os que lá nasceram ou os que para lá migraram na década de 1940. E nunca, na história brasileira, os seringueiros se reuniram fora da região amazônica para em conjunto falarem para a sociedade e para as autoridades governamentais.

PRIMEIRO ENCONTRO NACIONAL DE SERINGUEIROS

A idéia dos seringueiros da Amazônia fazerem um Encontro em Brasília surgiu da constatação de que, nos planos da Nova República, os trabalhadores extrativistas da Amazônia não foram considerados.

A proposta foi encampada pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri, no Estado do Acre, que será o promotor do Encontro. Já foram realizados contatos com Associações de Seringueiros e de Soldados da Borracha, em todo o Acre, nos municípios de Tefé e Carauari, no Amazonas, e nos municípios de Ariquemes, Ji-Paraná, Jaru e Cacoal, em Rondônia.

A previsão é de reunir mais de cem seringueiros em Brasília, na segunda semana de outubro deste ano.

O Encontro terá dois objetivos principais:

1º. - reivindicar junto às autoridades governamentais uma política para o extrativismo e uma reforma agrária que respeite as especificidades dos seringueiros e da Amazônia;

2º. - divulgar, para a sociedade brasileira, as condições de vida dos seringueiros.

Acervo ISA

O Encontro terá três etapas: na primeira, já em andamento, serão realizados encontros regionais para discussão e elaboração das propostas; na segunda, em Brasília, os seringueiros vão discutir as propostas regionais e elaborar um documento único; na terceira, também em Brasília, vão discutir suas propostas com as instituições governamentais e os líderes políticos nacionais e regionais.

Paralelamente, pretende-se organizar uma exposição com a história dos seringueiros, através de fotos, documentos, jornais, painéis, etc.

Para a organização do Encontro foram criadas duas comissões: uma em Xapuri, formada por elementos do Sindicato e do Projeto Seringueiro e outra em Brasília, formada pelo INESC e pela Fundação Pró-Memória/Ministério da Cultura. Aquela está responsável pela organização dos encontros regionais; esta, pela preparação do Encontro em Brasília.

Mary Helena Allegretti

Acervo ISA

NÓS, SERINGUEIROS, REPRESENTANDO OS ESTADOS DE RONDÔNIA, ACRE, AMAZONAS E PARÁ, REUNIDOS EM BRASÍLIA DE 11 A 17 DE OUTUBRO DE 1985, NO "1º ENCONTRO NACIONAL DE SERINGUEIROS DA AMAZÔNIA", TOMAMOS AS SEGUINTES RESOLUÇÕES:

I - DESENVOLVIMENTO DA AMAZÔNIA

1. Exigimos uma política de desenvolvimento para a Amazônia que atenda aos interesses dos seringueiros e que respeite os nossos direitos. Não aceitamos uma política para o desenvolvimento da Amazônia que favoreça as grandes empresas que exploram e massacram trabalhadores e destróem a natureza.

2. Não somos contra a tecnologia, desde que ela esteja a serviço nosso e não ignore nosso saber, nossas experiências, nossos interesses e nossos direitos. Queremos que seja respeitada nossa cultura e que seja respeitado o modo de viver dos habitantes da floresta amazônica.

3. Exigimos a participação em todos os projetos e planos de desenvolvimento para a região (PLANACRE, POLONOROESTE, Asfaltamento da BR-364 e outros), através de nossos órgãos de classe, durante sua formulação e execução.

4. Reivindicamos que todos os projetos e planos incluam a preservação das matas ocupadas e exploradas por nós, seringueiros.

5. Não aceitamos mais projetos de colonização do INCRA em áreas de seringueiras e castanheiras.

6. Queremos uma política de desenvolvimento que venha apoiar a luta dos trabalhadores amazônicos que se dedicam ao extrativismo, bem como às culturas permanentes e às outras culturas de seu interesse, e que preserve as florestas e os recursos da natureza. Queremos uma política que traga benefícios a nós trabalhadores e não aos latifundiários e empresas multinacionais. Nós, seringueiros, exigimos sermos reconhecidos como produtores de borracha e como verdadeiros defensores da floresta.

Acervo ISA

II - REFORMA AGRÁRIA

1. Desapropriação dos seringais nativos.

2. Que as colocações ocupadas pelos seringueiros sejam marcadas pelos próprios seringueiros, conforme as estradas de seringa.

3. Não divisão das terras em lotes.

4. Definição das áreas ocupadas por seringueiros como reservas extrativistas assegurado seu uso pelos seringueiros.

5. Que não haja a indenização das áreas desapropriadas, não recaindo seu custo sobre os seringueiros.

6. Que sejam respeitadas as decisões do 4º Congresso Nacional dos Trabalhadores Rurais, no que diz respeito a um modelo específico de Reforma Agrária para a Amazônia, que garanta um mínimo de 300 hectares e um máximo de 500 hectares por colocação, obedecendo à realidade extrativista da região.

7. Que os seringueiros tenham assegurado o direito de enviar seus delegados à Assembléia Nacional Constituinte para defender uma legislação florestal e fundiária de acordo com suas necessidades específicas.

Acervo ISA

III - POLÍTICA PARA A BORRACHA

1. O seringal nativo deve ser preservado e não acabado.

2. Deve ser assegurada a representação dos seringueiros no Conselho Nacional da Borracha e na SUDHEVEA.

3. Reajuste trimestral do preço da borracha de todos os tipos, para o seringueiro, com base no aumento da inflação.

4. Divulgação imediata das tabelas de reajustes, com distribuição para os órgãos de classe e anúncio pela Radiobrás.

5. Criação do Conselho Nacional de Seringueiros a partir de seus órgãos de classe.

6. Aprovação de pequenos projetos para plantação de seringueiras, castanheiras e fruticultura em geral, bem como de conservação de seringueiras nativas, adultas e produtivas, sendo esses projetos destinados aos seringueiros.

7. Apoio à formação de cooperativas de consumo, com financiamento para transporte e distribuição.

8. Que a mini-usina seja administrada cem por cento por seringueiros, com assistência técnica fornecida pela SUDHEVEA.

9. Que seja extinta a renda em toda a região produtora de borracha.

10. Que seja assegurada a liberdade de comercialização de todos os tipos de borracha diretamente pelos seringueiros.

11. Garantia de oportunidade para os seringueiros que foram expulsos pelo latifúndio para o estrangeiro, de retornar à pátria como seringueiros.

Acervo ISA

IV - POLÍTICA DE ABASTECIMENTO

1. Que o credenciamento junto à COBAL seja feito pelos Sindicatos de Trabalhadores Rurais e pelas Associações de Soldados da Borracha e Seringueiros.

2. Que seja proibida a venda pela COBAL aos patrões; que os seringueiros façam a fiscalização através de seus órgãos.

3. Que a COBAL faça um atendimento ambulante, pelo menos de 15 em 15 dias, dificultando assim a atuação do marreteiro.

4. Que as embarcações da COBAL comprem a borracha diretamente do produtor, encostando em lugares indicados pelos Sindicatos de Trabalhadores Rurais e obedecendo pontualmente o roteiro de viagem, inclusive divulgando o mesmo pelo rádio.

5. Que as embarcações da COBAL atendam todos os rios que não são atendidos.

6. Que sejam criadas cantinas (cooperativas da COBAL/SUDHEVEA) administradas pelos próprios seringueiros.

7. Que a SUDHEVEA entregue aos seringueiros comprovantes de compra e venda de mercadorias e de borracha, que sirvam para atestar a condição de seringueiros.

Acervo ISA

V - SAÚDE

1. Que seja feita uma política de saúde preventiva e de assistência médico-odontológica de acordo com as necessidades dos seringueiros.

2. Que sejam criados postos de saúde em todos os seringais em locais escolhidos pelas comunidades de seringueiros.

3. Que os agentes de saúde sejam escolhidos pela própria comunidade e treinados pelas Secretarias de Saúde dos Estados e sejam reciclados periodicamente.

4. Que os treinamentos que serão dados aos agentes de saúde levem em conta o conhecimento popular.

5. Que os agentes de saúde sejam contratados pelas Secretarias dos Estados e que sua remuneração seja justa, permitindo sua dedicação exclusiva ao trabalho.

6. Que os agentes de saúde sejam fixos, e que incluam um homem e uma mulher para cada comunidade.

7. Que todas as decisões sobre o posto sejam tomadas pela comunidade, inclusive os casos de demissão dos agentes de saúde.

8. Que sejam criados laboratórios na própria região amazônica, aproveitando as plantas e os recursos da região.

9. Que a SUDHEVEA e as Secretarias de Saúde dos Estados abasteçam os postos de saúde com medicamentos (especialmente medicamentos de uso constante e urgente, tais como sulfona, soro anti-ofídico e outros) e equipamentos necessários.

10. Que os postos volantes fluviais e terrestres da SUDHEVEA sejam estabelecidos com a participação dos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais e com as comunidades.

Acervo ISA

11. Que nesses postos seja proporcionado atendimento oftalmológico e estoque de óculos.

12. Que os médicos dos postos volantes sejam credenciados para encaminharem os formulários de aposentadoria por invalidez dos hansenianos, bem como outros tipos de invalidez.

13. Que os recursos financeiros destinados à construção de postos de saúde sejam repassados para a comunidade construir e não para empreiteiras.

14. Que seja feita campanha de saneamento básico e prevenção de doenças que afetam os que moram na floresta, tais como a malária, hanseníase e leishmaniose.

15. Garantia de transporte, atendimento e internação hospitalar dos seringueiros e de suas famílias em casos de necessidade.

VI - EDUCAÇÃO E CULTURA

1. Todos os seringueiros têm direito ao estudo.

2. Queremos escolas de seringueiros em todos os lugares e para todas as idades, com qualquer número de alunos.

3. As escolas devem ter garantido o material escolar e merenda, adaptados às condições locais e fornecidos pelo Estado.

4. Professores seringueiros, escolhidos pela comunidade e que tenham oportunidade de encontros para troca de experiências entre si e com outras pessoas.

5. Calendário escolar que respeite as épocas de plantio e o regime de chuvas da região.

Acervo ISA

6. É preciso que as Secretarias Estaduais ou Municipais se comprometam com o pagamento dos professores e com o seu treinamento, a intervalos regulares e com garantias de verbas.

7. O Ministério da Educação deve assumir de fato o compromisso com a educação na região amazônica, principalmente nos seringais, coordenando as Secretarias Estaduais na execução dessa tarefa, com a participação dos trabalhadores e juntamente com o Ministério da Cultura.

8. É preciso que a merenda escolar inclua produtos oferecidos pela região, como a castanha e outros gêneros alimentícios locais.

9. É preciso preservar a cultura da região, devendo a escola informar também o seringueiro sobre a realidade do país.

10. Que sejam divulgados para o país, histórias, poesias, músicas, receitas e objetos fabricados pelos seringueiros.

11. Apoio a projetos de educação como o Projeto Seringueiro do Acre, bem como outros que tenham a participação direta dos seringueiros e correspondam às suas necessidades.

VII - APOSENTADORIA E ASSISTÊNCIA PARA OS SOLDADOS DA BORRACHA E SERINGUEIROS

1. Considerar como Soldado da Borracha todos os seringueiros que imigraram para a Amazônia e os que já trabalhavam no extrativismo no período de intensificação da produção da borracha para o esforço de guerra, e que já estejam com 60 ou mais anos de idade. Estes trabalhadores devem comprovar sua condição com contas correntes, ou declaração do patrão, ou declaração de três companheiros que com ele trabalharam ou aprenderam, ou com contratos recebidos da CAETA, SENTA e outras.

2. Os trabalhadores considerados nesta proposta terão direito a uma indenização correspondente a 20 salários mínimos.

Acervo ISA

3. Será estabelecida uma pensão aos Soldados da Borracha definidos acima, no valor de 3 salários mínimos, estendida a seus familiares por ocasião do falecimento do seu titular.

4. Os trabalhadores, homens e mulheres, terão direito à aposentadoria aos 45 anos de idade, no valor de 3 salários mínimos.

5. Esta aposentadoria será concedida aos inválidos e viúvas conforme a lei.

6. Serão beneficiados por essa proposta os seringueiros e Soldados da Borracha que atualmente trabalham no exterior, sobretudo na Bolívia.

FEDERAÇÃO DOS TRABALHADORES NA AGRICULTURA DO ACRE
SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE XAPURI - AC
SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE BRASILÉIA - AC
SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE SENA MADUREIRA - AC
SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE MANUEL URBANO - AC
SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE RIO BRANCO - AC
SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE CRUZEIRO DO SUL - AC
SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE TARAUACÁ - AC
SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE FEIJÓ - AC
ASSOCIAÇÃO DOS SOLDADOS DA BORRACHA E SERINGUEIROS DE ARIQUEMES- RO
ASSOCIAÇÃO DOS SOLDADOS DA BORRACHA E SERINGUEIROS DE JARÚ - RO
ASSOCIAÇÃO DOS SOLDADOS DA BORRACHA E SERINGUEIROS DE JI-PARANÁ- RO
SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE SÃO FÉLIX DO XINGU - PA
SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE NOVO ARIPUANÃ - AM
SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE CARAUARI - AM
SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE JUTAÍ - AM
SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE COARÍ - AM.

Acervo ISA

RESOLUÇÕES APROVADAS PELO I ENCONTRO DE SERINGUEIROS DO ESTADO DO ACRE

1. A intensa e crescente devastação da floresta vem substituindo a castanha e seringueira pelo boi, representando uma ameaça constante aos seringueiros que ainda resistem em suas colocações contra os investidores do latifúndio.

   No discurso do governo do Estado do Acre, o extrativismo deve acabar, pois representa um impecilho ao desenvolvimento econômico da região, reafirmando a necessidade de modernização da agricultura, implantando culturas como: cana-de-açucar (projeto da ALCOBRÁS) e soja.

   A implantação desses projetos significa a destruição de grandes áreas de terras num futuro próximo, pois já está comprovado que a estrutura física dos solos da Amazônia não comporta a mecanização e sua baixa fertilidade limita a culturas de ciclo curto.

   Frente a essas considerações nos opomos firmemente às mudanças que estão sendo feitas no sistema produtivo. Exigimos a participação dos trabalhadores rurais na definição de novas diretrizes para o setor.

2. Queremos Reforma Agrária já e para isso propomos:

   Impedir o desmatamento dos seringais.

   Fazer a desapropriação levando em consideração somente as benfeitorias dos mesmos, respeitando as colocações de seringa. A posse será definida em discussão com os seringueiros através de seus sindicatos e entidades representativas.

   Nos antigos barracões deverá ser implantada toda infra-estrutura:
   - posto médico com pelo menos dois médicos e agentes de saúde treinados na própria comunidade, para atender as colocações mais distantes;
   - construção de escolas capazes de dar ao aluno a conclusão do 1º grau e implantar escolas de formação em técnicas agrícolas.

   Fornecer assistência técnica adequada para a implantação de pequenas áreas com cultura permanente (cacau, café, guaraná) em cada colocação, sem prejudicar o extrativismo.

   Crédito agrícola com baixas taxas de juros.

   Garantir o escoamento da produção e fixar um preço mínimo compatível com o custo de produção.

   Financiamento de matrizes de bovinos, ovinos, caprinos e suínos para implementar pequenas criações, garantindo assim outras fontes de renda para o seringueiro.

Acervo ISA

3. Nos opomos à abertura de novos projetos de colonização no Acre, pois até hoje eles só têm servido para transferir as tensões sociais do sul do país para o Acre. Além do mais, o INCRA não oferece a mínima infra-estrutura aos colonos. Os traçados dos projetos foram feitos sem nenhum critério, obrigando os colonos a entregarem suas terras aos latifundiários.

   Só permitiremos a abertura de novas frentes agrícolas em caso de extrema necessidade desde que seja feita sob o controle dos trabalhadores.

4. Quanto à SUDHEVEA, até o momento só tem beneficiado os seringalistas; por isso exigimos profundas mudanças neste órgão:
   - que sua administração seja feita por um conselho de seringueiros.
   - criar uma comissão tarifária para fixar o preço da borracha, estabelecendo reajuste trimestral.
   - incentivar o adensamento de seringais nativos, através de incentivos e assistência ao seringueiro.
   - implantar armazéns nas sedes dos antigos barracões e mini-armazens nas colocações mais distantes, transportando os alimentos em animais ou via fluvial.

5. Quanto à preservação da castanheira e seringueira é necessário que se reforme e garanta a aplicação da legislação florestal.

   Exigimos também a extinção do IBDF, por se tratar de um órgão que não cumpre suas funções, só atende aos interesses dos latifundiários, massacrando seringueiros e colonos com imposições injustas e multas elevadíssimas.

   A fiscalização das florestas deverá ficar a cargo dos seringueiros e colonos através de seus Sindicatos e outras entidades representativas da classe.

   Propomos ainda o plantio de castanheiras nas áreas em que foram derrubadas.

6. Quanto aos direitos dos seringueiros:

   Extensão de todos os benefícios dos trabalhadores urbanos aos seringueiros.

   Aposentadoria aos 45 anos de idade, (considerando que o seringueiro começa a cortar seringa desde menino).

   Aposentadoria com o valor referente em 3 salários mínimos.

7. Quanto ao Soldado da Borracha:

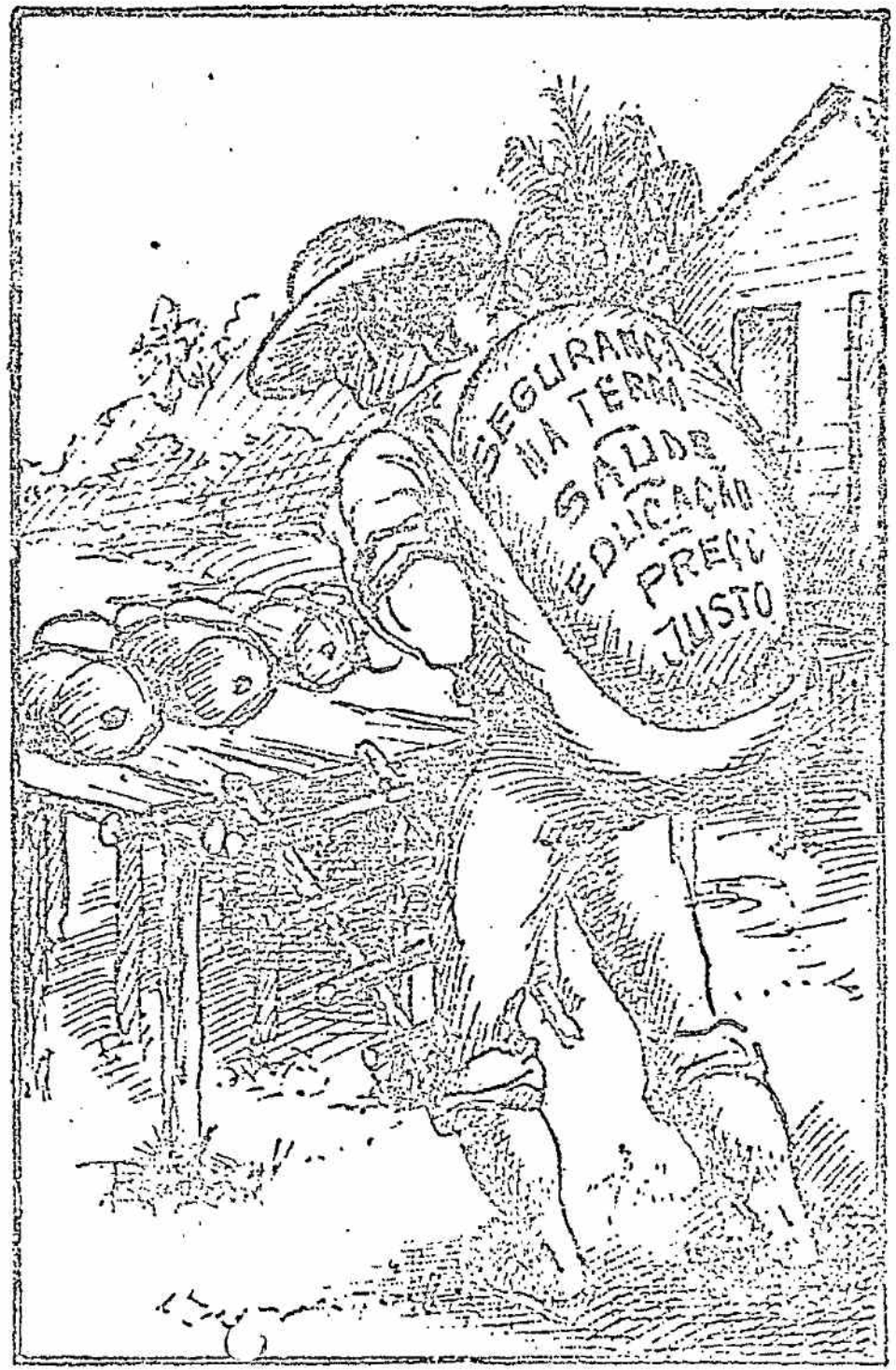
   Considerar Soldado da Borracha, todo aquele seringueiro que chegou na Amazônia no início da década de 40, com a idade de 18 a 22 anos.

Garantir a imediata aposentadoria com o valor do salário referente a 3 salários mínimos.

No ato da aposentadoria uma indenização de 20 salários mínimos.

Uma passagem de ida e volta a cada 3 anos para visitar os familiares no Estado de origem.

Acervo ISA



Acervo ISA

Nos dias 4 e 5 de outubro de 1985, reuniram-se na Casa do Retiro Santana-Estrada do Aleixo de Manaus, 15 seringueiros dos Municípios de Novo Aripuanã, Coari, Jutaí e Carauari.

A reunião realizou-se em preparação ao 1º Encontro Nacional de Seringueiros em Brasília.

Discutiu-se os problemas que os seringueiros do Estado do Amazonas enfrentam como também as reivindicações a serem levadas às autoridades competentes.

O presente relatório mostra um pouco a realidade sofrida pelos seringueiros, realidade esta bastante contrária aquela divulgada pela SUDHEVEA através da Rádio Nacional.

É o outro lado da moeda, preto que nem a pele da borracha, cuja produção se pretende esticar enquanto as condições de vida dos seringueiros se encurtam...

Manaus, 06 de outubro de 1985

Acervo ISA

1. REFORMA AGRÁRIA:

O levantamento das terras, feito pelo Instituto de Terras do Amazonas (ITERAM), é bastante falho e precário. Não se sabe quais as terras legalmente e definitivamente tituladas.

Quando o ITERAM comunica a existência de terras devolutas na região, o Instituto está sendo contastado pelo Judiciário como aconteceu recentemente no município de Carauari.

Os seringueiros pedem SEGURANÇA NA TERRA. A inchação das cidades do Amazonas é juntamente causada pela insegurança na terra além da falta de assistênica como veremos mais adiante.

Pede-se, com urgência, que o ITERAM divulgue a situação fundiária de cada Município aos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais. Assim, os seringueiros conhecerão a situação legal da sua área de trabalho. No caso de morarem em terras devolutas, os trabalhadores rurais terão assegurado o direito de obter o título definitivo onde possam exercer, com segurança, a sua profissão de seringueiro, castanheiro e agricultor.

Pede-se a respeito das terras tituladas uma rigorosa fiscalização em relação a sua legalidade, e que cumpram sua função social conforme a lei. Ao mesmo tempo pede-se uma fiscalização a respeito do cumprimento de pagamento do ITR.

A APLUB - AGRO-FLORESTAL AMAZÔNICA S/A, uma empresa que constitui o 2º maior latifúndio do Estado do Amazonas, se diz detentora de quase 2.000.00 milhões de hectares de terra, está com uma dívida altíssima do OTR, conforme denúncia. A referida área abrange 3 Municípios do Estado sendo que a Firma não ocupa nem 1000 hectares com suas atividades agro-pecuárias. Ela prejudica altamente a expansão agrícola de um município, em crescimento, como Carauari.

Além da APLUB, muitos seringais estão com suas terras ociosas. Os últimos não conseguem atrair os seringueiros para trabalharem em suas áreas devido as relações de trabalho escravizantes. A PROBOR 1,11 e 111 nunca conseguiu alcançar seus objetivos. Ao contrário, facilitou as falcatruas de muitos seringalistas que aplicaram o dinheiro fácil em outros negócios como compra de casas, embarcações, comércio e aplicação no mercado financeiro.

Pede-se que, na titulação da terra para o seringueiro, não seja levado em conta os modulos pre-estabelecidos pelo INCRA, mas sim que obedeça as características das estradas de seringa a serem demarcadas por técnicos com a participação dos próprios seringueiros. (O ideal seria um título comunitário sendo instituidos cooperativas da Reforma Agrária).

Pede-se que nas áreas de propriedades particulares seja instituido o Contrato de Arrendamento cujo conteúdo obrigue os proprietários a cumprir com a função social da terra. Pede-se uma ampla discussão sobre este assunto.

Acervo ISA

Ainda a respeito da REFORMA AGRÁRIA, discutimos outros ítens que não foram aprofundados como assistência técnica, o plantio de culturas perenas etc.

2. COBAL/SUDHEVEA:

A meta da COBAL/SUDHEVEA não está sendo alcançada. O órgão pretende fixar o homem no campo através de mercadorias subsidiadas e, consequentemente baratas. Acontece que os seringalistas nunca obedecem a taxa de acréscimo estipulada pela SUDHEVEA para a venda ao seringueiro. Ao contrário, vende-se as mercadorias por preços exorbitantes como mostram as tomadas de preços das várias áreas apresentadas nesta reunião. Um exemplo simples: para comprar um quilo de café no valor de Cr$ 120.000, o seringueiro tem que produzir 17 quilos de borracha. O exemplo é regra, não exceção.

Apesar das denúncias, as mercadorias da COBAL/SUDHEVEA continuam sendo vendidas aos comerciantes a regatões.

Pede-se um atendimento às denúncias feitas a uma fiscalização constante da SUDHEVEA/COBAL.

Pede-se que o barco da COBAl compre a borracha em troca de mercadorias e encostem nos lugares indicados pelos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais e obedeça pontualmente o roteiro de viagem, inclusive, divulgando o mesmo pela Rádio Rio Mar.

Pede-se o atendimento do barco da COBAL no rio Jutaí.

Pede-se que se criem em Novo Aripuanã em outros municípios onde existam condições, cantinas (cooperativas da COBAL/SUDHEVEA) administradas pelos próprios seringueiros.

Pede-se a divulgação constante dos novos preços da borracha e das mercadorias da COBAL pelos rádios e, diretamente, aos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais.

Pede-se que a SUDHEVEA confeccione formulários de compra e venda da mercadorias a borracha.

Observação: Há muitas queixas a respeito da administração nos seringais, pois as notas de compra e venda, quando fornecidas, na maioria das vezes são ilegíveis e incompreensíveis.

3. EDUCAÇÃO:

O fator 'educação' é outro que igualmente preocupa as famílias dos seringueiros espalhados pelos seringais do Amazonas, visto que todos, sem distinção, almejam para seus filhos, 'dias melhores, diferentes dos que vivemos'.

No Amazonas, quase todos os seringueiros são analfabetos apesar de vários convênios que foram firmados entre a SUDHEVEA-Instituto de Educação Rural(IERA-Am.) - Prefeituras Municipais e SEDUC.

Nunca houve uma preparação adequada para os candidatos a professor.

Pede-se um melhor entrosamento com entidades que trabalham no interior como MEB-EMATER, Sindicatos, Paróquias-SUCAM, na indicação de pessoas que possam servir de professores.

Acervo ISA

- Que os mesmos recebam um curso intensivo e prolongado para preparar sua missão.
- Que tenham as suas Carteiras Profissionais assinadas com todos os direitos trabalhistas.
- Que haja pagamento justo em prazos corretos. (Os professores do município de Carauari receberam seus vencimentos de oito meses no início de outubro do presente ano).
- A construção de mais escolas nos seringais.
- Que se continue elaborando material adequado para o ensino de leitura, escrita e operações matemáticas.
- Que seja fornecido material escolar, inclusive iluminação mais adequada para as aulas noturnas.
- Que haja merenda escolar para as escolas dos seringais.

4. SAÚDE:

Os barcos Seringueiro 1 e 11 não estão cumprindo o que deles se divulga pela Rádio Nacional da Amazônia. Não obedecem o roteiro de viagem, atendem poucos seringais que, no conjunto, comportam uma minoria da população, enquanto a maioria dos seringais, e consequentemente, dos seringueiros ficam sem assistência médica e odontológica.

Pede-se que a SUDHEVEA relacione os seringais de maior densidade demográfica indicados pelos próprios seringueiros através dos seus Sindicatos.

- Que além da assistência médica e odontológica, se procure conhecer a situação sanitária dos seringais e se proporcione reuniões e palestras sobre saúde preventiva.

- Que se inclua na equipe de bordo um oftalmologista e estoques de óculos. (Isso permitira que muitos estudassem, visto que a deficiência visual dos seringueiros, consequência na maioria das vezes, péssimas condições de trabalho no defumador, é um obstáculo ao estudo).
- Que haja preparação de agentes de saúde que possam atuar em pontos estratégicos nos Postos de Saúde mantidos pela SUDHEVEA.
- Que estes Postos de Saúde sejam abastecidos com maior quantidade de remédios, entre outros, sulfona e soro-antiofídico, medicamentos bastante necessários na região amazônica.
- Que os médicos dos barcos sejam credenciados para encaminharem os formulários de aposentadoria por invalidez dos hansenianos.

5. SUDEPE E IBDF:

A atuação destes órgãos governamentais é fraca e deficiente no interior do Estado. Pratica-se a pesca predatória em grande escala através dos barcos pesqueiros de Manaus. Chega-se ao cúmulo de alugar legos prejudicando altamente os seus moradores. Coloca-se rede de arrastão nas bocas dos rios, afluentes e igarapés na época de desova do pescado. Despuja-se no rio toneladas de peixe quando se encontra outros cardumes de maior valor comercial.

Em muitos seringais, se mantem currais de quelônios para comercialização. Para isto, os seringalistas procuram manter o domínio dos tabuleiros, com licença do IBDF, alegando que é para a preservação da espécie.

Acervo ISA

Por incrível que pareça, o Amazonas, habitante de maior bacia hidrográfica do mundo, passa fome devido à pesca predatória.

Pede-se uma maior fiscalização, educativa e não repressiva, no que diz respeito aos ribeirinhos, por parte da SUDEPE e IBDF.

Que haja uma abertura temporária de caça ao jacaré que esta se tornando perigo para o homem interiorano.

Acervo ISA

RELATÓRIO DO RESULTADO DAS REUNIÕES DOS SERINGUEIROS DO MUNICÍPIO DO NOVO ARIPUANÃ - AMAZONAS.

Os seringueiros dos rios Madeira, Marepáua, e Paranã das Araras, reunidos nas Comunidades de: Repartimento, Belas-Águas, Miriti, Paicáua, Boca do Barrigudo, Tacíria, S. José, Remanso e Jacaré-Grande; todos reunidos nos dias 27, 28 e 29 de junho de 1984, pela primeira vez, e nos dias 3,4 e 5 de setembro de 1985, pela segunda vez;

Ao mesmo tempo, os seringueiros dos rios: Aripuanã, Araua, Juma, Guariba e Castanho; reunidos nas Comunidades de Alvorada, Matámatã, Piuntuba e Prainha, nos dias 27, 28 e 29 de junho de 1984, pela primeira vez e nos dias 3,4 e 5 de setembro de 1985, pela segunda vez;

Resolveram criar o grupo denominado "Companheiros do Aripuanã", e resolveram todos ao mesmo tempo levantar quatro questões, que são as seguintes: a situação dos seringueiros no município; prestação de assistência técnica, financeira, médica, social e educacional; Reforma Agrária especificada para os seringueiros; e uma participação direta dos seringueiros, agricultores, garimpeiros e pescadores na Nova Constituinte.

O resumo destes estudos realizados nas nossas reuniões foram os seguintes:

LEI COMPANHEIROS DO ARIPUANÃ

1ª Questão

O SERINGUEIRO E SEUS DIREITOS

Capítulo 1º

Artigo 1º - Liberdade para os seringueiros...

Letra (a) - Os seringueiros devem lutar pela extinção dos 30% da produção bruta cobrada pelos patrões, como arrendamento das estradas e para que os seus produtos sejam pagos com dinheiro.

Letra (b) - Luta pelas terras onde moram e trabalham, nas quais se encontram as estradas de seringa.

Letra (c) - Exigir das autoridades o título definitivo de suas posses ou colocação, e garantia através de leis contra eventuais agressões por parte dos ex-patrões e seus jagunços.

Acervo ISA

Letra (d)- Comunicar, e denunciar qualquer tipo de arbitrariedade às comunidades vizinhas, aos Sindicatos, às autoridades competentes, à CPT, à CUT, à CONCLAT e demais Entidades de apoio que haja em solidariedade mútua, inclusive à imprensa.

Artigo 2º - Política de preços para produtos nativos vegetais

Letra (a)- Lutar junto à SUDHEVEA e empresas interessadas, por melhores preços para a borracha, a castanha, a sorva, a balata, copaíba, a piaçaba, a massaranduba, o caucho, a madeira de lei e o cumarú, especificamente.

Letra (b)- Lutar por menores preços nos artigos de caça e pesca, como sejam: linha, anzol, chumbo, arpoeiras, bóias, corricos, chumbo de caça, cartuchos, pólvora, espoletas, espingardas etc, bem como exigir uma lei que obrigue o IBDF e a SUDEPE a expedirem carteiras de autorização aos seringueiros para o uso e manuseio de tais instrumentos para a sua subsistência e de seus familiares.

Letra (c)- Autoridade para impedir a caça e a pesca predatória extensivo ao bicho de casco e sua comercialização.

2ª Questão

PRESTAÇÃO DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA, FINANCEIRA, MÉDICA, SOCIAL E EDUCACIONAL.

Artigo 3º - Assistência técnica integral!

Letra (a)- Exigir uma lei que obrigue a EMATER, a ASTER, outros órgãos de assistência técnica, a dar assistência integral aos projetos de plantação de seringueiras nativas, castanheiras, fruticultura em geral e agricultura dos pequenos produtores da borracha.

Letra (b)- Lutar junto à SUDHEVEA pela implantação de mini-usinas e bio-digestores, nas comunidades produtoras de borracha.

Artigo 4º - Política financeira para os seringueiros

Parágrafo 1º Exigir do Governo Federal, uma lei que obrigue a SUDHEVEA, a SUDAM, e outros organismos financeiros do governo a conceder empréstimos a baixos juros aos pequenos produtores de bor

Acervo ISA

racha natural (seringueiro) para o custeio de pequenos projetos.

Parágrafo 2º. Exigir da SUDHEVEA e da SUDAM, a aprovação de pequenos projetos para a plantação de seringueiras nativas, castanheiras, fruticultura em geral; bem como para a conservação das seringueiras nativas adultas e produtoras.

Parágrafo 3º. Crédito para instalação de cantinas comunitárias mantidas pela Companhia Brasileira de Alimentos (COBAL), a fim de facilitar a vida dos seringueiros.

Artigo 5º - Assistência médica-hospitalar e odontológica.

Parágrafo 1º. Exigir da SUDHEVEA e demais órgãos de saúde, a visita de um médico e um dentista nas comunidades produtoras de borracha, nos baixos rios e nos altos rios, pelo menos de 3 em 3 meses.

Parágrafo 2º. Pedir a implantação de um posto médico com abastecimento de medicamentos de primeiros socorros e a permanência de pelo menos um enfermeiro(a) em cada comunidade dos baixos rios e dos altos rios, mantidos pela SUDHEVEA, ou outro órgão de saúde pública.

Parágrafo 3º. Que o posto médico funcione todos os dias ininterruptamente, principalmente nos casos considerados de emergência.

Parágrafo 4º. Prioridade no atendimento nos hospitais quando necessário se fizer ao seringueiro e seus familiares, especialmente em casos de internamento.

Parágrafo 5º. Visita regular da SUCAM às comunidades produtoras de borracha natural dos baixos rios e dos altos rios de cada Município.

Artigo 6º - Assistência social para todos

Letra (a) - Toda comunidade deve possuir em sua sede comunitária: uma capela, um grupo escolar, um posto médico, uma delegacia sindical, filiada ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município, uma cantina para venda de objetos, utensílios domésticos, ferramentas e gêneros alimentícios, uma

Acervo ISA

ou mais mini-usinas, um bio-digestor, um campo de futebol e uma sede recreativa.

Letra (b) - A escola deve ser expansiva aos adultos e às crianças; os adultos terão suas aulas ministradas por professores do MOBRAL.

Letra (c) - A manutenção do grupo escolar deve ser feita pela SUDHEVEA, Prefeitura, SEDUC ou pelo Sindicato.

Letra (d) - Exigir da SUDHEVEA, Prefeitura e SEDUC o fornecimento de todo material escolar, como sejam: mesas, cadeiras, estantes, quadros de gis, cadernos, livros, lápis, canetas, borrachas, réguas, esquadras, cartolina, vassouras, merenda escolar, material de copa, material higiênico e o pagamento dos professores.

Letra (e) - Exigir da Prefeitura, SEDUC, MOBRAL, ou outros órgãos administrativos o fornecimento dos pavilhões (Bandeiras) Nacional e Estadual.

Letra (f) - Reivindicar junto à Prelazia ou Paróquia, a visita pastoral do vigário pelo menos 4 vezes ao ano.

Letra (g) - Pedir ajuda ao Ministério de Educação e Cultura sobre a área de esportes em geral.

Letra (h) - Exigir um posto do MOBRAL em suas linhas gerais para cada comunidade.

Artigo 7º - Educação para todos!

Parágrafo 1º. Todas as pessoas da comunidade devem estudar, assim as crianças como os adultos, bem como participar da área de lazer.

Parágrafo 2º. Exigir a visita de supervisores de educação pelo menos três vezes ao ano.

Parágrafo 3º. Os professores devem ter pelo menos a terceira série primária concluída e falar a linguagem da comunidade.

Acervo ISA

3ª Questão

REFORMA AGRÁRIA EM SEU PLANO POPULAR: DE ACORDO COM OS "COMPANHEIROS DO ARIPUANÃ"

Capítulo 2º

Artigo 8º - Terra própria para os seringueiros.

Parágrafo 1º. Divisão da terra específica para as áreas de seringais nativos.

Letra (a) - Todo seringueiro deve receber uma área de terra que tenha de uma a três estradas de seringa.

Parágrafo 2º. Deve possuir um título definitivo, específico, onde reze que ele não pode vender, arrendar, aforar, ou fazer qualquer tipo de comércio com a terra.

Parágrafo 3º. A área de terra pertencente a cada seringueiro, além das estradas de seringa, deve possuir uma reserva florestal para a execução de seus projetos de plantação e cultivo de seringueiras nativas, castanheiras, fruticultura e agricultura.

Parágrafo 4º. Aprovação e financiamento para os seus projetos de plantação, de mini-usinas, de bio-digestores, de cantinas comunitárias e até para o fabrico de borracha natural de cada ano.

Artigo 9º - Assistência Técnica

Parágrafo 1º. Todo seringueiro deve receber orientação técnica por parte dos órgãos de extensão rural do governo, gratuitamente nos seus projetos de plantação, cultivo e conservação das culturas anteriores assim como para as mini-usinas e bio-digestores.

Parágrafo 2º. Fornecimento de técnicos e material específico para ajudar na elaboração dos projetos agrários de cada pequeno produtor de borracha natural.

Letra (a) - Este fornecimento deve ser feito em caráter de gratuidade.

Acervo ISA

Artigo 10 - Liberdade de ação e trabalho

Letra (a) - As terras distribuídas para cada seringueiro devem ser demarcadas pelos próprios seringueiros, em regime de mutirão, pois são eles que melhor conhecem suas áreas de atividades.

Letra (b) - Política educacional voltada para os seringueiros de todos os municípios produtores de borracha natural do Brasil.

Letra (c) - As áreas de terras dos seringueiros não devem nem podem obedecer a loteamentos comuns ou projetos dirigidos pelo ITERAM, GETAT ou INCRA especificamente, pelo fato dos mesmos dependerem de maiores áreas de ação.

Letra (d) - Empréstimos bancários através de projetos aprovados pela SUDHEVEA e pela SUDAM, com juros baixos e a longo prazo.

Letra (e) - Saúde pública ao alcance de todos os seringueiros e seus familiares, a fim de erradicar as epidemias que infestam os seringais nativos dos altos rios.

4ª Questão

PARTICIPAÇÃO DE TODOS OS TRABALHADORES RURAIS, MAIS ESPECIFICAMENTE OS EXTRATIVISTAS, NA CRIAÇÃO DA NOVA CONSTITUINTE.

PROPOSTA PARA A NOVA CONSTITUINTE DE ACORDO COM OS "COMPANHEIROS DO ARIPUANÃ".

Artigo 1º - Proposta para a Constituinte

Parágrafo 1º. Considerando:

Que o direito de votar é vetado a determinadas graduações militares,

Propomos:

Que o direito de votar seja extensivo aos cabos, aos soldados e aos marinheiros.

Acervo ISA

Parágrafo 2º. Considerando:

O avanço do poder econômico no processo eleitoral, especialmente nos municípios,

Propomos:

Medidas concretas contra este tipo de investimentos.

Parágrafo 3º. Considerando:

Que o sindicalismo no Brasil é completamente controlado pelo governo,

Propomos:

Liberdade e autonomia sindical em todos os níveis

Artigo 2º - Política no meio rural

Letra (a) - Considerando:

A privaticidade política sofrida pelas camadas menos favorecidas, especialmente o trabalhador rural,

Propomos:

Liberdade de organização política.

Letra (b) - Considerando:

O esforço que a igreja vem fazendo em favor da população rural,

Propomos:

Liberdade de ação para a Comissão Pastoral da Terra(CPT) no meio rural e junto às repartições fundiárias.

Letra (c) - Considerando:

o grande número de trabalhadores sem terra e o número de conflitos entre posseiros e latifundiários, inclusive proporcionando muitas mortes,

Propomos:

Reforma Agrária especificada para os seringueiros, para todos os trabalhadores rurais, e sob o controle dos mesmos.

Letra (d) - Considerando:

A alta inflação do país e o alto custo de vida nos altos rios e nos baixos rios,

Propomos:

Salário família para os seringueiros com mais de quatro filhos e auxílio natalidade para as suas esposas.

Acervo ISA

PRODUTOS DO RIO ARIPUANÃ E SEUS AFLUENTES

Borracha	450.000	Kilos
Madeira em toras	1.000	M.cúbicos
Cedro beneficiado	2.000	M.cúbicos
Itaúba beneficiado	250	M.cúbicos
Castanha	12.000	Equitolitros
Andiroba	1.000	Litros
Copaíba	15.000	Kilos
Massaranduba	1.000	Kilos
Sôva	50.000	Kilos
Batata	3.000	Kilos
Jutaicíca	1.000	Kilos
Cipó	3.000	Kilos
Pau-rosa	1.300	Toneladas

PRODUTOS DO RIO MADEIRA E SEUS AFLUENTES

Borracha	800.000	Kilos
Madeira em toras	300.000	Metros Cúbicos
Cedro Beneficiado	1.000	Metros Cúbicos
Itaúba	2.000	Metros Cúbicos
Castanha	70.000	Equitolitros
Andiroba	1.500	Litros
Copaíba	17.000	Kilos
Massaranduba	6.000	Kilos
Sôva	300.000	Kilos
Batata	6.000	Kilos
Jutaicíca	3.500	Kilos
Cipó	10.000	Kilos
Pau-Rosa	4.500	Toneladas

Acervo ISA

Depoimento do Sr. Edilson Ferreira do Nascimento, seringueiro do Alto Rio Guaríba, na altura dos cinco dias de viagem da foz do rio Aripuanã.

Relação dos preços de mercadorias, nos meses de abril e agosto de 1985

		Abril	Agosto
Café	Kilo	120.000,00	170.000,00
Açucar	Kilo	5.000,00	8.000,00
Sabão / tablete 200	Gramas	5.000,00	7.000,00
Farinha de mandioca	saco	150.000,00	280.000,00
Sal	Kilo	5.000,00	8.000,00
Leite em pó	Lata	15.000,00	24.000,00
Óleo Comestível	Lata	15.000,00	25.000,00
Fósforo	M	10.000,00	15.000,00
Querozene	Lata	7.000,00	10.000,00
Gazolina	Lata	6.000,00	10.000,00
Combostoll	Lata	5.000,00	8.000,00
Óleo lubrificante	Lata	35.000,00	50.000,00
Tabaco	Kilo	80.000,00	110.000,00
Papilim	M	15.000,00	25.000,00
Pilha	Un.	4.000,00	7.000,00
Esqueiro Bic	Un.	7.000,00	10.000,00
Lápis	Un.	2.000,00	3.000,00
Chumbo de caça	Kilo	60.000,00	90.000,00
Pólvora	Kilo	70.000,00	100.000,00
Espoleta	Un.	1.000,00	1.500,00
Cartucho	Un.	10.000,00	15.000,00
Espingarda	Un.	1.500.000,00	2.100.000,00
Aguardente	Gf.	10.000,00	15.000,00
Anzol	Un.	1.000,00	2.000,00
Sandália Havaiana	Par	20.000,00	30.000,00
Calção	Un.	50.000,00	70.000,00
Camisa de Meia Adidas	Un.	150.000,00	200.000,00

Estes preços são validos até o fim do mês de dezembro de 1985.

Acervo ISA

Preço pago por cada kilo de borracha depois de retirada a porcentagem de 25% do fornecedor.

	abril	agosto
Kilo	5.000,00	7.000,00

Quem fica devendo ao fornecedor paga um juro de 30% sobre a dívida até o início do próximo fábrico.

Acervo ISA

PROPOSTA DOS SERINGUEIROS E SOLDADOS DA BORRACHA, EXTRAÍDAS DAS REUNIÕES REALIZADAS EM 13/09 e 18/09 NA SECRETARIA MUNICIPAL DE PROMOÇÃO SOCIAL - PIMENTA BUENO/RO.

01. Extinguir o "atravessador", através da criação de um Órgão Público com a função de fornecer a mercadoria aos seringueiros e comprar a borracha por um preço justo pré-estabelecido e igual a todos os seringueiros.

02. Criação de uma Cooperativa e um Banco Financiador da seringa.

03. Terra doada pelo Governo para todos os Seringueiros trabalharem "no que é seu".

04. Criação de infra-estrutura básica nas áreas doadas aos seringueiros ou Soldados da Borracha; posto de saúde, escolas e estradas.

05. Aposentadoria para o seringueiro com mais de 25 anos de trabalho ou 55 anos de idade, que seja importância superior à dada pelo INPS(FUNRURAL).

06. Para os Soldados da Borracha, uma indenização que pode ser em dinheiro, terra ou aposentadoria justa.

Observação: Quanto à questão da terra, os seringueiros ressaltam querer terras livres onde não haja exigência do INCRA em este se transformar em colono.

Pimenta Bueno(RO), 19 de setembro de 1985.

Acervo ISA

CARTA ABERTA

Os moradores da localidade de Alto Paraíso do Floresta, que fica à margem do Rio Floresta, entrando 20 km de mata a altura do km 63 da BR 421, malha esquerda, residem naquela área há 20 anos explorando o corte das seringueiras nativas que existem por lá, enfrentando todas as dificuldades de doenças, saques dos índios uruê-au-au e a exploração dos marreteiros. O marreteiro sempre foi o maior problema para os seringueiros. Hoje eles vendem um rancho de suas caixinhas de lâmina para barbear, dois isqueiros bic; dois pacotinhos de papel para fumo; duas latas de salchicha; duas latas pequenas de carne; um quilo de bolacha água e sal; uma lata de óleo comestível; três latas pequenas de leite em pó mococa; seis quilos de açucar; trezentas gramas de alho e cinco barras pequenas de sabão, pelo preço de trezentos mil cruzeiros que recebem em borracha.

Além de todos esses problemas, no final do ano de 1983 o INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - cortou, para transformar em lotes de cinquenta hectares, parte da área dos seringueiros para transformar em Projeto de Colonização, e hoje, em 1985, a FUNAI está requerendo a área que resta com oito mil seringueiras nativas, para reserva indígena, querendo desapropriar mais de trinta famílias que vivem exclusivamente de seringueiras na região.

Esta carta é para pedir solidariedade e ajuda a essas famílias que querem continuar tendo condições de morar e trabalhar para sobreviverem.

Ariquemes, 28 de setembro de 1985

Acervo

Associação dos Soldados da Borracha e Seringueiros de Ariquemes

Entidade de Utilidade Publica Lei Municipal n.º 045

Av. Artur Mangabeira. Bairro Mal. Rondon n.º 536 — Ariquemes Rondonia

CGC-MF 05.757.331/0001-94

REUNIÃO DA COMISSÃO ORGANIZADORA DO I ENCONTRO NACIONAL DE SERINGUEIROS E SOLDADOS DA BORRACHA - RONDÔNIA

Ariquemes, 22 de setembro de 89

- RELATÓRIO:

Conforme ficou estabelecido no I Encontro Estadual de Seringueiros e Soldados da Borracha, realizado em Ariquemes, nos dias 31 de agôsto e 1º de setembro, e dando continuidade aos preparativos para o Encontro Nacional que será realizado em Brasília e contará com a participação de representantes da classe dos Estados do Acre, Amazônas e Rondônia, compareceram à reunião da Comissão Organizadora de Rondônia, no dia 21 de setembro próximo passado, as delegações de Vilhena (20 participantes), Ariquemes (10), Jarú, Pimenta Bueno, Cacoal, Colorado d'Oeste Ji-Paraná e Rolim de Moura com um representante de cada. Não comparecendo as representações de Guajará-Mirim e Porto Velho, sendo que esta última recebeu convite especial feito por uma Comissão que estove na Capital em 11 de setembro.

Diversos assuntos foram tratados na reunião, sendo confirmada por unanimidade a data do Encontro Nacional para o período de 11 a 18 de outubro de 1.989, pois havia ainda algumas dúvidas a esse respeito, dependendo de confirmação.

Foram explanadas as atividades, desenvolvidas em cada Município, pelos representantes da Comissão, no período de 1º a 20 de setembro, para adiantar os contatos com a classe de Seringueiros e Soldados da Borracha.

Em Vilhena, foram mobilizados Soldados da Borracha até Cabixi (extremo sul do Município e Estado pois não existem Seringueiros em atividade em função da extinção do

seringais.

Em Pimenta Bueno, foram feitas duas reuniões nos dias 13 e 18 de setembro, comparecendo 21 e 27 pessoas respectivamente, onde foram preparadas as propostas apresentadas em plenária, qual encaminhada em anéxo.

Em Cacoal o Rolin de Moura enviaram somente Soldados da Borracha que foram comunicados das decisões do Encontro Estadual.

A Associação dos Soldados da Borracha e Seringueiros de Ji-Paraná, conta com 200 sócios e todos foram mobilisados para tomarem conhecimentos do Encontro Nacional e as reivindicações que serão encaminhadas.

Os representantes do Jarú e Ouro Preto, for divulgação através da Rádio Nacional e distribuiu, em contatos pessoais, com Soldados da Borracha e Seringueiros em atividade, o relatório do I Encontro Estadual.

Ariquemes reuniu-se para avaliar o resultado do Encontro Estadual e participar àqueles companheiros que não se fizeram presentes. Os Seringueiros da ativa, fizeram uma reunião onde estavam presentes as pessoas definindo alguns objetivos de lutas:

01) - Extinguir o atravessador;
02) - Terra doada para os Seringueiros;
03) - Não extinção dos seringais existentes;
04) - Organisar-se para conseguirem os objetivos acima.

Após alguns esclarecimentos por parte dos Técnicos da Delegacia do Trabalho e Promoção Social, Marli Rapoco, assessora da Associação dos Soldados da Borracha e Seringueiros de Ariquemes, Ana Maria Alves de Avelar, Socióloga e Deleg

Acervo ISA

da da Delegacia do Trabalho e Promoção Social, o Fernando Portela Rosa, arquiteto e responsável pelo Setor do Trabalho. Tivemos também a participação do Carlos Corrêia Teixeira, Antropólogo da PUCSP e professor da UNIR; foi realizada a seleção dos participantes da Rondônia para o Encontro Nacional de Brasília, a partir do critérios estabelecidos por todos, sendo critério principal de que os Delegados para o Encontro lutem por toda a Classe ou seja, que lutem por "Nós".

Ficou estabelecido então a participação da seguinte forma:

Município	Nº do S. B.	Nº do Serin	Total
Ariquemes	03	04	07
Ji-Paraná/Pte. Médico	03	03	06
Vilhena	02	01	03
Jarú/Ouro Preto	02	04	06
Cacoal	01	*	01
Colorado D'Oeste	01	01	02
Rolim de Moura	*	01	01
Guajará Mirim	01	01	02
Pimenta Bueno	01	02	03
Corejeiras	01	01	02
T O T A L	15	18	33

Acervo ISA

PONTOS SOBRE UMA POLÍTICA PARA A BORRACHA

João Antonio de Paula

01. A Amazônia brasileira tem peculiaridades históricas que a tornam expressão clássica, paradigmática, de região dependente, economia reflexa, subordinada a interesses externos quase sempre lesivos à região. Tem sido esta a história da Amazônia desde a época colonial, situação não modificada no essencial até hoje, o que faz dela uma espécie de "periferia da periferia".

02. Em passado recente a Amazônia foi objeto de intenso processo de ocupação comandado sobretudo pelo grande capital sob o manto protetor do Estado. Trata-se de redefinição da estratégia de ocupação da Amazônia, praticada pelo Governo brasileiro a partir de 1964. Nesta nova estratégia o objetivo explícito é a entrega da Amazônia à chamada exploração racional, à grande empresa capitalista. Neste sentido impôs-se um conjunto de políticas para a região.

O governo federal e os governos estaduais da região tornar-se-ão as grandes alavancas da estratégia de atração do grande capital através de medidas como os incentivos fiscais, os programas especiais de financiamentos, os favorecimentos e privilégios concedidos etc...

Ao par disto algumas medidas de política econômica gerais adotadas pelo governo federal acabaram repercutindo incisivamente na região. No caso específico da política de restrição de crédito, houve penalização geral das pequenas e médias empresas e

Acervo ISA

da produção tradicional da Amazônia; a borracha e a castanha. Falidos, seringais e castanhais foram vendidos a preços aviltados, fortalecendo ainda mais a febre de especulação fundiária em curso, a reconstrução fundiária, a desestabilização das culturas tradicionais da região.

03. Ao lado desta reconcentração fundiária há intensos fluxos migratórios para a região de pequenos produtores tangidos de seus locais de origem por falta de terra, pela possibilidade aberta com o diferencial de preços das terras entre o Sul- Sudeste e a Amazônia.

Lembre-se ainda a fantasia autoritária do Governo do "milagre" e sua "colonização": a transplantação de nordestinos sem terra para a Amazônia, a Transamazônica, a Perimetral Norte, etc..

04. A eclosão destes processos redefiniu um quadro para a Amazônia em que ao lado dos problemas tradicionais, novas questões e conflitos explodiam fazendo da região espaço da mais intensa e complexa luta pela terra no Brasil.

A Questão da Reforma Agrária

05. Neste contexto assume particular importância a questão da Reforma Agrária. O plano anunciado pelo Governo em 10 de outubro é certamente um avanço em relação ao passado de insensibilidade e defesa de privilégios que tem caracterizado os Governos entre nós. Contudo ele está muito aquém de responder tanto às questões gerais dos trabalhadores sem terra no Brasil, quanto às questões específicas como as dos seringueiros.

A Questão dos Seringueiros

06. A Reforma Agrária necessária e que queremos deve começar por contemplar as especificidades dos vários segmentos dos produtores rurais brasileiros. No caso específico dos seringueiros

Acervo ISA

isto significa que ao par de garantir-lhes a propriedade da terra se lhes garantam, também, além de preços justos, acesso à linha de crédito especial destinada à formação de "roçado", formação de seringal de cultivo, além de internalização tanto da rede de comercialização da borracha através do BASA, quanto de postos da COBAL.

A definição anterior parte do suposto básico de que não é possível a emancipação do seringueiro que não seja também a sua libertação das correntes do aviamento e do barracão, que não seja a possibilidade de substituição do seringal nativo pelo de cultivo.

07. A emancipação do seringueiro passa também pela implantação de equipamentos coletivos de beneficiamento de látex como as mini-usinas, ou seja, que a cooperativização é momento essencial daquele processo. Cooperativas de produção e consumo que barateiem custos de produção e de comercialização, que barateiem os custos de manutenção dos seringueiros e suas famílias.

08. Que não é possível a emancipação do seringueiro que não seja acompanhada pelo resgate de sua cidadania, de seu acesso à educação e à informação, ao pleno exercício de seus direitos na sociedade civil brasileira.

09. Que a emancipação do seringueiro terá que ser também a oferta adequada de serviços de saúde, de infraestrutura, de serviços básicos (saneamento, água, energia, comunicação, etc.).

FOLHA DO ACRE

30.8.85

Folha do Acre

3

RIO BRANCO, SEXTA-FEIRA, 30 DE AGOSTO DE 1985

Seringueiros da Amazônia têm reunião em Brasília

Brasília (Sucursal) — De 12 a 10 de outubro próximo, Brasília, a Capital Federal, será palco de uma primeira e muito importante reunião de seringueiros de três Estados da Amazônia: Acre, Rondônia e Amazonas.

Durante estes cinco dias, mais de 200 seringueiros representantes das mais diferentes áreas de produção de borracha, Amazônia Ocidental estarão discutindo seus problemas e dificuldades no Auditório Nereu Ramos, da Câmara dos Deputados. Esta será a primeira oportunidade que os seringueiros brasileiros terão para debater em conjunto, na presença de autoridades e políticos federais, os seus problemas e dificuldades na Região Amazônica. Muitos serão os assuntos a serem discutidos, indo desde a necessidade de implantação de uma reforma agrária que solve os seringais nativos da Região, até questões de organização em entidades de classe a nível local, regional e nacional.

Este encontro está sendo preparado pelos próprios sindicatos de trabalhadores rurais dos três Estados com a ajuda do INESC — Instituto de Estudos Sócio-Econômicos — e promete se converter na primeira oportunidade que os seringueiros terão de mostrar ao Brasil inteiro a importância estratégica que o seu trabalho — a extração da seringa — representa em todo o setor da economia nacional. E para isto, os seringueiros presentes em Brasília, farão tudo para chamar as atenções das autoridades e da população brasileira para os graves problemas que a atividade vem enfrentando ao longo das últimas décadas.

Do Estado do Acre, estarão participando mais de 50 seringueiros, provenientes de vários municípios da Região.

Na próxima semana, uma das assessoras do INESC a professora Mary Helena Alegretti, estará chegando no Acre para tratar com os seringueiros e sindicatos da Região dos últimos preparativos para a participação do Acre neste encontro de seringueiros na Capital Federal.

43

Acervo ISA

O RIO BRANCO
17.9.85

MARCO POLÍTICO

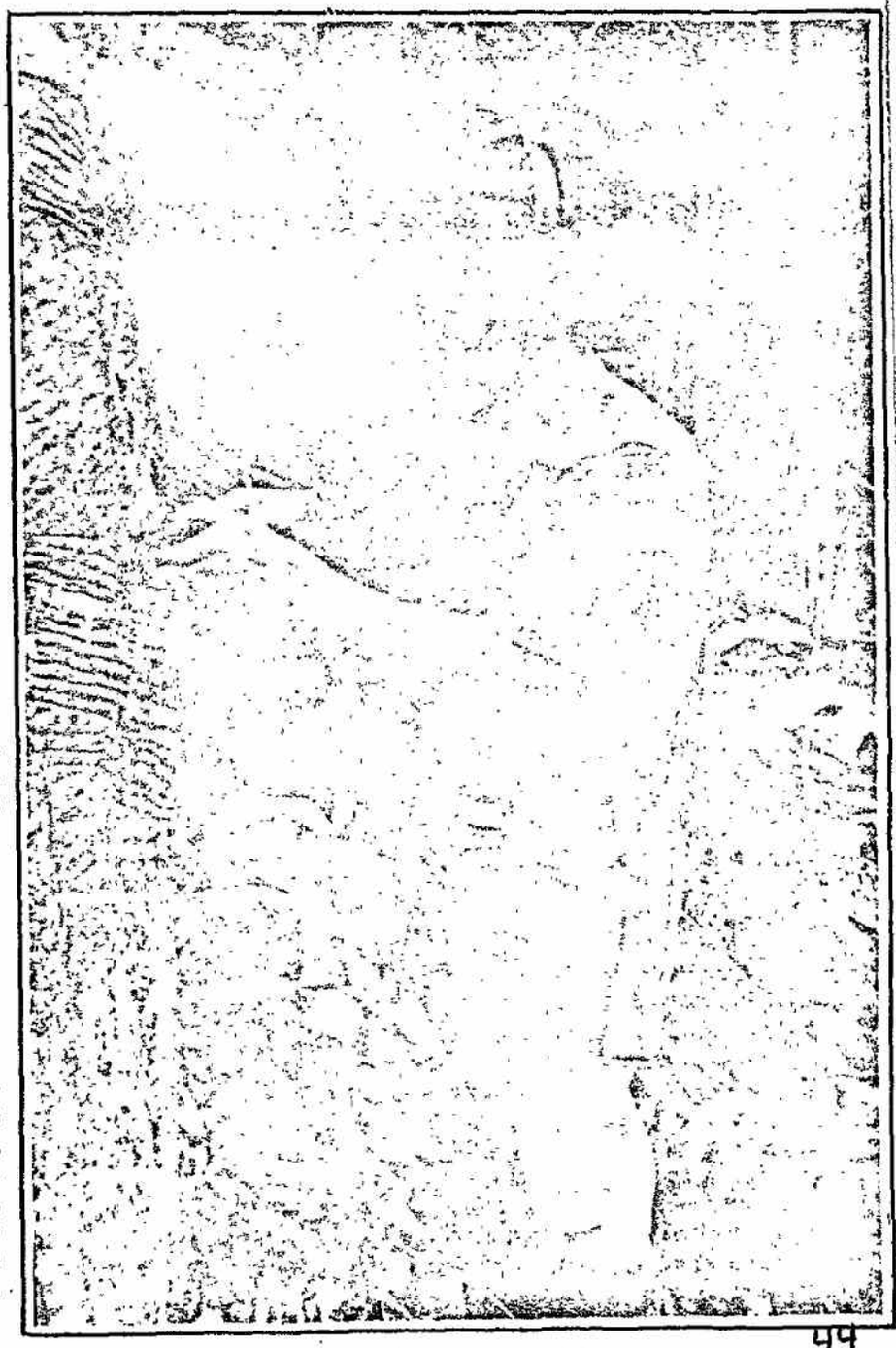
Seringueiros finalmente farão encontro nacional em Brasília

Seringueiros do Acre, Amazonas e Rondônia, representando aproximadamente 200 mil pessoas que dependem diretamente da extração de borracha na Amazônia, participarão do I Encontro Nacional de Seringueiros, em Brasília, entre os dias 11 e 17 de outubro, organizado pela Fundação Pró-Memória, do Ministério da Cultura, e o Instituto de Estudos Sócio-Econômicos — Inesc.

O encontro, que reunirá 130 seringueiros, será realizado na Universidade de Brasília, objetiva reivindicar às autoridades da Nova República uma política justa para o extrativismo, uma Reforma Agrária que respeite as especificidades da extração da borracha na Amazônia e mostrar para o povo brasileiro, como vivem os seringueiros ,através de uma exposição de fotografias e objetos artesanais utilizados pelos trabalhadodo látex.

Segundo os organizadores do encontro, será um marco político na vida dos seringueiros, porque até agora eles nunca tiveram a oportunidade de serem ouvidos ou consultados para a elaboração dos projetos de ocupação da Amazônia.

"Os seringueiros têm uma forma de trabalhar que protege a mata, tem um grande conhecimento das plantas e dos animais da floresta e tem na memória toda a história da Amazônia e do Nordeste brasileiro. Mas tudo isso é muito pouco conhecido dos brasileiros. A maioria da população pensa que não existem mais seringueiros na Amazônia, mas não é verdade. E nós queremos mostrar essa realidade para todo o País", afirmou o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri, Pedro Teles, que, junto com as associações de seringueiros e soldados da borracha de Rondônia e a Comissão Pastoral da Terra do Amazonas, tomaram a iniciativa para a realização do encontro.



O seringueiro finalmente terá sua vez de falar

Acervo ISA

FOLHA DO ACRE 05.10.85

Destruição de castanheiras e seringueiras "é um absurdo"

Foto: FÁ

Chico Mendes, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri.

Segundo o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri, Francisco Mendes a questão do desmatamento agravou-se muito a partir de 1984, com a questão da Bordon. "Este ano, embora a coisa estivesse mais parada, diz Chico Mendes, assim mesmo houve o caso da Fazenda Santa Fé, cuja área não tinha posseiros. De qualquer maneira o Sindicato considerou absurda a destruição de aproximadamente 6 mil seringueiras e 2 mil castanheiras.

"Quando Francisco Mendes ainda estava na direção do IBDF tentamos impedir a derrubada destas árvores com ofício enviado ao presidente do IBDF, através da Confederação dos Trabalhadores. O órgão em Brasília respondeu a confederação o seguinte: ,que tinha procurado fazer um levantamento através da Delegacia Regional do Acre e esta respondeu que as acusações do Sindicato de Xapuri não passavam de acusações mentirosas e que na área tinham sido constatadas somente 50 seringueiras destruídas, embora admitisse que seriam destruídas 1400 castanheiras".

Segundo Chico Mendes a atuação do IBDF em Xapuri foi sempre a de proteger o latifundiário. "A única força que temos é a mobilização do próprio Sindicato dos Trabalhadores Rurais, no sentido de tentar barrar o latifúndio e o desmatamento"

FILOSOFIA NOVA

Até agora, a direção do Sindicato ainda não teve contato com a nova direção do IBDF, mas Francisco Mendes tem esperança de que a Filosofia de comportamento dentro do órgão tenha se modificado, porque na gestão anterior muitos colonos foram expulsos de suas posses com o apoio do IBDF.

Cerca de 80 por cento das terras de Xapuri estão nas mãos de latifundiários, por isso Francisco Mendes prevê que as dificuldades vão continuar. O Sindicato de Xapuri se empenhou muito para a realização do encontro de 12 a 16 de outubro em Brasília que debaterá questões sobre a seringueira da Amazônia.

Neste encontro, Francisco Mendes deseja que seja discutido um modelo próprio de Reforma Agrária para às áreas amazônicas, porque segundo diz a reforma como será feita no Nordeste e no Sul, não se adapta às condições amazônicas.

Acervo

CONTINUAÇÃO

JORNAL DO COMERCIO - 05/10/85 - SÁBADO

Defumando a borracha

Fundação Nacional Pró-Memória
S-ter Bancário Norte Quadra 02 Proj 14
Bloco F Ed. Central Brasília
CEP 70040

DENISE ALVES

BRASÍLIA (EBN) — A Amazônia está ocupada. Sua ocupação faz parte de um Brasil submerso, desconhecido e ignorado; que se opõe à visão colonizadora de um imenso espaço vazio a ser povoado e explorado economicamente. Além das populações indígenas, a Amazônia está ocupada pelos seringueiros, que na sua maioria, ainda vivem em regime próximo da escravidão.

Pela primeira vez na História, no período de 11 a 17 de outubro, os seringueiros da Amazônia se reúnem para debater com órgãos governamentais as políticas para a Amazônia e para o extrativismo. E para mostrar ao País que existem, suas condições de trabalho, suas reivindicações, seu direito a uma identidade cultural própria.

— A Amazônia está ocupada por populações indígenas e por uma população que migrou do Nordeste no século passado, na época da expansão da borracha e cujos descendentes ainda hoje vivem nas florestas. São os seringueiros, extratores da borracha. Eles formam na Amazônia, e especialmente no Acre, um contexto econômico e cultural específico, que tem um pouco da sociedade indígena e um pouco da sociedade industrial, afirma o sociólogo José Walter Nunes, da Fundação Pró-Memória, do Ministério da Cultura, que desde 1982, acompanha a realização de projetos de educação e cooperativismos no Acre.

O Projeto seringueiro desenvolve na região de Xapuri propostas educacionais inovadoras, que começam a ser incorporadas pela Secretaria de Educação do Acre para as escolas rurais. Uma vitória que faz parte do movimento dos seringueiros por melhores condições de trabalho, saúde e educação, pela regularização da terra, demarcação das áreas de seringal nativo e preservação de seringueiras e castanheiras.

O Encontro Nacional de Seringueiros da Amazônia é uma iniciativa do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri-Acre e está sendo promovido pela Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Acre, por seringueiros do Amazonas e Associações de Seringueiros e Soldados da Borracha de Rondônia, com o apoio do Inesc - Instituto de Estudos Socio-Econômicos, do Ministério da Cultura, através da Fundação Nacional Pró-Memória, e da Universidade de Brasília.

Entre 11 e 17 de outubro, 130 representantes dos seringueiros da Amazônia discutirão, no auditório da Faculdade de Tecnologia da UNB, os direitos históricos dos soldados da borracha, o desenvolvimento da Amazônia, a reforma agrária, políticas para a borracha, cultura, educação e saúde nos seringais. No dia 17, eles aprovarão o documento final do Encontro, que será entregue às autoridades às 14:30horas.

Durante o Encontro na Universidade de Brasília, serão exibidos os filmes " Da Seringa ao Boi ", de Renato Neumann; " Ferrovia do Diabo ", produzido pela Fundação Pró-Memória, com direção de João Batista de Andrade; " A Década da Destruição ", co-produzido pela Universidade Católica de Goiás e a Central Independent Television, de Londres; " Na Trilha dos Uru-Eu Wau Wau " ; " O Caminho do Fogo " ; " Nas Cinzas da Floresta " ; " As Tempestade na Amazônia " . Os filmes serão exibidos também, no mesmo período, no Teatro Galpãozinho.

Segundo Maria José Jaime, coordenadora geral do Instituto de Estudos Socio-Econômicos ainda hoje predominam no interior da Região Amazônica formas compulsórias de retenção da força de trabalho" . — Na Amazônia, desde o início desenvolveu-se um sistema escravista de organização do trabalho nos seringais - empresas extrativas. O nordestino que para lá migrava já chegava endividado com as despesas de viagem. Adquiria a alimentação e os instrumentos de trabalho a preços exorbitantes nos barracões, para pagá-los com a produção. O preço pago sempre foi

Acervo

muito inferior ao do mercado. E inúmeros mecanismos de extorsão foram criados (manipulação nos registros, pesagem errada, taxas, descontos) tendo como resultado o endividamento. Devendo, os seringueiros não podiam abandonar o seringal. Os que tentavam era castigados' afirma Maria José Jaime.

Embora o extrativismo ainda seja a principal fonte de receita do Acre, empresário do Sul querem que a atividade econômica do Estado se centre na pecuária, realizando um desmatamento indiscriminado e generalizado, que segundo o sociólogo José Walter Nunes, rompe o equilíbrio ecológico e provoca a morte de castanheiras e seringueiras, apesar da proibição de extenção de árvores frutíferas pelo Instituto Brasileiro de Defesa Florestal. Os seringueiros organizam-se em movimentos denominados ' empates' procurando impedir o desmatamento e defender suas condições de sobrevivência.

Hoje existem, basicamente dois tipos de seringueiro: o que é chamado de ' cativo' e que trabalha em seringais tradicionais, com um sistema de organização baseado no barracão e no endividamento ao patrão e o seringueiro autônomo, chamado de ' liberto' , que vive em seringais mais próximos de Rio Branco, que conseguiu se libertar do patrão. Em pequena escala - cerca de 10% dos seringueiros do Estado - os seringueiros autonômos constituem segundo José Walter Nunes uma figura nova no Acre e talvez na Amazônia e estão construindo um novo contexto de vida e de organização social, marcado por um maior grau de independência em relação ao barracão e ao intermediário.

Em pesquisa realizada em 1978 num seringal tradicional do Acre, a antropóloga Mary Helena Allegretti, coordenadora de Recursos Humanos do Inesc, constatou que um dos elementos que condicionavam a subordinação do seringueiro ao barracão era o analfabetismo, que permitia ao patrão manipular os dados de controle da produção e comercialização da borracha. Em 1980, um grupo de pessoas iniciou o estudo de um projeto de educação ' que desse conta das necessidades dos seringueiros em termos da defesa do trabalho' e que tivesse uma concepção derivada do modo de vida da floresta.

Com o apoio do Centro Ecumênico de Educação e Informação, de São Paulo, do Centro de Documentação e Pesquisa da Amazônia, da Fundação Nacional Pró-Memória, e ao lado dos sindicatos de trabalhadores rurais, foram implantadas escolas e cooperativas nas áreas onde se concentram os seringueiros autônomos, em torno de Xapuri-Acre. Desde o início, como relata a antropóloga Mary Helena Allegretti ' a escola surge articulada com essa idéia de organizar uma cooperativa. Então, ela tem, também, caráter econômico, no sentido de que os seringueiros passariam a controlar o processo de comercialização da borracha e adquiriam elementos para isso: aprender a ler, escrever e contar, para poder exercer esse controle de forma autônoma' ..

Desde 1981, a Fundação Pró Memória participa do Projeto Seringueiro, no Acre, através do Projeto Interação entre a educação básica e os diferentes contextos culturais existentes no País.

'Trabalhamos com a questão da pluralidade e da diversidade cultural, encarando a cultura como forma de vida e de sobrevivência das diversas populações - sejam seringueiros, comunidades negras e indígenas, posseiros e outros, explica José Walter Nunes. ' Nosso apoio a um encontro de seringueiro faz parte dessa referência conceitual e da posição de que cabe ao Estado criar condições para que essas populações se coloquem para a sociedade nacional, mostrando as suas diferenças e buscando, ao defender as diferenças uma identidade cultural brasileira' .

O Projeto Interação desenvolve experiência de educação popular como uma contribuição ao repensar da educação brasileira, abrindo espaço, como explica o coordenador do grupo de trabalho que orienta o Projeto no País, José Silva Quintas, para que a comunidade participe do fazer educacional, desde a elaboração do currículo à gestão dos recursos financeiros.

No caso do Projeto Seringueiro, a adoção da experiência para as escolas rurais, pela Secretaria de Educação do Acre, buscando elementos de renovação para a rede oficial, é vista como um momento de diálogo entre o Estado e a sociedade civil por José Walter Nunes' . Houve uma inversão. O Estado sempre costuma ser verticalista, impor sua orientação e sua metodologia de trabalho. Nessa experiência, houve o contrário: a sociedade civil está propondo ao Estado a educação que ela acha que é coerente com o seu sistema cultural. Acho que isso aí é um grande passo, uma grande vitória, no caso específico dos seringueiros do Acre' .

Na opinião da antropóloga Mary Allegretti, o Projeto Seringueiro é um embrião de uma proposta educacional inteiramente nova e que pode ser uma proposta para a área de extrativismo de toda a Amazônia, com suas contribuições sobre a elaboração de material, funcionamento de uma escola no seringal e a vinculação da escola a um projeto de autonomia econômica e fortalecimento político da comunidade.

Para a antropóloga, a maneira como a população vive, através da extração da borracha na Amazônia especialmente nas áreas autônomas, deve ser ' levada mais a sério' na discussão sobre as formas de ocupação da Região por preservarem o ecossistema e permitirem uma autonomia de subsistência. ' A comercialização do produto é assegurada pelo Governo, o que significa uma renda certa para o seringueiro. O que os seringueiros pretendem é que sejam levados mais a sério. Que o modo como eles vivem seja considerado como uma das alternativas para se pensar uma forma ecológica de preservação da vida e desenvolvimento da Amazônia. Desenvolvimento não significa só projetos, colonização e empresas agropecuárias. Desenvolvimento significa também uma forma adequada de vida para a população que mora lá, saúde, educação, cooperativismo, 'autonomia nas decisões' - afirma Mary Helena Allegretti..

FIM

Fundação Nacional Pró-Memória
Setor Bancário Norte Quadra 02 Proj 14
Bloco F Ed. Central Brasília
CEP 70040

42

Acervo ISA

FOLHA LIVRE

SERINGUEIRO, A DEFESA DE UMA PROFISSÃO

DENISE ALVES (EBN)

A Amazônia está ocupada. Sua ocupação faz parte de um Brasil submerso, desconhecido e ignorado, que se opõe à visão colonizadora de um imenso espaço vazio a ser povoado e explorado economicamente. Além das populações indígenas, a Amazônia está ocupada pelos seringueiros, que, na sua maioria, ainda vivem em regime próxmo da escravidão.

Pela primeira vez na história, no período de 11 a 17 de outubro, os seringueiros da Amazônia se reúnem para debater com órgãos governamentais as políticas para a Amazônia e para o extrativismo. Para mostrar ao País que existem, suas condições de trabalho, suas reivindicações, seus direitos a uma identidade cultural própria.

— A Amazônia está ocupada por populações indígenas e por uma população que migrou do Nordeste no século passado, na época da expansão da borracha e cujos descendentes ainda hoje vivem nas florestas. São os seringueiros, extratores da borracha. Eles formam na Amazônia, e especialmente no Acre, um contexto econômico e cultural específico, que tem um pouco da sociedade indígena e um pouco da sociedade industrial, afirma o sociólogo José Walter Nunes, da Fundação Pró-Memória, do Ministério da Cultura, que desde 1982, acompanha a realização de projetos de educação e cooperativismo no Acre.

O Projeto Seringueiro desenvolve na região de Xapuri propostas educacionais inovadoras, que começam a ser incorporadas pela Secretaria de Educação do Acre para as escolas rurais. Uma vitória que faz parte do movimento dos seringueiros por melhores condições de trabalho, saúde e educação, pela regularização da terra, demarcação das áreas de seringal nativo e preservação de seringueiras e castanheiras.

O Encontro Nacional de Seringueiros da Amazônia é uma iniciativa do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri-Acre e está sendo promovido pela Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Acre, por seringueiros do Amazonas e associações de seringueiros e soldados da borracha de Rondônia, com o apoio do INESC — Instituto de Estudos Sócio-Econômicos — do Ministério da Cultura, através da Fundação Nacional Pró-Memória, e da Universidade de Brasília.

Entre 11 a 17 de outubro, 130 representantes dos seringueiros da Amazônia discutirão, no auditório da Faculdade de Tecnologia da UNB, os direitos históricos dos soldados da borracha, o desenvolvimento da Amazônia, a Reforma Agrária, políticas para a borracha, cultura, educação e saúde nos seringais. No dia 17, eles aprovarão o documento final do encontro, que será entregue às autoridades às 14:30 horas.

Durante o encontro na Universidade de Brasília, serão exibidos os filmes "Da Seringa ao Boi", de Renato Neumann"' "Ferrovia do Diabo"", produzido pela Fundação Pró-Memória, com direção de João Batista de Andrade' "A Década da Destruição", co-produzido pela Universidade Católica de Goiás" e Central Independent Television, de Londres; "Na Trilha dos Uru-eu wau wau; "O Caminho do Fogo"; "Nas Cinzas da Floresta"; "As Tempestades na Amazônia". Os filmes serão exibidos, também, no mesmo período, no Teatro Galpãozinho.

Segundo Maria José Jaime, Coordenadora Geral do Instituto de Estudos Sócio-Econômicos, "ainda hoje predominam no interior da região amazônica formas compulsórias de retenção da força de trabalho". — Na Amazônia, desde o início desenvolveu-se um sistema escravista de organização do trabalho nos seringais — empresas extrativas. O nordestino que para lá migrava já chegava endividado com as despesas de viagem. Adquiria a alimentação e os instrumentos de trabalho a preços exorbitantes nos barracões, para pagá-los com a produção. O preço pago sempre foi muito inferior ao do mercado. E inúmeros mecanismos de extorsão foram criados (manipulação nos registros, pesagem errada, taxas, descontos) tendo como resultado o endividamento. Devendo, os seringueiros não podiam abandonar o seringal. Os que tentavam eram castigados.

Embora o extrativismo ainda seja a principal fonte de receita do Acre, empresários do Sul querem que a atividade econômica do Estado se centre na pecuária, realizando um desmatamento indiscriminado e generalizado, que, segundo o sociólogo José Walter Nunes, rompe o equilíbrio ecológico e provoca a morte de castanheiras e seringueiras, apesar da proibição de extinção de árvores frutíferas pelo Instituto Brasileiro de Defesa Florestal. Os seringueiros organizam-se em movimentos denominados empates, procurando impedir o desmatamento e defender suas condições de sobrevivência.

Hoje existem, basicamente, dois tipos de seringueiros: o que é chamado de "cativo" e que trabalha em seringais tradicionais, com um sistema de organização baseado no barração e no endividamento ao patrão e o seringueiro autônomo, chamado de "liberto", que vive em seringais mais próximos de Rio Branco, que conseguiu se libertar do patrão. Em pequena escala cerca de 10% dos seringueiros do Estado — os seringueiros autônomos constituem, segundo José Walter Nunes, uma figura nova na Amazônia e estão construindo um novo contexto de vida e de organização social, marcado por um maior grau de independência em relação ao barracão e ao intermediário.

(CONTINUA AMANHÃ)

03.10.85

48

Acervo ISA

FOLHA LIVRE

SERINGUEIRO, A DEFESA DE UMA PROFISSÃO (FINAL)

DENISE ALVES (EBN)

Em pesquisa realizada em 1978 num seringal tradicional do Acre, a antropóloga Mary Helena Allegretti, Coordenadora de Recursos Humanos do INESC constatou que um dos elementos que condicionavam a subordinação do seringueiro ao barracão era o analfabetismo, que permitia ao patrão manipular os dados de controle da produção e comercialização da borracha. Em 1980, um grupo de pessoas iniciou o estudo de um projeto de educação "que desse conta das necessidades dos seringueiros em termos da defesa do trabalho" e que tivesse uma concepção derivada do modo de vida da floresta.

Com o apoio do Centro Ecumênico de Educação e Informação, de São Paulo, do Centro de Documentação e Pesquisa da Amazônia, da Fundaçó Nacional Pró-Memória, e ao lado dos sindicatos de trabalhadores rurais, foram implantadas escolas e cooperativas nas áreas onde de concentram os seringueiros autônomos, em torno de Xapuri-Acre. Desde o início, como relata a antropóloga Mary Helena Allegretti, "a escola surge articulada com essa idéia de organizar uma cooperativa. Então, ela tem, também, caráter econômico, no sentido de que os seringueiros passariam a controlar o processo de comercialização da borracha e adquiriam elemento. para isso: aprender a ler, escrever e contar, para poder exercer esse controle de reforma autônoma.

Desde 1981, a Fundação Pró-Memória participa do Projeto Seringueiro. no Acre, através do Projeto Integração entre a educação básica e os diferentes contextos culturais existentes no País.

— Trabalhamos com a questão da pluralidade e da diversidade cultural, encarando como forma de vida e de sobrevivência das diversas populações — sejam seringueiros, comunidades negras e indígenas, posseiros e outros. Explica José Walter Nunes. "Nosso apoio a um encontro de seringueiros faz parte dessa referência conceitual e dá posição de que cabe ao Estado criar condições para que essas populações se coloquem para a sociedade nacional, mostrando as suas diferenças e buscando, ao defender as diferenças, uma identidade cultural brasileira".

O Projeto Interação desenvolve experiências de educação popular como uma contribuição ao repensar da educação brasileira, abrindo espabo, como explica o coordenador do grupo de trabalho que orienta o projeto no País, José Silva Quintas, para que a comunidade participe do fazer educacional, desde a elaboração do currículo à gestão dos recursos financeiros.

No caso do Projeto Seringueiro, a adoção da experiência para as escolas de renovação para a rede oficial, é vista como um momento de diálogo entre o Estado e a sociedade civil por José Walter Nunes. "Houve uma inversão. O Estado sempre costuma ser verticalista. houve o contrário: a sociedade civil está propondo ao Estado a educação que ela acha que é coerente com o seu sistema cultural. Acho qu isso aí é um grande passo, uma grande vitória, no caso específico dos seringueiros do Acre".

Na opinião da antropóloga Mary Allegretti, o Projeto Seringueiro é um embrião de uma proposta educacional inteiramente nova da Amazônia, com suas contribuições sobre a elaboração de material, funcionamento de uma escola no seringal e vinculação da escola a um projeto de autonomia econômica e fortalecimento político da comunidade.

Para a antropóloga, a maneira como a população vive, através da extração da borracha na Amazônia, especialmente nas áreas autônomas, deve ser "levada mais a sério" na discussão sobre as formas de ocupação da região, por preservarem ecossistema e permitirem uma autonomia de subsistência. "A comercialização do produto é assegurada pelo Governo, o que significa uma renda certa para o seringueiro. O que os seringueiros pretendem é que sejam levados mais a sério. Que o modo como eles vivem seja considerado como uma das alternativas para se pensar uma forma ecológica de preservação da vida e desenvolvimento da Amazônia. Desenvolvimento não significa só projetos colonização e empresas agropecuárias. Desenvolvimento significa também uma forma adequada de vida para a população que mora lá — saúde, educação, cooperativismo, autonomia nas decisões" — afirma Maria Helena Allegretti.

06.10.85

49

Acervo ISA

Os soldados da borracha marcham para Brasília

A pé, de barco, no ônibus pelas poeirentas estradas da Amazônia, há mais de uma semana, contingentes de homens deixam o emaranhado das florestas de onde extraem o leite que lhes garante o mínimo para sobrevivência e se dirigem à Brasília. São os lendários "soldados da borracha", os seringueiros que vão pela primeira vez, manter um encontro nacional, na cidade onde está instalado o poder.

O encontro começa na próxima sexta-feira, no auditório de Ciência e Tecnologia da Universidade de Brasília, sob o patrocínio do Ministério da Cultura, Pró-Memória e Inesc (Instituto de Estudos Sócio-Econômicos), que já fez um levantamento sobre a questão dos seringueiros, com depoimentos e denúncias.

Na programação do encontro, os soldados da borracha deverão discutir temas que debatidos nos encontros regionais, entre eles, o direito histórico dos soldados da borracha, os seringueiros e o desenvolvimento da Amazônia, seringueiros e reforma agrária, além da política para borracha, com a definição da situação jurídica dos seringueiros e, no último dia de debates, será discutido o problema da cultura, educação e saúde nos seringais do Acre, Rondônia e Amazonas.

JORNAL DE BRASÍLIA
6.10.85

50

Acervo ISA

Escravidão

Seringueiros são trabalhadores que vivem da extração do látex e, de acordo com o trabalho feito pelo Inesc, esses homens vivem sob um "sistema escravista de organização do trabalho nos seringais". Em geral, os primeiros seringueiros que ficaram conhecidos como "soldados da borracha", eram nordestinos. Quando chegavam à região amazônica endividados com as despesas de viagem, que eram obrigados a pagar aos seringalistas.

Vivendo em sistema de "barracão", onde são obrigados a comprar alimentos e instrumentos de trabalho do próprio patrão, a preços extorsivos, os seringueiros sempre foram pagos a preços inferiores ao mercado. E, segundo relatório do Inesc, "inúmeros mecanismos de extorsão foram criados (manipulação nos registros, passagem errada, taxas, descontos), tendo como resultado, o endividamento. Devendo, os seringueiros não podiam abandonar o seringal. Os que tentavam, eram castigados. A agricultura era proibida, obrigando dessa forma que todas as necessidades fossem atendidas pelo barracão".

Essa situação criou revoltas e rebeliões, greves reprimidas com violências pelos seringalistas, os proprietários. Ainda hoje — afirma o relatório do Inesc — "predominam no interior da região amazônica formas compulsórias de retenção da força de trabalho".

Medo

De acordo com o depoimento gravado pela antropóloga Mary Alegretti, em 1978, hoje as manifestações dos seringueiros diminuíram porque eles vivem sob o signo do medo. Diz o seringueiro Ulisses Marques, do Seringal Alagoas, em Tarauacá (AM):

— Os seringueiros não fazem mais greve porque já estão tão amedrontados, que sabem que são feitos pra perder. Pra nem estrebuchar mais, que só vive debaixo da peia (surra), no cativeiro. Aqui nós somos como no tempo da escravidão, do escravo. Se eles têm vontade, nós fica sem oreia (orelha). Então não é possível brigar com eles porque eles botam nós no arrocho, nós na agonia, até é possível nós brigar com eles. Uma concorrência que ninguém sabe. Ninguém sabe se nós ganha ou perde".

Adiante, o seringueiro afirma que a solução é sair do seringal: "E nós viver aqui no seringal, trabalhando no seringal, mas existir lei pra nós ter valor, pra nós não ser desvalorizado. Que nós somos desvalorizados, que nós não tem valor de nada e, no entanto, era de nós ter valor de tudo. E nós podia ter um valorzinho, chegar a nós ao menos um pouco, ao menos uma vez por ano. E, no entanto, nem de dez em dez anos. E chega pra dar lapada em nós. Pra nós ficar com o espinhaço saindo sangue. E sangue mesmo, saindo sangue. E desse jeito que eles fazem com nós. Até a data de hoje não vi a melhoria de nada. Mas estou com fé que ainda vai ter".

Qualquer tentativa de resistência dos seringueiros foi sempre respondida à bala. Esquecidos de todos, os seringueiros da Amazônia vêem hoje seus líderes assassinados, sua luta desconhecida e isolados na floresta, não conseguem fazer chegar suas reivindicações ao Governo e à sociedade como um todo".

Diz o Inesc que embora as estatísticas sejam falhas, "calcula-se que existem hoje na Amazônia aproximadamente 200 mil pessoas dependendo diretamente dessa atividade. O Acre é o maior produtor, seguindo-se o Amazonas e Rondônia".

Diante desse quadro, foi pensado o encontro nacional dos seringueiros, porque o processo de democratização que hoje se inicia ainda não colocou em discussão o atual modelo de ocupação da Amazônia. Ao lado disso, diz o Inesc — "os habitantes tradicionais da Amazônia — índios, caboclos, seringueiros, castanheiros — desenvolveram formas adequadas de obtenção da sobrevivência sem alteração do equilíbrio ecológico e com potencial de produtividade não explorado e nem valorizado".

"A única maneira existente hoje — continua o relatório — de dar início a um movimento mais amplo de defesa da Amazônia e de seus habitantes, de mostrar para a sociedade brasileira que os seringueiros continuam existindo e vivem em condições de escravidão é realizar um fato inédito — tirá-los da mata para que falem no centro político do País, Brasília".

Grande parte desses seringueiros que vão participar do encontro nunca saíram da floresta. E nunca, na história do País eles se reuniram fora da região amazônica para, em conjunto, falarem para a sociedade brasileira e para as autoridades governamentais. O encontro de Brasília será o maior evento na história das relações entre seringueiros e seringalistas.

Política Extrativista

A previsão dos organizadores do encontro é a de reunir cem seringueiros de 16 a 17 de outubro. O encontro terá dois objetivos principais: reivindicar junto às autoridades governamentais uma política para o extrativismo e uma reforma agrária que respeite as especificidades dos seringueiros da Amazônia e divulgar, para a sociedade brasileira as condições de vida dos seringueiros.

A primeira etapa do encontro já foi concluída. Foram os encontros regionais para a discussão e elaboração das propostas. A segunda e terceira etapas serão feitas em Brasília, com a elaboração de um documento único e a discussão de suas propostas com as instituições governamentais e líderes políticos.

Memélia Moreira

JORNAL DE BRASÍLIA 6.10.85

57

Seringueiros da Amazônia lutam por seus direitos

[illegible] ALVES (EBN)

A Amazônia está ocupada e sua ocupação faz parte de um Brasil submerso, desconhecido e ignorado, que se opõe à visão colonizadora de um imenso espaço vazio a ser povoado e explorado economicamente. Além das populações indígenas, a Amazônia está ocupada pelos seringueiros, que, na sua maioria, ainda vive em regime próximo da escravidão.

Pela primeira vez na história, no período de 11 a 17 deste mês os seringueiros da Amazônia se reunem para debater com órgãos governamentais as políticas para a Amazônia e para o extrativismo. E para mostrar ao País que existem, suas condições de trabalho, suas reivindicações, seu direito a uma identidade cultural própria.

– A Amazônia está ocupada por populações indígenas e por uma população que migrou do Nordeste no século passado, na época da expansão da borracha e cujos descendentes ainda hoje vivem nas florestas. São os seringueiros, extratores da borracha. Eles estão especialmente no Acre, num contexto econômico e cultural específico, que tem um pouco da sociedade indígena e um pouco da sociedade industrial, afirma o sociólogo José Walter Nunes, da Fundação Pró-Memória, do Ministério da Cultura que, desde 1982 acompanha a realização de projetos de educação e cooperativismo no Acre.

O Projeto Seringueiro desenvolve na região de Xapuri propostas educacionais inovadoras, que começam a ser incorporadas pela Secretaria de Educação do Acre para as escolas rurais. Uma vitória que faz parte do movimento dos seringueiros por melhores condições de trabalho, saúde e educação, pela regularização da terra, demarcação das áreas de seringal nativo e preservação de seringueiras e castanheiras.

O Encontro Nacional de Seringueiros da Amazônia é uma iniciativa do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri Acre e está sendo promovido pela Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Acre, por seringueiros da Amazônia e associações de seringueiros e soldados da borracha de Rondônia, com o apoio do Inesc – Instituto de Estudos Sócio-Econômicos, do Ministério da Cultura, através da Fundação Nacional Pró-Memória, e da Universidade de Brasília.

Cinema e teatro

Entre 11 e 17 de outubro, 130 representantes dos seringueiros da Amazônia discutirão no Auditório da Faculdade de Tecnologia da UNB, os direitos históricos dos soldados da borracha, o desenvolvimento da Amazônia, a reforma agrária, política para a borracha, cultura, educação e saúde nos seringais. No dia 17, eles apresentarão o documento final do encontro, que será entregue às autoridades às 14h30.

Durante o encontro na Universidade de Brasília, serão exibidos os filmes *Da Seringa ao Rei* de Renato Neumann, *Borracha do Diabo*, produzido pela Fundação Pró-Memória, com direção de João Batista de Andrade, *A Década da Destruição*, co-produzido pela Universidade Católica de Goiás e a Central Independent Television, de Londres, *Na Trilha dos Uru Eu Wau Wau*, *O caminho do Fogo*, *Nas Cinzas da Floresta*, *As Tempestades na Amazônia*. Os filmes serão exibidos, também, no mesmo período, no Teatro Galpão-zinho.

Segundo Maria José Jaime, coordenadora geral do Instituto de Estudos Sócio Econômicos, "ainda hoje predominam no interior da região amazônica formas compulsórias de retenção da força de trabalho". Na Amazônia, desde o início desenvolveu-se um sistema escravista de organização do trabalho nos seringais – empresas extrativas. O nordestino que para lá migrava já chegava endividado com as despesas de viagem. Adquiria a alimentação e os instrumentos de trabalho a preços exorbitantes nos barracões, para pagá-los com a produção. O preço pago sempre foi muito inferior ao do mercado. Inúmeros mecanismos de extorsão foram criados (manipulação nos registros, pesagem errada, taxas, descontos) tendo como resultado o endividamento. Devendo, os seringueiros não podiam abandonar o seringal. Os que tentavam eram castigados, afirma Maria José Jaime.

Embora o extrativismo ainda seja a principal fonte de receita do Acre, empresários do Sul querem que a atividade econômica do Estado se centre na pecuária, realizando um desmatamento indiscriminado e generalizado que segundo o sociólogo José Walter Nunes, rompe o equilíbrio ecológico e provoca a morte de castanheiras e seringueiras, apesar da proibição de extinção de árvores frutíferas pelo Instituto Brasileiro de Defesa Florestal. Os seringueiros organizam-se em movimentos denominados empates, procurando impedir o desmatamento e defender suas condições de sobrevivência.

Cativo e Liberto

Hoje existem, basicamente, dois tipos de seringueiros: o que é chamado de Cativo e que trabalha em seringais tradicionais, com um sistema de organização baseado no barracão e no endividamento ao patrão e o seringueiro autônomo, chamado de Liberto, que vive em seringais mais próximos de Rio Branco que conseguiu se libertar do patrão. Em pequena escala cerca de 10% dos seringueiros do Estado – os seringueiros autônomos constituem, segundo José Walter Nunes, uma figura nova no Acre e talvez na Amazônia e estão construindo um novo contexto de vida e de organização social, marcado por um maior grau de independência em relação ao barracão e ao intermediário.

Em pesquisa realizada em 1978 num seringal tradicional do Acre, a antropóloga Mary Helena Allegretti, coordenadora de Recursos Humanos do Inesc, constatou que um dos elementos que condicionavam a subordinação do seringueiro ao barracão era o analfabetismo, que permitia ao patrão manipular os dados de controle da produção e comercialização da borracha. Em 1980, um grupo de pessoas iniciou o estudo de um projeto de educação "que desse conta das necessidades dos seringueiros em termos de defesa do trabalho".

Com o apoio do Centro Ecumênico de Educação e Informação, de São Paulo, do Centro de Documentação e Pesquisa da Amazônia, da Fundação Nacional Pró-Memória, e ao lado dos Sindicatos de Trabalhadores Rurais, foram implantadas escolas e cooperativas nas áreas onde se concentram os seringueiros autônomos, em torno de Xapuri Acre. Desde o início, como relata a antropóloga Mary Helena Allegretti, "a escola surge articulada com essa idéia de organizar uma cooperativa. Então, ela tem, também, caráter econômico, no sentido de que os seringueiros passassem a controlar o processo de comercialização da borracha e adquirissem elementos para isso: aprender a ler, escrever e contar, para poder exercer esse controle de forma autônoma".

Desde 1981, a Fundação Pró-Memória participa do projeto seringueiro, no Acre, através do projeto interação entre a educação básica e os diferentes contextos culturais existentes no País.

– Trabalhamos com a questão da pluralidade e da diversidade cultural, encarando a cultura como forma de vida e e de sobrevivência das diversas populações – sejam seringueiros, comunidades negras e indígenas, posseiros e outros – explica José Walter Nunes. "Nosso apoio a um encontro de seringueiros faz parte desse referencial conceitual e da posição de que cabe ao Estado criar condições para que essas populações se coloquem para a sociedade nacional, mostrando as suas diferenças e buscando, ao defender as diferenças, uma identidade cultural brasileira".

Amplia espaço

O projeto interação desenvolve experiências de educação popular como uma contribuição ao repensar da educação brasileira, abrindo espaço, como explica o coordenador do grupo de trabalho que orienta o projeto no País, José Silva Quintas, para que a comunidade participe do fazer educacional, desde a elaboração do currículo à gestão dos recursos financeiros.

No caso do projeto seringueiro, a adoção da experiência para as escolas rurais, pela Secretaria de Educação do Acre, buscando elementos de renovação para a rede oficial, é vista como um momento de diálogo entre o Estado e a sociedade civil por José Walter Nunes. "Houve uma inversão. O Estado sempre costuma ser verticalista, impor sua orientação e sua metodologia de trabalho. Nessa experiência, houve o contrário: a sociedade civil está propondo ao Estado a educação que ela acha que é coerente com o seu sistema cultural. Acho que isso é um grande passo, uma grande vitória, no caso específico dos seringueiros do Acre".

Na opinião da antropóloga Mary Allegretti, o projeto seringueiro é um embrião de uma proposta educacional inteiramente nova e que pode ser uma proposta para a área de extrativismo de toda a Amazônia, com suas contribuições sobre a elaboração de material, funcionamento de uma escola no seringal e a vinculação da escola a um projeto de autonomia econômica e fortalecimento político da comunidade.

Para a antropóloga, a maneira como a população vive, através da extração da borracha na Amazônia, especialmente nas áreas autônomas, deve ser levada mais a sério na discussão sobre as formas de ocupação da região, por preservarem o ecossistema e permitirem uma autonomia de subsistência. "A comercialização do produto é assegurada pelo governo, o que significa uma renda certa para o seringueiro. O que os seringueiros pretendem é que sejam levados mais a sério. Que o modo como eles vivem seja considerado como uma das alternativas para se pensar uma forma ecológica de preservação da vida e desenvolvimento da Amazônia".

Acervo ISA

LUX JORNAL
FUNDADO EM 1928

ULTIMA HORA
BRASÍLIA-DF

8 OUT 1985

VASP - 1933 - 1983. Os primeiros 50 anos passaram voando

Encontro de seringueiros – Cerca de 150 seringueiros da Amazônia estão viajando há um mês – 23 dias de barco e ônibus – para participar, de 11 a 17 de outubro, na Faculdade de Tecnologia da Universidade de Brasília, do primeiro encontro desses trabalhadores, quando debaterão com órgãos governamentais as políticas para a Amazônia e o extrativismo. Para o Ministério da Cultura, que apóia o encontro através da Fundação Pró-Memória, "será, também, o momento de mostrar ao País a especificidade da vida que levam, suas condições de trabalho, suas reivindicações, e de resgatar uma identidade cultural que procura se afirmar através da pluralidade e diversidade da cultura brasileira".

Acervo ISA

LUX JORNAL
FUNDADO EM 1928

Diário Comércio & Indústria
DCI
SÃO PAULO

8 OUT 1985

VASP - 1933 - 1983. Os primeiros 50 anos passaram voando

Agropecuária

Seringueiros participam de encontro em Brasília

BRASÍLIA - Cerca de 150 seringueiros da Amazônia estão viajando há um mês - 23 dias de barco e ônibus - para participar, de 11 a 17 de outubro, na Faculdade de Tecnologia da Universidade de Brasília, do primeiro encontro desses trabalhadores, quando debaterão com órgãos governamentais as políticas para a Amazônia e o extrativismo. Para o Ministério da Cultura, que apóia o encontro através da Fundação Pró-Memória, "será, também, o momento de mostrar ao País a especificidade da vida que levam, suas condições de trabalho, suas reivindicações e de resgatar uma identidade cultural que se procura afirmar através da pluralidade e diversidade da cultura brasileira".

Durante um dia, os seringueiros terão reunião interna, para debater os direitos históricos dos soldados da borracha, o desenvolvimento da Amazônia, a reforma agrária, política para a borracha, cultura, saúde e educação nos seringais. Os mesmos temas serão discutidos, a seguir, em mesas-redondas com participação de representantes do Governo, políticos e pesquisadores. Ao final, os serinqueiros encaminharão documento com as conclusões do encontro às autoridades.

O encontro é promovido pela Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Acre, Seringueiros do Amazonas e Associação de Seringueiros e Soldados da Borracha de Rondônia, com o apoio do Ministério da Cultura, Fundação Nacional Pró-Memória, Instituto de Estudos Socioeconômicos e Universidade de Brasília.

Acervo ISA

"A CRITICA"

MANAUS, TERÇA-FEIRA, 08 DE OUTUBRO DE 1985

Seringueiros vão se reunir em Brasília

Os seringueiros da Amazônia, pela primeira vez, estarão se reunindo, em Brasília, no período de 11 a 17 deste mês, quando debaterão com órgãos governamentais as políticas extrativistas para a região. Eles pretendem mostrar ao país as suas condições de trabalho, suas reivindicações e seus direitos a uma identidade cultural própria.

O Encontro Nacional de Seringueiros da Amazônia é uma iniciativa do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri-Acre e está sendo promovido pela Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Acre, por seringueiros amazonenses e associações de seringueiros e "soldados da borracha" de Rondônia, com o apoio do Inesc — Instituto dos Estudos Sócio-Econômicos do Ministério da Cultura, através da Fundação Nacional Pró-Memória e da Universidade de Brasília.

De 11 a 12 de outubro, 130 representantes dos seringueiros da Amazônia discutirão os direitos históricos dos soldados da borracha, o desenvolvimento da Amazônia, a Reforma Agrária, políticas para a borracha, cultura, educação e saúde nos seringais. No final dos debates, será aprovado o documento do encontro que será entregue às autoridades.

Acervo ISA

LUX JORNAL
FUNDADO EM 1928

CORREIO BRAZILIENSE
Brasília - Distrito Federal

9 OUT 1985

VASP - 1933 - 1983. Os primeiros 50 anos passaram voando

CIDADE

Seringueiros se reúnem em Brasília

O desenvolvimento da Amazônia, a reforma agrária, políticas para a borracha, cultura, educação e saúde nos seringais são os temas a serem debatidos entre os dias 11 e 17 próximos por 130 representantes dos seringueiros da Amazônia, no auditório da Faculdade de Tecnologia da UnB.

Durante o encontro serão exibidos os filmes "Seringa Boi", de Renato Neumann; "Ferrovia do Diabo", produzido pela Fundação Pró-Memória, com direção de João Batista de Andrade; "A Década da Destruição", co-produzido pela Universidade Católica de Goiás e a Central Independent Television, de Londes; "Na Trilha dos Uru-Eu' Wau Wau"; "O Caminho do Fogo"; Nas Cinzas da Floresta"; "As Tempestades na Amazônia". Estes mesmos filmes serão exibidos no teatro Galpãozinho.

O encontro é importante para que se consiga traçar diretrizes básicas sobre a sobrevivência do seringueiro, sempre explorado e vivendo em condições nada favoráveis. Em uma pesquisa realizada em 1978 num seringal tradicional do Acre, a antropóloga Mary Helena Allegretti, coordenadora de recursos humanos do Instituto de Estudos Sócio-Econômicos (Inesc), constatou que um dos elementos que condicionavam a subordinação do seringueiro ao barracão era o analfabetismo, que permitia ao patrão manipular os dados de controle da produção e comercialização da borracha.

Já em 1980, um grupo de trabalho começou um estudo de um projeto de educação "que desse conta das necessidades dos seringueiros em tempos da defesa do trabalho" e que tivesse uma concepção derivada do modo de vida da floresta. Neste mesmo tempo foram implantadas escolas e cooperativas nas áreas onde se concentram os seringueiros autônomos em torno de Xapuri — Acre.

Segundo Mary Allegretti, "a escola surge articulada com essa idéia de organizar uma cooperativa. Então, ela tem, também, caráter econômico, no sentido de que os seringueiros passariam a controlar o processo de comercialização da borracha e adquiriam elementos para isso: aprender a ler, escrever e contar."

Acervo ISA

Fundação Nacional Pró-Memória
Setor Bancário Norte Quadra 02 Proj 14
Bloco J Ed. Central Brasília
CEP 70040

"ALTO MADEIRA"

PORTO VELHO, QUARTA-FEIRA, 9 DE OUTUBRO DE 1985

SERINGUEIROS VIAJAM DE BARCO E ÔNIBUS PARA PARTICIPAREM DE ENCONTRO

BRASÍLIA (EBN) — Cerca de 150 seringueiros da Amazônia estão viajando há um mês — 23 dias de barco e ônibus — para participar, de 11 a 17 de outubro, na Faculdade de Tecnologia da Universidade de Brasília, do Primeira Encontro desses trabalhadores, quando debaterão com orgãos governamentais as políticas para a Amazonia e o extrativismo. Para o Ministério da Cultura, que apoia o encontro através da Fundação Pró-Memória, "será, também, o momento de mostrar ao país a especificidade da vida que levam, suas condições de trabalho, suas reivindicações, e de resgatar uma identidade cultural que procura se afirmar através da pluralidade e diversidade da cultura brasileira".

O ministro Aluisio Pimenta e o poeta Thiago de Melio participarão da abertura do encontro, dia 11, às 9.30 hs, foram convidados, tambem, os ministros da Educação, Saúde, Agricultura, Ciência e Tecnologia, Previdência Social, Trabalho, Indústria e Comércio, Desenvolvimento e Reforma Agrária, Justiça, Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente ,e Interior.

Durante um dia, os seringueiros terão reunião interna, para debater os direitos históricos dos soldados da borracha ,o desenvolvimento da Amazônia, a reforma agrária, política para a borracha, cultura, saúde e educação nos seringais. Os mesmos temas serão discutidos, a seguir, em mesas redondas com participação de representantes do governo, políticos e pesquisadores. Ao final, os seringueiros encaminharão documento com as conclusões do encontro as autoridades.

Já confirmaram participação no Encontro Nacional de Seringueiros da Amazônia, os senadores Jorge Kalume e Mário Maia; o sociólogo Benício Schnidt; João Pacheco e o antropólogo Moacir Palmeira, do Ministério de Desenvolvimento e Reforma Agrária; o jurista Roberto Santos; Antônio Macedo Bezerra, superintendente da Sudhevea; Mauro Barbosa de Almeida, sociólogo da Universidade de Campinas; o deputado Arthur Virgilio, além de técnicos do Ministerio da Cultura, do sociólogo José Walter Nunes, que acompanha o Projeto Seringueiro, e do coordenador do Projeto Interação entre Educação e os Diferentes contextos culturais, José Silva Quintas, da Fundação Pró-Memória.

O encontro é promovido pela Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Acre, seringueiros do Amazonas e Associação de Seringueiros e Soldados da Borracha de Rondônia, com o apoio do Ministério da Cultura, Fundação Nacional Pró-Memória, Instituto de Estudos Sócio-Econômicos e Universidade de Brasilia.

Acervo ISA

LUX JORNAL
FUNDADO EM 1928

CORREIO BRAZILIENSE
Brasília - Distrito Federal

10 OUT 1985

Voe Vasp. É um barato

CIDADE

Seringueiros têm encontro nacional

Em apoio aos debates que serão realizados no Encontro Nacional de Seringueiros da Amazônia, que começa amanhã e vai até o próximo dia 17, no auditório da Faculdade de Tecnologia da Universidade de Brasília, a Fundação Pró-Memória organizou uma mostra de filmes que reúne, pela primeira vez, filmes históricos e de pesquisas sobre a Amazônia.

Os filmes e vídeos serão exibidos na Faculdade de Tecnologia e no Teatro Galpãozinho, nos dias 14 e 15, a apresentação dos filmes será seguida de debates, com a participação dos realizadores, sobre as condições de trabalho dos seringueiros, a política para a Amazônia e o extrativismo.

Fazem parte da amostra os filmes "Da Seringa ao Boi", dirigido por Renato Neumann e produzido pelo Centro Brasileiro de Cinema Educativo Humberto Mauro; "Ferrovia do Diabo", dirigido por João Batista de Andrade e produzido pela Fundação Nacional Pró-Memória do Ministério da Cultura; "Nas Cinzas da Floresta" e "As Tempestades na Amazônia", da série "A Década da Destruição" com direção de Adrian Cowel e coprodução da Central Independente Television (Londres) e Universidade Católica de Goiás; "Canarana", produção da Fundação Nacional Pró-Memória, Fundação Roberto Marinho e Secretaria de Ensino de 1º e 2º graus, do Ministério da Educação, com direção de Jarbas Mantovani, sobre pesquisa de Glória Veiga de Moura e Rogério José Dias, da série Brasil Corpo e Alma; "Na Trilha dos Uru-eu Wau" e "O Caminho do Fogo", da série "Década da Destruição".

O filme "Da Seringa ao Boi", segundo os organizadores da mostra, "trata da ocupação da Amazônia através dos migrantes nordestinos — que há séculos dedicam-se à extração da borracha em regime de semi-escravidão — e as drásticas mudanças verificadas a partir da última década, com a implantação dos grandes projetos agropecuários na região".

"Ferrovia do Diabo" conta a história da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, com depoimentos das últimas testemunhas vivas da construção da estrada, no início do século, sua desativação, no final dos anos 60 e sua restauração em 1981.

A serie "A Década da Destruição" apresenta filmes que debatem o desequilíbrio ecológico e alertam sobre o perigo do desmatamento, que provoca a esterilidade do solo e mudanças no clima. Com o incentivo à agropecuária, a Amazônia vem sofrendo desmatamentos indiscriminados.

Acervo ISA

LUX JORNAL
FUNDADO EM 1928

ULTIMA HORA
BRASÍLIA-DF

10 OUT 1985

VASP - 1933 - 1983. Os primeiros 50 anos passaram voando

C I D A D E

Encontro de Seringueiros – Mais de cem seringueiros dos Estados do Acre, Amazonas e Rondônia, estarão reunidos na Universidade de Brasília, de 11 a 17 de outubro, no "Encontro Nacional de Seringueiros da Amazônia". O encontro, primeiro do gênero, é uma iniciativa do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri-Acre, sendo promovido pela Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Acre, Seringueiros do Amazonas e Associação de Seringueiros e soldados da Borracha de Rondônia. O "Encontro Nacional de Seringueiros da Amazônia" será aberto no dia 11, sexta-feira, às 9:30 horas, com a presença do reitor da Universidade de Brasília, professor Cristóvam Buarque. Todas as reuniões e mesas-redondas serão realizadas no auditório da Faculdade de Tecnologia da UnB. No dia 12, serão debatidas os "Direitos Históricos dos Soldados da Borracha". No dia 14, "Os Seringueiros e o Desenvolvimento da Amazônia" "Os Seringueiros e a Reforma Agrária". No dia 15, o debate será sobre "Política para a Borracha". No dia 16, "Cultura, Educação e Saúde nos Seringais". O documento final do Encontro será debatido e votado no dia 17. O "Encontro Nacional de Seringueiros da Amazônia" tem o apoio da Universidade de Brasília, Fundação Nacional Pró-Memória, do Ministério da Cultura, e Instituto de Estudos Sócio-Econômicos.

Acervo ISA

CORREIO BRASILIENSE
10.10.85

Seringueiros têm encontro nacional

Em apoio aos debates que serão realizados no Encontro Nacional de Seringueiros da Amazônia, que começa amanhã e vai até o próximo dia 17, no auditório da Faculdade de Tecnologia da Universidade de Brasília, a Fundação Pró-Memoria organizou uma mostra de filmes que reúne, pela primeira vez, filmes históricos e de pesquisas sobre a Amazônia.

Os filmes e videos serão exibidos na Faculdade de Tecnologia e no Teatro Galpãozinho, nos dias 14 e 15, a apresentação dos filmes será seguida de debates, com a participação dos realizadores, sobre as condições de trabalho dos seringueiros, a política para a Amazônia e o extrativismo.

Fazem parte da amostra os filmes "Da Seringa ao Boi", dirigido por Renato Neumann e produzido pelo Centro Brasileiro de Cinema Educativo Humberto Mauro; "Ferrovia do Diabo", dirigido por João Batista de Andrade e produzido pela Fundação Nacional Pro-Memoria do Ministério da Cultura; "Nas Cinzas da Floresta" e "As Tempestades na Amazônia", da serie "A Decada da Destruição" com direção de Adrian Cowel e coprodução da Central Independente Television (Londres) e Universidade Catolica de Goias; "Canarana", produção da Fundação Nacional Pro-Memoria, Fundação Roberto Marinho e Secretaria de Ensino de 1º e 2º graus, do Ministério da Educação, com direção de Jarbas Mantovani, sobre pesquisa de Gloria Veiga de Moura e Rogerio Jose Dias, da série Brasil Corpo e Alma; "Na Trilha dos Uru-eu Wau" e "O Caminho do Fogo", da serie "Decada da Destruição".

O filme "Da Seringa ao Boi", segundo os organizadores da mostra, "trata da ocupação da Amazônia atraves dos migrantes nordestinos — que ha seculos dedicam-se a extração da borracha em regime de semi-escravidão — e as drasticas mudanças verificadas a partir da ultima década, com a implantação dos grandes projetos agropecuários na região".

"Ferrovia do Diabo" conta a história da Estrada de Ferro Madeira-Mamore, com depoimentos das ultimas testemunhas vivas da construção da estrada, no inicio do seculo, sua desativação, no final dos anos 60 e sua restauração em 1981.

A serie "A Decada da Destruição" apresenta filmes que debatem o desequilibrio ecologico e alertam sobre o perigo do desmatamento, que provoca a esterilidade do solo e mudanças no clima. Com o incentivo a agropecuaria, a Amazonia vem sofrendo desmatamentos indiscriminados.

Acervo ISA

FOLHA DO ACRE
11.10.85

Primeiro Encontro Nacional de Seringueiros inicia hoje no DF

BRASILIA (SUCURSAL — Tem seringueiro chegando em Brasília depois de viajar mais de 20 dias de suas colocações até a Capital Federal. Estes tem demonstrado uma grande expectativa em relação ao I Encontro Nacional de Seringueiros que realiza-se à partir de hoje no auditório do Centro de Ciência e Tecnologia da Universidade de Brasília, com a participação de mais de 130 seringueiros dos Estados do Acre, Rondônia e Amazonas e de várias autoridades federais do setor de borracha.

Os seringueiros começaram a chegar na Capital Federal no início da semana e estão sendo alojados no Centro de Treinamento da CONTAC (Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura), próximo a Brasília. As expectativas para este encontro são grandes da parte dos seringueiros dos três Estados da Amazônia Ocidental

Afinal de contas, durante os próximos dias 11 a 16 de outubro, eles estarão discutindo questões importantissimas em relação às suas condições de vida enquanto homens que estão trabalhando nos mais distantes lugares da Amazônia sem qualquer apoio de órgãos governamentais. Serão discutidas questões como a remuneração dos soldados da borracha, os heróis nordestinos que, enfrentando todo o tipo de perigo na selva, foram deslocados para as matas amazônicas com o fim de produzir borracha para o Brasil cumprir os compromissos que assumiu durante a Segunda Guerra Mundial. Da mesma forma, será discutido tema como "Os Seringueiros e o Desenvolvimento da Amazônia", quando se falará sobre a vida cotidiana nos seringais da região, sobre as propostas do governo para a Amazônia, sobre o desenvolvimento e os conflitos sociais presentes nesta região.

Outro importante ponto a ser discutido será o posicionamento dos seringueiros em relação à Reforma Agrária, quando serão abordados a utilização das terras pelos seringueiros, o Plano Nacional de Reforma Agrária e os projetos de colonização implantados na região. "Política Para a Borracha" será o penúltimo tema a ser discutido no I Encontro de Seringueiros, em Brasília. Este tema abordará questões como a como as necessidades e expectativas dos seringueiros, a política do Governo para o seringal nativo e de cultivo (com palestra do Superintendente da Sudhevea, Antonio Macedo Bezerra) e a definição da situação jurídica dos seringueiros.

Por último, serão discutidas questões referentes à cultura, educação e saúde nos seringais, quando se abordará a escola e o atendimento médico nestes locais, as propostas de educação e o contexto cultural dos seringueiros, e as alternativas na área de saúde.

O encontro está sendo organizado na Capital Federal pela Fundação Pró-Memória, do Ministério da Cultura, pelo Instituto de Estudos Sócio-Econômicos (INESC), com apoio da Universidade de Brasília e iniciativa de sindicatos de trabalhadores rurais que reunem seringueiros nos Estados do Acre, Amazonas e Rondônia.

Acervo ISA

LUX JORNAL
FUNDADO EM 1928

Diário Comércio & Indústria
DCI
SÃO PAULO

11 OUT 1985

VASP - 1933 - 1983. Os primeiros 50 anos passaram voando

AGENDA

• **Seringueiros** - Na Universidade Federal de Brasília, seringueiros do Amazonas, Acre e Rondônia iniciam o 1.º Encontro Nacional da categoria para debater a reforma agrária, a política de produção da borracha, saúde e educação.

Acervo ISA

LUX JORNAL
FUNDADO EM 1928

ULTIMA HORA
BRASÍLIA-DF

11 OUT 1985

VASP - 1933 - 1983. Os primeiros 50 anos passaram voando

SERINGUEIROS 7736

A dura extração da vida

"... Porque nós, né, é besteira, nós só vive pra sofrer. E tanto que nós derrama suor pra fazer a produção, e nós não tem valor de nada. É isto mesmo, que nós à toa, analfabeto, só podemos dizer isto que é o que nós vive vendo na nossa frente. É o sofrimento e a escravidão. Que já acabou o tempo da escravidão. Cabou-se. Hoje em dia não tá mais escravidão. Mas querem por firme força que nós vive coagido, vive como escravidão, como de primeiro tinha escravidão". Este é um trecho de um depoimento dado pelo seringueiro Ulisses Marques, Rio Tarauacá, Acre, à antropóloga Mary Allegretti em 1978. Ulisses talvez esteja entre os mais de 130 seringueiros, dos estados do Amazonas, Acre e Rondônia, que estarão reunidos em Brasília, de hoje a 17 deste mês, no **Encontro Nacional de Seringueiros da Amazônia** no Auditório da Faculdade de Tecnologia da Universidade de Brasília.

Eles discutirão entre outras coisas, Reforma Agrária, Política Para a Borracha, Cultura, Educação e Saúde nos seringais. Os seringueiros pretendem promover um debate com órgãos governamentais sobre a formulação de políticas que venham a considerar suas especificidades sócio-econômicas e culturais, bem como divulgar para toda sociedade brasileira, a vida que levam, suas condições de trabalho e suas reivindicações.

AA

Acervo ISA

LUX JORNAL
FUNDADO EM 1928

O DIA
SÃO PAULO

11 OUT 1985

Voe Vasp. É um barato

Seringueiro: A defesa de uma profissão

DENISE ALVES

BRASÍLIA (EBN - O DIA) A Amazônia está ocupada. Sua ocupação faz parte de um Brasil submerso, desconhecido e ignorado que se opõe à visão colonizadora de um imenso espaço vazio a ser povoado e explorado economicamente. Além das populações indígenas, a Amazônia está ocupada pelos seringueiros, que, na sua maioria, ainda vivem em regime próximo da escravidão.

Pela primeira vez na história, no período de 11 a 17 de outubro, os seringueiros da amazônia se reunem para debater com órgãos governamentais as políticas para a Amazônia e para o extrativismo. E para mostrar ao País que existem, suas condições de trabalho, suas reivindicações, seu direito a uma identidade cultural própria.

A Amazônia está ocupada por populações indígenas e por uma população que migrou do Nordeste no século passado, na época da expansão da borracha e cujos descendentes ainda hoje vivem nas florestas. São os seringueiros, extratores da borracha. Eles formam na Amazônia e especialmente no Acre, um contexto econômico e cultural específico, que tem um pouco da sociedade indígena e um pouco da sociedade industrial, afirma o sociólogo José Walter Nunes, da Fundação Pró-Memória, do Ministério da Cultura, que, desde 1982, acompanha a realização de projetos de educação e cooperativismo no Acre.

O projeto seringueiro desenvolve na região de Xapuri propostas educacionais inovadoras, que começam a ser incorporadas pela Secretaria de Educação do Acre para as escolas rurais. Uma vitória que faz parte do movimento dos seringueiros por melhores condições de trabalho, saúde e educação, pela regularização da terra, demarcação das áreas de seringal nativo e preservação da seringueiras e castanheiras.

O Encontro Nacional de Seringueiros da Amazônia é uma iniciativa do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri-Acre e está sendo promovido pela Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Acre, por seringueiros do Amazonas e Associações de Seringueiros e Soldados da Borracha de Rondônia, com o apoio do Inesc-Instituto de Estudos Sócio-Econômicos, do Ministério da Cultura, através da Fundação Nacional Pró-Memória, e da Universidade de Brasília.

DIREITOS HISTÓRICOS

Entre 11 e 17 de outubro, 130 representantes dos seringueiros da Amazônia discutirão no Auditório da Faculdade de Tecnologia da UNB, os direitos históricos dos soldados da borracha, o desenvolvimento da Amazônia, a reforma agrária, políticas para a borracha, cultura, educação e saúde nos seringais. No dia 17, eles aprovarão o documento final do encontro, que será entregue às autoridades às 14;30 horas.

Durante o encontro na Universidade de Brasília, serão exibidos os filmes da Seringa ao Boi, de Renato Neumann, Ferrovia do Diabo, produzido pela Fundação Pró-Memória, com direção de João Batista de Andrade, e Década da Destruição, co-produzido pela Universidade Católica de Goiás e a Central Independent Television, de Londres, na Trilha dos Uru-Eu Wau Wau; O Caminho do Fogo; Nas Cinzas da Floreste; As Tempestades na Amazônia. Os filmes serão exibidos, também, no mesmo período, no Teatro Galpãozinho.

Segúndo Maria José Jaime, Coordenadora Geral do Instituto de Estudos Sócio-Econômicos "ainda hoje predominam no Interior da região amazônica formas compulsórias de retenção da força de trabalho". - Na Amazônia, desde o início desenvolveu-se um sistema escravista de organização do trabalho nos seringais - Empresas Extrativas. O nordestino que para lá migrava já chegava endividado com as despesas de viagem. Adquiria a alimentação e os instrumentos de trabalho a preços exorbitantes nos barracões, para pagá-los com a produção. O preço pago sempre foi muito inferior ao do mercado. E inúmeros mecanismos de extorsão foram criados (manipulação nos registros, pesagem errada, taxas, descontos) tendo como resultado o endividamento. Devendo, os seringueiros não podiam abandonar o seringal. Os que tentavam eram castigados, afirma Maria José Jaime.

PECUÁRIA É OPÇÃO

Embora o extrativismo ainda seja a principal fonte de receita do Acre, empresários do Sul querem que a atividade econômica do Estado se centre na pecuária, que segundo o sociólogo José Walter Nunes, rompe o equilíbrio ecológico e provoca a morte de castanheiras e seringueiras, apesar da proibição de extinção de árvores frutíferas pelo Instituto Brasileiro de Defesa Florestal. Os seringueiros organizam-se em movimentos denominados empates, procurando impedir o desmatamento e defender suas condições de sobrevivência.

Hoje existem, basicamente, dois tipos de seringueiros; o que é chamado de "cativo" e que trabalha em seringuais tradicionais, com um sistema de organização baseado no barracão e no endividamento ao patrão e o seringueiro autônomo, chamado de "liberto", que vive em seringais mais próximos de Rio Branco, que conseguiu se libertar do patrão. Em pequena escala cerca de 10% dos seringueiros do Estado - os seringueiros autônomos constituem, segundo José Walter Nunes, uma figura nova no Acre e talvez na Amazônia e estão construindo um novo contexto de vida e de organização social, marcado por um maior grau de independência em relação ao barracão e ao intermediário.

Em pequisa realizada em 1978 num seringal tradicional do Acre, a antropóloga Mary Helena Allegretti, coordenadora de Recursos Humanos do Inesc, constatou que um dos elementos que condicionavam a subordinação do seringueiro ao barracão era o analfabetismo, que permitia ao patrão manipular os dados de controle da produção e comercialização da borracha. Em 1980, um grupo de pessoas iniciou o estudo de um projeto de educação "que desse conta das necessidades dos seringueiros em termos da defesa do trabalho" e que tivesse uma concepção derivada do modo de vida da floresta.

Com o apoio do Centro Ecumênico de Educação e Informação, de São Paulo, do Centro de Documentação e Pesquisa da Amazônia, da Fundação Nacional Pró-Memória, e ao lado dos Sindicatos de Trabalhadores Rurais, foram implantadas escolas e cooperativas nas áreas onde se concentram os seringueiros autônomos, em torno de Xapuri-Acre. Desde o início, como relata a antropóloga Mary Helena Allegretti, "a escola surge articulada com essa idéia de organizar uma cooperativa. Então, ela tem, também, caráter econômico, no sentido de que os seringueiros passariam a controlar o processo de comercialização da borracha e adquiririam elementos para isso: aprender a ler, escrever e contar, para poder exercer esse controle de forma autônoma".

Desde 1981, a Fundação Pró-Memória participa do Projeto Seringueiro, no Acre, através do Projeto Interação entre a Educação Básica e os diferentes contextos culturais existentes no País.

FORMA DE VIDA

- Trabalhamos com a questão da pluralidade e da diversidade cultural, encarando a cultura como forma de vida e de sobrevivência das diversas populações sejam seringueiros, comunidades negras e indígenas, posseiros e outros. Explica José Walter Nunes. "Nosso apoio a um encontro de seringueiros faz parte dessa referência conceitual e da posição de que cabe ao Estado criar condições para que essas populações se coloquem para a sociedade nacional mostrando as suas diferenças e buscando, ao defender as diferenças, uma identidade cultural brasileira".

O projeto Interação desenvolve experiências de educação popular como uma contribuição ao repensar da educação brasileira, abrindo espaço, como explica o coordenador do grupo de trabalho que orienta o projeto no País, José Silva Quintas, para que a comunidade participe do fazer educacional, desde a elaboração do currículo à gestão dos recursos financeiros.

No caso do projeto seringueiro, a adoção da experiência para as escolas rurais, pela Secretaria de Educação do Acre, buscando elementos de renovação para a rede oficial, é vista como um momento de diálogo entre o Estado e a sociedade civil por José Walter Nunes. "Houve uma inversão. O Estado sempre costuma ser verticalista, impor sua orientação e sua metodologia de trabalho. Nessa experiência, houve o contrário: a sociedade civil está propondo ao estado a educação que ela acha que é coerente com o seu sistema cultural. Acho que isso aí é um grandepasso, uma grande vitória, no caso específico dos seringueiros do Acre".

Na opinião da antropóloga Mary Allegretti, o projeto seringueiro é um embrião de uma proposta para a área de extrativismo de toda a Amazônia, com suas contribuições sobre a elaboração de material, funcionamento de uma escola no seringal e a vinculação da escola a um projeto de autonomia econômica e fortalecimento político da comunidade.

Para a antropóloga, a maneira como a população vive, através da extração da borracha na Amazônia, especialmente nas áreas autônomas, deve ser "levada mais a sério" na discussão sobre as formas de ocupação da região, por preservarem o ecossistema e permitirem uma autonomia de subsistência. "A comercialização do produto é assegurada pelo governo, o que os seringueiros pretendem é que sejam levados mais a sério. Que o modo como eles vivem seja considerado como uma das alternativas para se pensar uma forma ecológica de preservação da vida e desenvolvimento da Amazônia. Desenvolvimento não significa só projetos de colonização e empresas agropecuárias.

Desenvolvimento significa também uma forma adequada de vida para a população que mora lá - saúde, educação, cooperativismo, autonomia nas decisões" afirma Mary Helena Allegretti.

Acervo ISA

"A CRITICA"

MANAUS, SÁBADO, 12 DE OUTUBRO DE 1985

Seringueiros reúnem para debater direitos

O deputado Arthur Virgilio Neto (PMDB) registrou, ontem, a abertura do Encontro Nacional de Seringueiros da Amazônia, reunindo cerca de 200 brasileiros, que segundo o parlamentar, o falso desenvolvimento tem esquecido no interior da região. A iniciativa é do Sindicato da Borracha de Rondônia, com o apoio do Ministério da Cultura e da Fundação Pró-Memória.

Este encontro será encerrrado dia 17, quando o documento e a formulação dele nascidos deverá ser entregue às autoridades brasileiras. O tema "Direitos Históricos dos Soldados da Borracha" vai ser enfocado no painel desta manhã, tratando da bravura dos seringueiros na produção da hévea para abastecer os aliados, ao longo da Segunda Guerra Mundial.

Na segunda-feira, Arthur Neto e Mario Frota vão falar sobre o tema "Os Seringueiros e o Desenvolvimento da Amazônia", quando examinarão aspectos fundamentais que envolveram a vida nos seringais, o estado de servidão em que tentam fazer vegetar o seringueiro, a crueldade do regime de barracão, a ausência da lei e da justiça e, por outro lado, o início do trabalho de associação e organização dos seringueiros no esforço dos sindicatos de trabalhadores rurais.

Estudaremos as diversas propostas de política econômico-social que os diversos governos brasileiros têm, uma após outra, lançado à face de uma Amazônia torturada pelo abandono secular. Também trilharemos os conflitos sociais na região, analisando o "modelo" de desenvolvimento autoritário —, explicou Arthur Neto.

As condições de cultura, saúde e educação nos seringais também serão debatidas durante o encontro que no entender do parlamentar não será um mero exercício acadêmico de intelectuais da realidade prática amazônica, mas, um foco para o debate e a ação do próprio seringueiro.

O parlamentar saudou a iniciativa dos seringueiros, por conseriderá-la limpa e democrática, inserindo nos anais da Câmara Federal o projeto orientador do encontro, que é o estabelecimento de um importante marco na luta de tantos homens antes esquecidos no interior da Amazônia Ocidental.

Acervo ISA

FOLHA DE SÃO PAULO

15.10.85

Seringueiros fazem passeata

Reunidos no 1º Encontro Nacional de Seringueiros da Amazônia, cerca de 130 representantes dos Estados do Amazonas, Pará, Acre e Rondônia, decidiram fazer uma passeata hoje em direção ao Congresso Nacional, para protestar contra o Plano Nacional de Reforma Agrária que, segundo eles, não atende às necessidades da categoria. Amanhã, os seringueiros irão ao Planalto entregar ao presidente José Sarney documento com as propostas da classe e afirmaram que se não forem aceitas farão a reforma agrária "com as próprias mãos", segundo o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Rondônia, Jaime da Silva Araújo.

Para os seringueiros, a proposta do governo não satisfaz: "Nós não fomos ouvidos e isto está claro no PNRA. Não aceitamos a solução de lotes de setenta hectares para cada seringueiro, pois a atividade extrativista exige pelo menos dez vezes isto", disse Araújo. Segundo o representante de Rondônia, cerca de 40 mil seringueiros foram expulsos pelo latifúndio, nos dez últimos anos, em seu Estado. "As autoridades estão procurando nos transformar em mão-de-obra. Enquanto isso fornecem verbas para as grandes fazendas que plantam seringas", afirmou.

Disse ainda que na entressafra os seringueiros não têm outra alternativa senão buscar na agricultura condições para a sobrevivência da comunidade. "Mas isto é feito com muita dificuldade — disse — pois os preços dos produtos de consumo básico na região são muito altos".

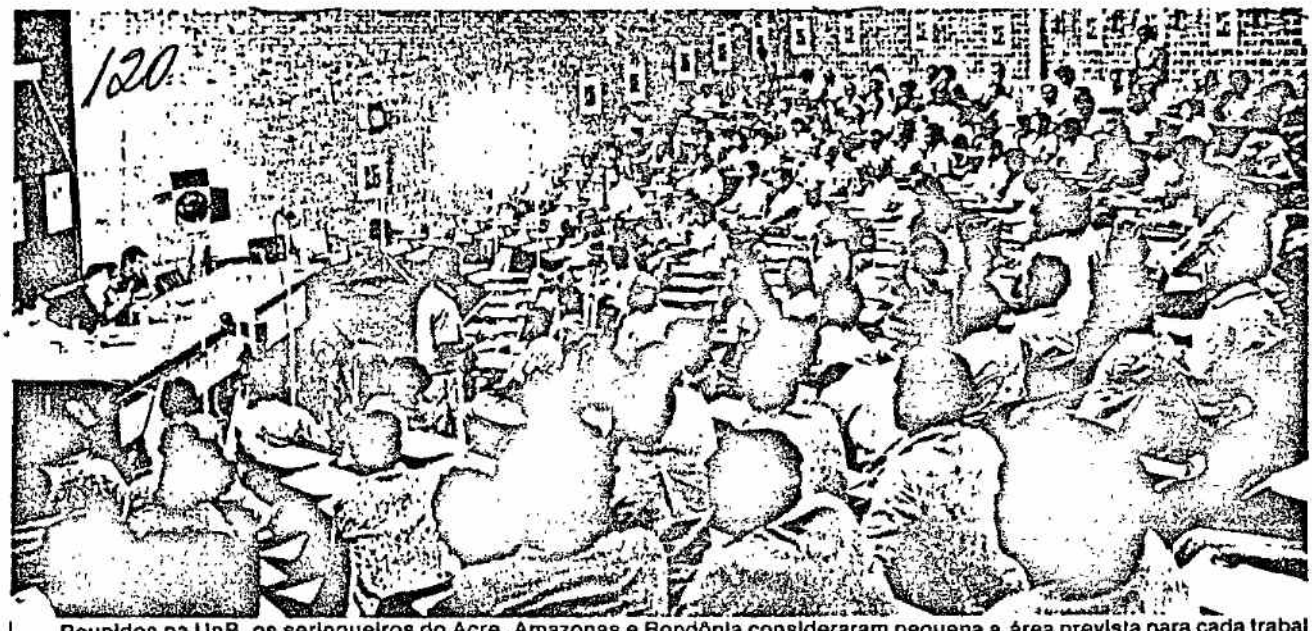
Na proposta que vão entregar a Sarney amanhã, os seringueiros pedem a desapropriação das áreas onde existem seringais nativos e que estas sejam demarcadas comunitariamente, à exemplo do que se faz com as áreas indígenas. "Esta é uma forma de impedir que um seringueiro desesperado venda as suas terras ao latifúndio", disse Araújo.

LUX JORNAL
FUNDADO EM 1928

CORREIO BRAZILIENSE
Brasília - Distrito Federal

15 OUT 1985

VASP - 1933 - 1983. Os primeiros 50 anos passaram voando



Reunidos na UnB, os seringueiros do Acre, Amazonas e Rondônia consideraram pequena a área prevista para cada trabal

Seringueiros não aceitam o plano

Os seringueiros da Amazônia não concordam com o Plano Nacional de Reforma Agrária assinado na semana passada pelo presidente José Sarney. Eles entendem que a destinação de 30 hectares de terra para cada trabalhador é insuficiente para a manutenção do sistema de exploração extrativista da seringueira e para a preservação da floresta amazônica.

A posição foi manifestada ontem durante o Encontro Nacional de Seringueiros da Amazônia, que vem reunindo desde a última sexta-feira, no auditório da Faculdade de Tecnologia da Universidade de Brasília, 130 seringueiros do Acre, Amazonas e Rondônia.

Depois de ouvirem do representante do Ministério da Reforma e do Desenvolvimento Agrário, Alfredo Wagner de Almeida, uma exposição sobre os principais itens do plano, os representantes dos sindicatos rurais da região amazônica se revezaram ao microfone para criticá-lo e garantir a disposição de luta dos seringueiros para conquistar uma reforma agrária que atenda suas necessidades. "Esse plano é medíocre porque não serve a nenhum seringueiro", protestou o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Novo Aripuanã, no Amazonas. A seu ver, a implantação do PNRA significará o fim da profissão de seringueiro, na medida em que a exploração da seringueira nativa só pode ser feita em no mínimo 300 hectares.

Na proposta encaminhada ao Governo logo após o 4º Congresso dos Trabalhadores Rurais, realizado em agosto em Brasília, os seringueiros defendiam a demarcação comunitária das terras, ou seja, que a metragem fosse definida pelos próprios seringueiros, conhecedores da área em que trabalham, numa média de 300 hectares para cada um. Eles querem também um título de propriedade coletivo e definitivo para garantir que alguns trabalhadores não caiam na tentação de vender suas terras depois de efetivada a reforma agrária.

Nos debates de ontem, o representante do Acre, Raimundo Mendes, foi mais longe: ele pediu a desapropriação de todas as terras da Amazônia onde haja seringueiras e castanheiras e sua titulação para os seringueiros. "Só assim — garantiu Raimundo — se poderá acabar ou pelo menos minimizar a violência e a incerteza em que nós vivemos".

Para o deputado Artur Virgílio Neto (PMDB-AM), que compunha a mesa do encontro, "a reforma agrária prevista pelo Governo não é nem de longe aquela que eu desejava", na medida em que ela prioriza a divisão das terras públicas em detrimento da desapropriação dos latifúndios. Por isso mesmo, ele conclamou os seringueiros a aceitarem o plano do Governo, mas, ao mesmo tempo, mobilizando-se para conquistar uma reforma "que possa atender a todos os trabalhadores".

Hoje à tarde os seringueiros irão ao Congresso para levar aos parlamentares sua posição sobre a reforma agrária. Uma comissão deverá seguir para o Ministério da Indústria e do Comércio onde, às 14h30m, reúne-se o Conselho Nacional da Borracha. Pela primeira vez um seringueiro terá a oportunidade de participar de uma reunião do conselho.

Os debates sobre questões como a política para a borracha e a vida nos seringais prosseguem hoje e amanhã na UnB. Na quinta-feira, os seringueiros aprovam o documento final do encontro, que será encaminhado à tarde às autoridades do Governo Federal.

Acervo ISA

O RIO BRANCO

RIO BRANCO - AC, 15 DE OUTUBRO DE 1985.

O Rio Branco 15/10/85

Xapuri está ficando um novo deserto

RIO BRANCO (EBN) - Xapuri é o município que mais tem sofrido com o desmatamento e a concentração da propriedade da terra nas mãos de latifúndios. Nos últimos seis anos mais de 120 mil árvores de seringa e 80 mil castanheiras foram derrubadas ao arrepio da lei, como consequência da ganância e da especulação fundiária dos fazendeiros vindos do Sul do País, gerando desemprego e fome para centenas de famílias de seringueiros e castanheiros, que rumaram para a periferia das cidades, formando verdadeiras Vilas-miséria.

A afirmação é do ex-presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri e candidato a prefeito do município, pelo partido dos Trabalhadores, Francisco Mendes.

Segundo Francisco Mendes, os projetos de colonização executados até hoje pelo Incra na Amazônia, limitaram a posse da terra em lotes de 50 a 100 hectares e isto impossibilita a sobrevivência dos seringueiros e castanheiros, que necessitam de 300 a 500 hectares por família, para desenvolverem suas atividades extrativas e de coleta.

"O que defendemos então, é um zoneamento da região e uma distribuição da terra, que permita um sistema de produção do latex e da castanha em forma cooperativa e coletivista, o que garantiria a preservação das florestas e dessa grande riqueza para o país, que são os seringais e castanhais nativos", afirmou ele.

O sindicalista descreveu para a EBN o drama que vivem os trabalhadores rurais do município: "em Xapuri, 70% das terras são consideradas propriedades privadas dos pecuaristas, mas na realidade são ocupadas por cerca de 1.500 famílias de seringueiros. É muito grande o medo e a intranquilidade dos trabalhadores em perderem de uma hora para outra as suas colocações, pois apesar da organização e da resistência dos trabalhadores em torno do Sindicato, impedindo através de empates a derrubada dos seringais e castanhais, no ano passado ocorreu até uma intervenção da Polícia Militar do Estado para garantir os desmates promovidos pelos fazendeiros".

Acervo ISA

FOLHA DO ACRE
RIO BRANCO
15.10.85

Editorial

Seringueiros no Planalto

Após mais de meio séculos enclausurado sob a densa floresta amazônica, o seringueiro com a chegada da "Nova República" teve um lugar ao sol. Na última sexta-feira foi aberta em Brasília o I Encontro Nacional de Seringueiros. Oportunidade ímpar na história do extrativismo do látex, embora tardia, para o seringueiro denunciar a nível nacional, as agruras por que passou nestas esquecidas décadas nos seringais.

Hoje, vemos chusmas de políticos empunhando bandeira em defesa deste heróico anônimo da seringa, que sustentou os aliados na segunda Grande Guerra com sua faca de "corte", travando no front de uma batalha bacteriológica, uma luta emperdenida com beriberi, malária e outras adversidades da floresta amazônica.

Tempo houve para que a classe política o defendesse, lutasse para colocá-lo na galeria dos heróis nacionais. Mas preferiram ignorá-lo, dedicando-lhe apenas generosas palavras nos períodos eleitorais. Não será, portanto, agora que o seringueiro consegue sua liberdade de expressão que vai precisar da bengala de políticos. Foi chegada a hora para que largasse sua espingarda, poronga, sapatos de seringa e sua faca de seringa para bradarem, na capital da República, que são brasileiros e precisam das mínimas condições para continuarem a defenderem essa imensa fronteira amazônica.

O seringueiro exige seus direitos nesse momento histórico e a reforma agrária não poderá contribuir para desiná-lo de seu habitat. Essa reforma tem que ser diferenciada do resto do país. As autoridades têm que se sensibilizarem e concederem a esses paladinos da borracha uma reforma agrária humana para o homem da amazônia. O governo tem que conceder a esses homens uma área de terra que obedeça a realidade local, variando entre o mínimo de 300 e um máximo de 500 hectares para que continue exercendo sua atividade econômica, que hoje sustenta mais de 300 mil pessoas na Amazônia e que contribui com 50 por cento do ICM do Estado do Acre.

Para que as reivindicações do seringueiro nesse congresso não fique apenas nos anais para estudos dos intelectuais, com suas teses de mestrados, o governo deve tomar providências enérgicas para debelar o vandalismo na floresta acreana, em favor da melhoria da vida do seringueiro.

Acervo ISA

"O ESTADAO DE RONDONIA" - PORTO VELHO, TERÇA-FEIRA, 15 DE OUTUBRO DE 1985

Encontro Nacional de Seringueiros

Discute a política para borracha na Amazônia

BRASILIA (EBN) — O ministro da Cultura considerou "um congresso de identidade nacional" o Encontro Nacional de Seringueiros da Amazônia, que começou ontem na Universidade de Brasília, e, até o dia 17, vai colocar em discussão a política para a borracha, o desenvolvimento da Amazônia, os direitos históricos dos soldados da borracha, a Reforma Agrária, Cultura, Educação e Saúde nos seringais.

O Encontro é promovido pela Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Acre, seringueiros do amazonas e associação de seringueiros e soldados da borracha de Rondônia, com o apoio do Instituto de Estudos Sócio-Econômicos, do Ministério da Cultura, através da Fundação Pró-Memória, e da Universidade de Brasília. Além dos seringueiros, participarão das mesas-redondas políticos, autoridades do governo e pesquisadores.

— Ao apoiar o Encontro Nacional de Seringueiros e seringueiras da Amazônia, o ministro da Cultura procura ressaltar que as modificações políticas não tenham como base somente as reivindicações conjunturais e o voluntarismo ideológico, mas que se radiquem nas condições concretas da existência diária. Pensar nossa identidade é pensar a coexistência, a combinação de questões étnicas com questões sociais, a interpenetração dessas forças na história, afirmou o ministro Aluízio Pimenta, na abertura do Encontro.

REIVINDICAÇÕES

Seis representantes dos seringueiros falaram sobre as condições de vida, as dificuldades e as reivindicações da categoria na cerimônia da abertura, que contou ainda com a participação do poeta Thiago de Mello, o reitor da Universidade de Brasília, Cristovam Buarque e o senador Mário Maia.

O representante do Amazonas, Jaime da Silva Araújo, leu uma poesia sobre a vida do seringueiro, que posteriormente foi analisada e elogiada pelo reitor da UNB. O seringueiro relatou as dificuldades e privações passadas pela população da Amazônia nos seringais, havendo famílias "que passam até 29 dias sem o sal de panela".

Nós não vivemos na floresta, nos vegetamos junto com ela. Por isso, exigimos a Reforma Agrária e que os latifundios não entrem nos seringais". Segundo Jaime Araújo, a manipulação dos preços dos alimentos no "barracão" do seringalista (o proprietário da terra e patrão dos seringueiros) provoca o endividamento permanente do trabalhador e uma situação de escravidão". O quilo do café chega a custar Cr$ 170 mil no barracão de Aripuana", afirmou o representante do Amazonas.

Segundo Raimundo Mendes Barros, seringueiro em Xapuri, no Acre, apenas os seringueiros autonomos estão conseguindo condições de sobreviver. Enquanto o seringueiro autonomo paga Cr$ 2.800 o quilo do açúcar na cidade, o "cativo" paga de 7 a dez mil cruzeiros o quilo do produto no "barracão" do seringalista. O patrão paga apenas Cr$ 6.000 pelo quilo da borracha, enquanto, em Xapuri, o seringueiro autonomo consegue vender seu produto por Cr$ 8.400.

Raimundo Barros afirma que a principal reivindicação dos seringueiros é "a Reforma Agrária por seringueiro", que leve em conta a densidade de árvores necessária à extração e produção da borracha, para que o trabalhador tenha condições de sustentar sua família. Além disso, eles querem "que a borracha tenha um preço melhor para o seringueiro" e que ele possa controlar a política de preços e a comercialização de produtos; instalação de serviço de saúde e escolas nos seringais.

— Hoje nos estamos muito ameaçados pelo latifundio. Ele chegou na Amazônia, principalmente no Estado do Acre, e está devastando a floresta, está acabando com as seringueiras, está acabando com a castanheira, com a nossa caça. Está expulsando os seringueiros para a cidade, onde chegam sem recursos financeiros, não tem saber para conseguir emprego Eles ficam sendo boia-fria, vivendo de biscate, e aquilo rende muito pouco para sustentar a família. Então as filhas se entregam à prostituição, os filhos se entregam à marginalidade Por isso, nossa principal reivindicação é a Reforma Agrária, afirma Raimundo Barros.

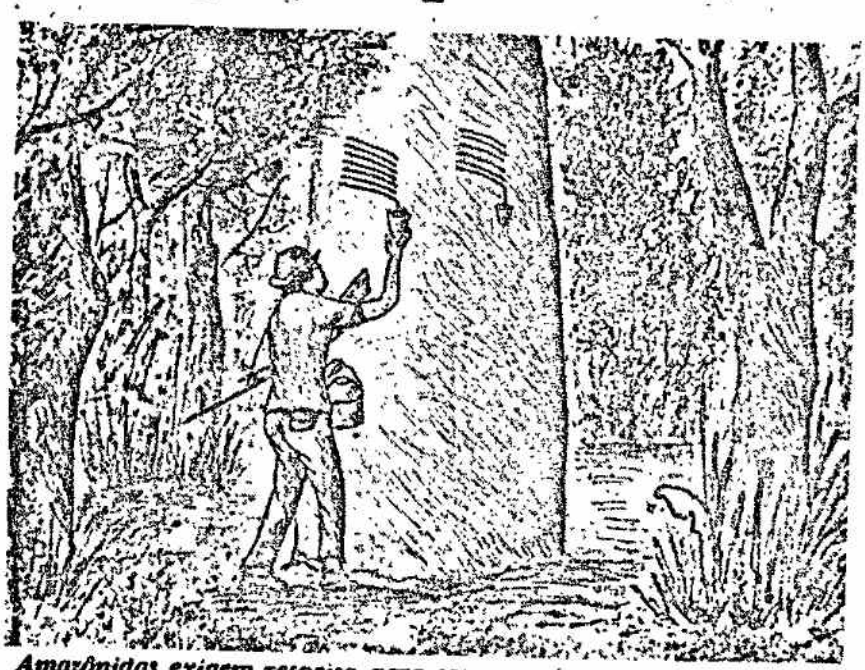
Fundação ... Setor ... Bloco ... Ed. ... Brasília CEP 70610

Acervo ISA

FOLHA DO ACRE
15.10.85

Fone: 224-5603
ASSINANTE

Seringueiros discutem projeto para a Amazônia



Amazônidas exigem respeito para com a seringueira

Brasília (EBN) — A participação dos seringueiros na discussão de projetos de desenvolvimento para a Amazônia, a elaboração de um diagnóstico sobre o extrativismo e a desapropriação de seringais localizados em latifúndios, para aplicação da reforma agrária de acordo com os critérios dos seringueiros, foram as propostas encaminhadas ontem na mesa redonda sobre "Os seringueiros e o desenvolvimento da Amazônia", no Encontro Nacional de seringueiros, que se realiza na Universidade de Brasília.

"Nós vimos a destruição de Rondônia e estamos vendo a devastação do Acre", afirmou o Senador Mário Maia, durante os debates sobre o PLANACRE — Plano de Desenvolvimento Integrado do Estado do Acre.

Acervo ISA

JORNAL DE BRASILIA

15 OUT 85

Reforma não tem apoio de seringueiros

Os 150 seringueiros que estão reunidos desde sexta-feira, em Brasília protestaram ontem contra o plano de Reforma Agrária divulgado pelo Governo. Esse plano, segundo o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Novo Aripuanã (AM), Jaime da Silva, vai, a médio prazo, "transformar os seringueiros em empregados, parceleiros das grandes fazendas ou marginal na periferia das cidades". Na quinta-feira, os seringueiros encaminham ao presidente Sarney uma proposta alternativa para a reforma agrária nos seringais.

No documento a ser entregue ao presidente da República, os seringueiros reivindicam a demarcação de "perímetros comunitários" dos seringais, e não a demarcação individual de 30 hectares, como está definido pelo módulo da região. Eles querem ainda que o título de cada seringueiro seja intransferível para evitar a venda das "colocações" (local de extração individual do látex). Além disso, os seringueiros pedem ainda que sejam preservadas as florestas, "que é nossa única fonte de sustento".

"Se este Governo não luta pela Reforma Agrária, é porque não está interessado. E nós também sabemos que este Governo é um grande latifundiário em seu Estado de origem. Nós sabemos distribuir a terra de acordo com a necessidade de cada seringueiro, mas o que eles querem é deixar os latifundiários acabar com nossa terra. Mas nós vamos fazer a Reforma Agrária é na raça".

Esse é o trecho de um dos muitos discursos dos insatisfeitos seringueiros. Os marino Amâncio Rodrigues, que trabalha nos seringuais de Rondônia denunciou ainda a presença de grileiros nos seringais, dizendo que 90% dos seringais nativos "não são propriedades e sim posses. Os que se dizem donos pagam o ITR (Imposto Territorial Rural) e depois vêm nos cobrar pelo uso da terra".

Acervo ISA

O RIO BRANCO

RIO BRANCO - AC, 16 DE OUTUBRO DE 1985.

SERINGUEIROS CONTRA DEVASTAÇÃO NO ACRE

BRASÍLIA (EBN) — A participação dos seringueiros na discussão de projetos de desenvolvimento para a Amazônia, a elaboração de um diagnóstico sobre o extrativismo e a desapropriação de seringais localizados em latifúndios, para aplicação da reforma agrária de acordo com os critérios dos seringueiros, foram as propostas encaminhadas na mesa redonda sobre "Os Seringueiros e o Desenvolvimento da Amazônia", no encontro nacional de seringueiros, que se realiza na Universidade de Brasília, até o dia 17 de outubro, e começou segunda-feira.

"Nós vimos a destruição de Rondônia e estamos vendo a devastação do Acre", afirmou o senador Mário Maia, durante os debates sobre o Planacre — Plano de Desenvolvimento Integrado do Estado do Acre.

Ele defendeu a desapropriação de latifúndios de forma que cada seringueiro receba "três pernas de estradas" — cerca de 300 hectares, com trezentas seringueiras, que é a média mínima de árvores que garante a sobrevivência de uma família. E, propôs, ainda, que o seringueiro receba incentivo para adensar o seringal. "Se ele receber as plantas, a área que tiver 450 seringueiras terá 4.500 daqui há 10 ou 15 anos", disse o senador.

Segundo o coordenador da mesa redonda, Francisco Mendes Filho, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri, o desmatamento indiscriminado e a expansão dos latifúndios, provocam a expulsão do homem do campo e o aumento de favelas nas cidades. A construção da BR-364, que liga Porto Velho a Rio Branco, já está provocando, segundo Francisco, "correria dos latifundiários para comprar mais terras e projetos criminosos para desmatar ainda mais a floresta. Ele denunciou também que uma empresa em Xapuri, pretende desmatar 1.500 alqueires de floresta.

Acervo ISA

Fundação Nacional Pró-Memória
Setor Bancário [illegible] Proj 14
Bloco F Ed. Central Brasília
CEP 70040

O ESTADAO DE RONDONIA

PORTO VELHO, QUARTA-FEIRA, 16 DE OUTUBRO DE 1985

O Encontro Nacional de Seringueiros da Amazônia

A Amazônia é conhecida pela singularidade de seu sistema ecológico, pelas restrições dai decorrente ao desenvolvimento de algumas atividades econômicas, pela riqueza de recursos minerais a serem explorados e pela diversidade de formas de vida social que historicamente ali se constituíram.

Pouco se conhece, no entanto, a respeito de um dos segmentos sociais que moram no interior da floresta e que dependem dela para sobreviver — os seringueiros. Eles são vistos como personagens do passado. Mas pertencem à Amazônia de hoje.

Vivendo em lugares distantes e isolados, sob condições de trabalho não regulamentadas, os seringueiros extraem o látex da mesma forma como faziam seus antepassados, cem anos atrás, ao migrarem do Nordeste. Desde então, desenvolveram um modo de viver adequado ao ecossistema da floresta, protegendo árvores, animais e plantas. Trazem consigo um conhecimento acumulado sobre a história da Amazônia e do Nordeste, pouco conhecido dos brasileiros.

Durante a Segunda Guerra, convocados a produzir borracha para os países aliados foram para a Amazônia como se estivessem indo para o campo de batalha. Denominados de Soldados da Borracha até hoje não tiveram seus direitos reconhecidos.

Seringueiros, Soldados da Borracha, cativos ou libertos, como se auto-denominam eles fazem parte de um Brasil submerso, desconhecido e ignorado.

Para revelá-lo, organizações sindicais tomaram a iniciativa de realizar um Encontro Nacional em Brasília. Pela primeira vez na história os seringueiros da Amazônia estarão reunidos para debater com órgãos governamentais as políticas para a Amazônia e para o extrativismo. Esse será, também, o momento de mostrar ao país a especificidade da vida que levam, suas condições de trabalho, suas reivindicações, e de resgatar uma identidade cultural que procura se afirmar através da pluralidade e diversidade da cultura brasileira.

A partir de uma iniciativa do Sindicato o Encontro é uma promoção da Federação dos Trabalhadores Rurais de Xapuri-Acre, dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Acre, dos Seringueiros do Amazonas e das Associações de Seringueiros e Soldados da Borracha de Rondônia. O Inesc — Instituto de Estudos Sócio-Econômicos, o Ministério da Cultura, através da Fundação Nacional Pró-Memória, e a Universidade de Brasília, apoiam a iniciativa.

O Encontro reune 130 representantes do Acre, Amazonas e Rondônia no período de 11 a 17 de outubro corrente, no Auditório de Ciências e Tecnologia da Universidade de Brasília.

A abertura do encontro foi presidida pelo Ministro Aluízio Pimenta, da Cultura, e nele participam vários ministros de Estado, os presidente da Câmara e do Senado os governadores do Distrito Federal, Amazonas, Acre e Rondônia, além de vários parlamentares.

Reforma agrária(politica para a borracha, cultura, educação e saúde, desenvolvimento da Amazônia, direitos históricos dos Soldados da Borracha são alguns temas debatidos pelos seringueiros com representantes de órgãos governamentais e da sociedade civil. Nestas discussões estarão presentes dentre outros, Roberto Santos (historiador) João Pacheco (Antropólogo — Ministério de Desenvolvimento e Reforma Agrária), Antônio Macedo Bezerra (Economista — Superintendência do Desenvolvimento da Borracha — Sudhevea), Benício Schimdt (Sociólogo — Universidade de Brasília), Mauro [illegible] dade de Campinas), Altamir Gonçalves Pe[illegible] Barbosa de Almeida (Sociólogo — Universi[illegible] tersen (Contag), senador Jorge Kalume senador Mário Maia, deputado Artur Virgílio.

Acervo ISA

O ESTADAO DE RONDONIA - PORTO VELHO, QUARTA FEIRA, 16 DE OUTUBRO DE 1985

Seringueiros e o desenvolvimento da Amazônia

Este o tema que está sendo discutido no Encontro Nacional de Seringueiros

BRASILIA (EBN) — A participação dos seringueiros na discussão de projetos de desenvolvimento para a Amazônia, a elaboração de um diagnóstico sobre o extrativismo e a desapropriação de seringais localizados em latifundios, para aplicação da Reforma Agrária de acordo com os criterios dos seringueiros, foram as propostas encaminhadas ontem na mesa redonda sobre "os seringueiros e o desenvolvimento da Amazônia", no encontro nacional de seringueiros, que estará se realizando na Universidade de Brasília, até o dia 17 de outubro.

"Nos vimos a destruição de Rondônia e estamos vendo a devastação do Acre", afirmou o senador Mário Maia, durante os debates sobre o Planacre — Plano de Desenvolvimento Integrado do Estado do Acre.

Ele defendeu a desapropriação de latifundios de forma que cada seringueiro receba "três pernas de estradas" — cerca de — 300 hectares, com trezentas seringueiras, que é a média minima de árvores que garante a sobrevivência de uma familia. E, propôs, ainda, que o seringueiro receba incentivo para adensar o seringal. "Se ele receber as plantas, a área que tiver 450 seringueiras terá 4.500 daqui há 10 ou 15 anos", disse o senador.

Segundo o coordenador da mesa-redonda, Francisco Mendes Filho, presidente do sindicato dos trabalhadores rurais de Xapuri, Acre, o desmatamento indiscriminado e a expansão dos latifundios provocam a expulsão do homem do campo e o aumento de favelas nas cidades. A construção da BR-364, que liga Porto Velho a Rio Branco, já está provocando, segundo Francisco, "correria dos latifundiários para comprar mais terras e projetos criminosos para desmatar ainda mais a floresta. Ele denunciou também que uma empresa em Xapuri, pretende desmatar 1.500 alqueires de floresta.

O coordenador do Plano de desenvolvimento Integrado do Acre, Planacre, Eduardo Thadeu Domingues, defendeu, ontem, na mesa redonda sobre "os seringueiros e o desenvolvimento da Amazônia", no Encontro Nacional de Seringueiros, na Universidade de Brasilia, a participação da categoria na discussão do plano de adoção urgente de "mecanismos que querem a cadeia de intermediários, tanto na venda da borracha quanto na compra de produtos de subsistência do seringueiro".

Embora o Estado não tenha um diagnóstico definitivo sobre a situação do seringueiro, os primeiros estudos, segundo Thadeu Domingues "mostram que a questão crucial se dá na comercialização da borracha e abastecimento do produtor, fica "amarrado ao antigo sistema do barracão" com prejuizos para o trabalho de exploração. Além de quebrar a cadeia de intermediários, é preciso desenvolver, no caso do Acre, agro-industriais, para beneficiar a borracha na própria região produtora, segundo Thadeu Domingues. Ele considera que a vocação do Estado é extrativis contribui com 50% do ICM ta e agrícola. A borracha do Estado e sustenta uma população de quase 300 mil pessoas na Amazônia.

Fundação Nacional Pró-Memória
Setor Bancário Norte Quadra 02 Proj 14
Bloco F Ed. Central Brasília
CEP 70040

Acervo ISA

FOLHA DO ACRE

16.10.85

Chico Mendes critica desmatamento feito nas terras de Xapuri

O presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri, Francisco Mendes, denunciou ontem durante o I Encontro Nacional de Seringueiros da Amazônia a intenção dos grandes fazendeiros da região de promoverem grandes derrubadas e queimadas de terras a partir do próximo verão acreano. Disse Chico Mendes que a fazenda Bordom, por exemplo, pretende desmatar, só no município de Xapuri, mais de mil e 600 alqueires de mata a partir de julho do próximo ano. O presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri denunciou nacionalmente que já começa a haver no Acre uma grande especulação de terras a partir da pavimentação da BR-364, entre Porto Velho e Rio Branco. Segundo Chico Mendes, os fazendeiros sabem que o Estado agora vai ser ligado por asfalto ao resto do País e por isso começam a correr prá comprar todas as áreas disponíveis para implantarem novos pastos para o gado. O Presidente do Sindicato cobrou medidas urgentes do Governo Federal e estadual para pôr fim a estes "enormes desmatamentos", evitando-se mais uma grande e significativa exploração das matas acreanas, hoje repletas de mais de 25 mil famílias de seringueiros.

Acervo ISA

O RIO BRANCO

RIO BRANCO - AC, 19 DE OUTUBRO DE 1985.

Seringueiros acabam encontro em Brasília

BRASÍLIA (EBN) — Durante seis dias, os trabalhadores que participaram do Encontro Nacional de Seringueiros da Amazônia, encerrado na Universidade de Brasília, discutiram com as autoridades federais a política de desenvolvimento para a região; a política da borracha; reforma agrária; os direitos dos "soldados da borracha"; cultura, educação e saúde nos seringais.

"Nós precisamos de 300 hectares, no mínimo, para a sobrevivência de uma família", afirma Jaime da Silva Araújo, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Novo Aripuanã, Amazonas. Apenas com a coleta do látex de 300 seringueiras, o trabalhador obtém a produção de borracha suficiente para o sustento de uma família", disse Jaime Silva.

No documento final do encontro, os seringueiros pedem ainda a desapropriação e indenização dos seringais nativos; a participação dos próprios seringueiros na marcação das áreas que irão ocupar, com a reforma agrária; definição das áreas ocupadas por seringueiros como reservas extrativistas exclusivas.

O documento foi entregue pelos seringueiros, quinta-feira, ao presidente da Câmara dos Deputados e do PMDB Ulisses Guimarães, ao superintendente da Sudhevea — Superintendência da Borracha, Antônio Macedo Bezerra, e a dirigentes do Ministério da Reforma Agrária.

Acervo ISA

FOLHA DO ACRE

RIO BRANCO - AC, 20 DE OUTUBRO DE 1985.

Para Mendes, encontro de seringueiros foi sucesso

"Um fato histórico ,a realização de um velho sonho dos seringueiros, que excedeu as nossas expectativas e até mesmo dos políticos que participaram das reuniões". É o que declara o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri, Francisco Mendes, em relação ao I Encontro Nacional de Seringueiros, que teve efeito entre os dias 11 a 17 de outubro no auidtório da Faculdade de Tecnologia de Brasília.

Segundo Francisco Mendes ao contrário do que se esperava na Capital Federal, os seringueiros conseguiram, de maneira sábia, expor as principais questões referentes à exploração e manutenção dos seringais. Os próprios seringueiros é que deram rumo aos diálogos, disse o Presidente do Sindicato de Xapuri.

Os temas principais do Encontro foram: a questão da política da borracha, desenvolvimento da Amazônia, Planacre, asfaltamento da BR-364, aposentadoria dos soldados da borracha, uma Reforma Agrária específicas nos seringais, uma política de saúde e educacão voltada para os interesses da classe.

Francisco Mendes, que participou do Encontro a convite do Pró-Memória, Inesc, da Federação Nacional dos Trabalhores e dos próprios seringueiros, assumiu a coordenação dos trabalhos no terceiro dia, garantindo um melhor encaminhamento das questões.

Neste mesmo dia foi formulada, pelos próprios, a criação

Francisco Mendes

de Conselho Nacional do Seringueiro, que mereceu aprovação e teve encaminhamento, recebendo imdiato apoio ao Conselho Nacional da Borracha/Sudhevea.

A função deste conselho de seringueiros é de dar encaminhamento as questões junto a Sudhevea, no que se refere os preços da borracha, e reivindicações diversas, por exemplo reaparelhamento de mini-usinas e suas transformações efetivas em cooperativas, com direito a assistência técnica e manutenção financeira programados pelos conselhos da classe e estatal, junto a Sudhevea, Ministérios da Agricultura, Interior, Saúde Educacão e da Reforma Agrária.

Acervo ISA

"A CRITICA"

MANAUS, DOMINGO, 20 DE OUTUBRO DE 1985

ENCONTRO DEFINE

Seringueiros defendem política da borracha

O desenvolvimento da Amazônia, Reforma Agrária, Política para a Borracha, Política de Abastecimento, Saúde, Educação e Cultura, Aposentadoria e Assistência para os soldados da borracha e seringueiros foram temas de discussão no 1º. Encontro Nacional de Seringueiros realizado em Brasília de 11 a 17 deste mês, pelos Estados de Rondônia, Acre, Amazonas e Pará.

A conclusão foi um documento aprovado em plenária, contendo alternativas para os problemas que atingem a classe seringueira da Amazônia e entregue ao deputado Ulysses Guimarães como representante do Novo Governo.

DOCUMENTO

Desenvolvimento da Amazônia

Exigimos uma política de desenvolvimento para a Amazônia que atenda aos interesses dos seringueiros e que repeite os nossos direitos. Não aceitamos uma política para o desenvolvimento da Amazônia que favoreça às grandes empresas que exploram e massacram trabalhadores e destroem a natureza.

Exigimos a participação de todos os projetos e planos de desenvolvimento para a região (Planaere, Polonoroeste, Asfaltamento BR-364 e outros), através de nossos órgãos de classe, durante sua formulação e execução.

Não aceitamos mais projetos de colonização do INCRA em áreas de seringueiras e castanheiras.

Reforma Agrária

Desapropriação dos seringais nativos. Não divisão de terras em lotes. Definição das áreas ocupadas por seringueiros como reservas extrativistas asseguradas ao uso pelos seringueiros. Que os seringueiros tenham assegurado o direito de enviar seus delegados à Assembléia Nacional Constituinte para defender uma legislação florestal e fundiária de acordo com suas necessidades específicas.

Política para a borracha

O seringal nativo deve ser preservado e não acabado. Deve ser assegurada a representação dos seringueiros no Conselho Nacional da Borracha e na SUDHEVEA. Reajuste semestral do preço da borracha. Que a minusina seja administrada com por cento por seringueiros, com assistência técnica fornecida pela SUDHEVEA.

Política de Abastecimento

Que seja proibida a venda pela COBAL aos patrões que os seringueiros façam a fiscalização através de seus órgãos. Que as embarcações da COBAL comprem a borracha diretamente do produtor, encostando em lugares indicados pelos Sindicatos de Trabalhadores Rurais e obedecendo pontualmente ao roteiro de viagem, inclusive divulgando o mesmo pelo rádio. Que a COBAL atenda a todos os pos que não são atendidos.

Saúde

Que seja feita uma política de saúde preventiva e de assistência médico-odontológica de acordo com as necessidades dos seringueiros. Criados postos de saúde em todos os seringais em locais escolhidos pelas comunidades de seringueiros. Garantia de transporte, atendimento e internação hospitalar dos seringueiros e de suas famílias em casos de necessidade.

Todos os seringueiros têm direito ao estudo. Escolas de seringueiros em todos os lugares e para todas as idades, com qualquer número de alunos. As escolas devem ter garantido o material escolar e merenda. Calendário escolar que respeite as épocas de plantio e o regime de chuvas da região. É preciso preservar a cultura da região, devendo a escola informar também o seringueiro sobre a realidade do país.

Aposentadoria e Assistência para os soldados da borracha

Considerar como soldado da borracha todos os seringueiros que imigraram para a Amazônia e os que já trabalharam no extrativismo no período de intensificação da produção da borracha, para o esforço de guerra, e que já estejam com 60 ou mais anos de idade. Os trabalhadores considerados nesta proposta terão direito a uma indenização correspondente a 20 salários mínimos.

Acervo ISA

FOLHA DO ACRE

23.10.85

Foto: Romerito Aquino

Seringueiros no encerramento do Encontro.

Quatro estados se reúnem e entoam Hino do Seringueiro

Os seringueiros do Acre, Amazonas, Rondônia e Pará, fizeram pose especial para a Folha ao cantarem, todos juntos, o Hino do Seringueiro, com o qual abriam e fechavam os debates do I Encontro Nacional de Seringueiros da Amazônia. Composto por alguns seringueiros do Amazonas, este hino tem grande significado para a luta dos seringueiros da região por melhores condições de vida. Eis a letra do hino:

"Vamos dar valor ao seringueiro.
Vamos dar valor a esta Nação.
É com o trabalho deste povo que
se faz pneu de carro e pneu de avião.
Fizeram a sandalinha.
Fizeram o chinelão.
Inventaram a botina que a cobra não morde não.
Tanta coisa da borracha que eu não tenho explicação.
Encontrei pedaço dela em panela de pressão". (Página 2)

Acervo ISA

O RIO BRANCO

RIO BRANCO - AC, 23 DE OUTUBRO DE 1985.

Seringueiros querem mais ação daqueles que no Congresso defendem nosso Estado

Cerca de 120 seringueiros de Rondônia, Amazonas, Acre e Pará realizaram o I Encontro Nacional dos Seringueiros, organizado com o fim específico de levantar todos os problemas vividos pelos seringueiros amazônicos, como: questões fundiárias, ecológicas e, principalmente, a defesa da selva amazônica. O encontro foi realizado em Brasília, de 11 a 17 de outubro, e no final foi apresentado um documento contemplando as principais deliberações tomadas.

Os seringueiros do Acre foram representados pela maior delegação presente ao encontro. Exceto o de Plácido de Castro, todos os outros sindicatos de trabalhadores rurais enviaram delegados. Alguns políticos acreanos, ou melhor, o senador Mário Maia, o deputado federal Aluísio Bezerra e o senador Jorge Kalume tentaram mostrar aos seringueiros que desenvolviam um trabalho sério em Brasília em defesa dessa sofrida classe, mas os seringueiros, cientes de que não estava sendo feito nada de extraordinário por estes políticos no Parlamento Nacional, responderam que não basta apoio moral da classe política, "os políticos têm que realmente legislar a nosso favor", disse Osmarino Amâncio, um dos participantes do encontro.

O documento elaborado pelos seringueiros no final do Encontro está embasado em 7 pontos fundamentais: desenvolvimento da Amazônia, reforma agrária, política para a borracha, política de abastecimento, saúde, educação e cultura, e aposentadoria e assistência para os ex e atuais seringueiros.

Não foi mostrado pelos seringueiros presentes ao encontro, nenhuma resistência explícita ao desenvolvimento tecnológico da Amazônia, desde que não venha afetar os meios de subsistência dos homens que aqui depositaram suas energias e hoje dependem da seringa e da castanha para sobreviver. Os seringueiros querem uma política de desenvolvimento que vá de acordo com seus principais interesses, com oportunidade de participação na elaboração e execução de projetos desen-

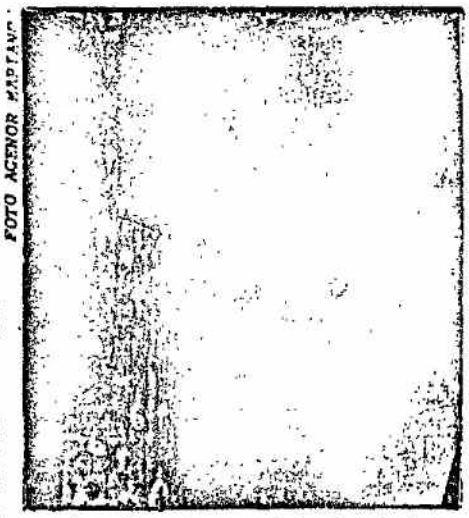


FOTO ACENOR KAIFAN

Seringueiros fazem reivindicações

volvimentistas preparados para a região amazônica.

Com relação à Reforma Agrária, os seringueiros se posicionaram pela desapropriação dos seringais nativos e pela demarcação das áreas dos seringueiros pelos próprios seringueiros, uma vez que só eles têm conhecimento da extensão das suas estradas de seringa. Não aceitam a divisão das terras em lotes, e exigem que as deliberações do 4.º Encontro Nacional dos Trabalhadores Rurais sejam integralmente respeitadas.

Para os seringueiros, é importante que todos os seringais nativos sejam preservados, que seja assegurado a participação dos seus representantes no Conselho Nacional da Borracha e da Sudhevea, que haja estipulação de reajuste trimestral no preço da borracha com ampla divulgação via Radiobrás, e a criação do conselho nacional dos seringueiros. Foi decidido ainda, que os seringueiros amazônicos devem lutar pelo retorno dos brasileiros que se encontram cortando seringa na Bolívia, assegurando a garantia de trabalho para estes brasileiros em sua pátria.

Nas questões relacionadas à política de abastecimento, saúde, educação e cultura, e assistência e aposentadoria para os seringueiros, as análises feitas apresentam severas críticas às formas adotadas até o momento, apontando uma série de propostas à serem adotadas pelo governo federal, sendo que algumas estão ao seu inteiro alcance imediato: que o credenciamento para a Cobal seja feito pelos próprios seringueiros, através do seu sindicato; que seja expressamente proibida a venda de produtos da Cobal para marreteiros e seja imediatamente adotado o sistema de postos ambulantes da Cobal nos seringais. Os seringueiros são pela saúde preventiva, defendendo o atendimento médico-odontológico para todos, com os postos de saúde abertos e abastecidos de medicamentos, particularmente os indispensáveis: soro antiofídico e outros.

"Todos os seringueiros têm direito à educação". Esta foi a defesa feita por dezenas de delegados, quando o encontro passou a discutir a questão da educação e o acesso dos seringueiros à escola. Defendem que os professores das escolas sejam membros das comunidades eleitos pelas próprias comunidades, e que sejam possibilitados encontros amplos de todas as áreas, visando o aperfeiçoamento do pessoal que assumir as monitorias.

O último ponto do documento entregue à vários ministérios e ao vice-presidente da República, deputado Ulisses Guimarães, preocupa-se com a questão da assistência e a aposentadoria dos ex-soldados da borracha. Todos os seringueiros que tiverem comprovantes de patrões que trabalharam durante o período do esforço de guerra, assim como os que apresentarem comprovantes da CAETA, SENTA e outros, devem ser imediatamente aposentados; que seja estebelecida uma pensão aos soldados da borracha de, no mínimo, 3 salários mínimos; que os seringueiros recebam aposentadoria depois dos 45 anos de idade, assim como os inválidos, viúvas e os seringueiros que atuam fora do Brasil.

Todos os participantes do encontro saíram satisfeitos com a semana de debates, e a esperança é que outros passos nesse sentido sejam efetuados brevemente pelos ministérios competentes do governo federal.

Acervo ISA

REVISTA SENHOR - 23/10/85 - PÁGINA 47 E 48

Reforma agrária

Fora do barco

O primeiro desdobramento concreto do Plano Nacional de Reforma Agrária da Nova República, aparentemente, fugiu um pouco à tradição brasileira. Em vez de se fechar mais um órgão que resolveu desencadear o processo, o próprio presidente do Incra tomou a iniciativa de sair de cena. Na sexta-feira, 18, José Gomes da Silva entregou sua carta de demissão, autoinmolando-se em nome de manter a fidelidade à proposta original, que considerou desfigurada no texto final divulgado. Com ele, demitiu-se também o procurador-geral do Incra, Luiz Edson Fachin, e toda sua assessoria. Os outros diretores, por recomendação de José Gomes, evitaram a demissão coletiva e estão fazendo um "teste da prática" com o plano de reforma agrária: pretendem observar, nos próximos três meses, como se desenrola o processo de elaboração e aprovação dos planos regionais, avaliando a possibilidade de fazer alguma coisa de útil com os "salvados do incêndio", ou seja, com o que sobrou da proposta original de reforma agrária do Incra/Mirad.

José Gomes saiu e contou por quê. Ele considera que o plano aprovado está aquém do próprio Estatuto da Terra, do qual foi um dos elaboradores. Entendendo que houve um recuo de pelo menos 20 anos no processo, sua saída pretende marcar a posição técnica e política que defende – e defendeu durante esses anos todos, inclusive na Associação Brasileira de Reforma Agrária (Abra).

Já na época de finalização do plano, quando a proposta foi encaminhada para avaliação do presidente Sarney, Gomes e sua equipe vararam noites questionando a viabilidade de continuar lutando pela proposta. Na véspera de sua aprovação, quando, com concessões de parte a parte, um acordo parecia ter sido alcançado, o ministro Nélson Ribeiro foi chamado a Palácio para últimas correções. Lá, reunido com Sarney, Célio Borja e um jurista de São Paulo, recebeu propostas "absurdas", como a inclusão de adendos afirmando que, "a desapropriação não é essencial" e que "a

Gomes: sair para não compactuar

reforma agrária é um capítulo da política agrícola". Isso atendia inclusive ao entendimento manifestado pelo Conselho de Segurança Nacional. Nesse dia, após a reunião no Palácio, houve articulações com o PMDB, envolvendo o presidente do partido, Ulysses Guimarães, que procurou Sarney no sentido de evitar o que seria considerado um acinte pelos defensores da reforma agrária. "Barbaridades desse tipo", informam fontes do Incra, "poderam ser evitadas, mas, de qualquer forma, as portas foram fechadas." O plano saiu capenga, e o decreto que o regulamenta preservou os latifúndios da desapropriação, estimulando os arrendamentos e parcerias. José Gomes entendeu que, desse jeito, não é possível cumprir as metas propostas, e começou a discutir sua saída.

Na terça-feira, 15, comunicou a intenção aos seus assessores e diretores, e, à noite, sua decisão já era irreversível. No dia seguinte, o ministro Nélson Ribeiro foi comunicado, pela manhã, e à tarde informou o presidente Sarney. Nessa mesma quarta-feira, o governador de São Paulo, Franco Montoro, também foi comunicado, pelo próprio José Gomes, com quem voltou a se reunir na quinta-feira, 17. Foram avisadas, também, lideranças da Contag e da CNBB. Reuniões internas multiplicaram-se no Incra, avaliando a conveniência da demissão coletiva. José Gomes a desaconselhou, e alegou suas condições pessoais para não tentar, particularmente, o "teste da prática".

O presidente Sarney aceitou a demissão de José Gomes com total tranqüilidade, já pensando no nome de seu sucessor, o que não é de se estranhar, uma vez que não o considerava especialmente hábil-doso, desde a divulgação da primeira proposta. Além disso, desde antes da posse do titular do Incra, recebia pressões para substituí-lo. O mesmo não aconteceu no Incra. Os funcionários, generalizadamente, lamentaram e revoltaram-se contra a saída de seu presidente. Reunidos, chegaram a planejar uma manifestação maciça de apoio a José Gomes em frente à sua residência, e só desistiram por recomendação da esposa dele, que pediu que evitassem as emoções fortes. Decidiram, então, correr um livro de assinaturas e frases de despedida. Nas assessorias, o clima era de profunda revolta, com questionamentos amargos sobre o que teria de fato mudado com a Nova República. Levantou-se, inclusive, a descrença de efetivar uma reforma agrária no Brasil sem o engajamento das Forças Armadas e o fortalecimento dos partidos políticos.

Na Contag, igualmente, a saída de José Gomes, considerado homem-símbolo da reforma agrária, causou tristeza e preocupação. Teme-se que o novo presidente não esteja suficientemente comprometido com a causa. Haverá novas demissões no Incra se isso ocorrer. O ministro Nélson Ribeiro, por sua vez, ficou novamente em incômoda posição. Igualmente decepcionado com a versão final da reforma agrária, e, já ocupado em articular uma sucessão que não inviabilize de vez sua execução, frisou a única real conquista obtida: o plano define um espaço político. Ou seja, melhor um plano ruim do que nenhum plano. E isso mesmo disse José Gomes, após a divulgação do documento, contra o qual agora firmou posição.

Assegurar esse espaço político foi também a preocupação do vice-líder do PMDB, deputado Arthur Virgílio Neto, ao falar no primeiro Encontro Nacional de Seringueiros da Amazônia, que qualificou o plano de "uma frustração" e "um engano" e fez reivindicações específicas. Para mais de 100 seringueiros reunidos semana passada, em Brasília, os rezos do plano são uma clara demonstração da necessidade de mobilização da classe trabalhadora. Também o ministro Nélson Ribeiro atribui à organização dos trabalhadores um papel fundamental para a realização da reforma agrária, e, nesse sentido, procurava um nome realmente comprometido com a questão para suceder José Gomes. Um dos nomes mais cotados, sexta-feira, era o do paulista Luiz Carlos Guedes.

C.R.

Acervo ISA

FOLHA DO ACRE

23.10.85

120 mil seringueiras foram devastadas, denuncia Mendes

Francisco Mendes, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri, denunciou em Brasília durante o I Encontro Nacional de Seringueiros, a devastação de 120 mil seringueiras. Essa revelação na capital do País repercutiu sonoramente nos meios ecologistas, principalmente na imprensa paulista, onde se concentra o maior parque industrial do País.

Esse aniquilamento da economia extrativista do Estado, nestes últimos anos, arremessou das matas xapurienses mais de 300 famílias de seringueiros para a periferia de Rio Branco. Esse cinturão de miséria foi se formando aos longos destes anos, com a entrada do capitalismo selvagens, que esmagou com as patas do boi os heróicos homens da borracha. (Página 2).

Foto: Fé

Chico Mendes fez a denúncia em Brasília

Foto: Banco de Dados

TU E EU

I

Seringueira, Seringueira
Abençoada por Deus
Apesar de não ter seios
Tanto leite já me deu
E eu ingrato que sou
Vou cortando o lado seu

II

Companheira Seringueira
Deixa eu te acariciar
Desde criança sonhava
Contigo me encontrar
Tu na floresta Amazônica
E eu lá no Ceará

III

Mais um dia aconteceu
E agora aqui estou
Olhando em teus lindos ramos
O ninho do beija-flor
És uma mãe caprichosa
Que a natureza criou

IV

Agora eu já te conheço
E vivo a te explorar
Em troca de todo o bem
Que fazes para me ajudar
Dando teu precioso leite
Eu fico a te maltratar

Acervo ISA

V

Perdoa mãe generosa
Tão grande ingratidão
Se faço isso contigo
Não é com satisfação
Pois é com as nossas vidas
Que enricamos o Patrão

VI

Tu te chamas Seringueira
E eu seringueiro sou
A dor que nós dois sentimos
Por causa de exploradores
Está nos unindo mais
Pois somos dois sofredores

VII

Tu vês o meu sofrimento
Como é o meu trabalho
Passo a noite na floresta
E é só contigo que falo
Seringueira se eu pudesse
Ser forte como os teus galhos

VIII

Tu sabes ó Seringueira!
Sou amigo verdadeiro
Tu não recebes carinho
Eu não conheço dinheiro
Os ricos se lembram de ti
Mas se esquecem do seringueiro

IX

Mais um dia minha amiga
A coisa vai melhorar
Serei o dono da terra
E vou poder te zelar
Aí sim, serei feliz
Quando vier te encontrar

X

Nós somos da mesma terra
Onde canta o sabiá
Onde a Reforma Agrária
Dizem que já vai chegar
Pra dar terra ao Seringueiro
Pra morar e trabalhar

XI

Quando isso acontecer
E a terra já for nossa
Vou te fazer um poema
O! Seringueira bondosa
Seringueira mãe leiteira
Seringueira mãe generosa

XII

Se eu fosse um poeta
De muita inspiração
Ia escrever um poema
Com muita satisfação
E entregar pessoalmente
Ao Presidente da Nação

XIII

O poema falaria
De uma grande união
Do seringueiro e a pátria
Do caboclo e o patrão
Da falta de assistência
Dada pelo Presidente
Pra vergonha da Nação

J.S.ARAÚJO

Acervo ISA

PAI NOSSO DO SERINGUEIRO

Seringueira que estais na selva
Multiplicado seja os vossos dias
Venha a nós o vosso leite
Seja feita a nossa borracha
Assim na prensa como na caixa
Para o sustento de nossas famílias
Nos dai hoje e todos os dias
Perdoai nossa ingratidão
Assim como nós perdoamos
As maldades do Patrão
Ajudai a nos libertar
Das garras do regatão
Amém...

J.S.ARAÚJO

Acervo ISA

História dos Seringueiros da Amazônia e dos Soldados da Borracha

Jaime S. Araújo

I

Meus amigos de Brasília
do planalto brasileiro
eu vou contar pra vocês
um caso bem verdadeiro
vocês vão vicar sabendo
como vive o seringueiro

II

No Brasil, o seringueiro
é o caboclo amazonense
o índio é o paraense
acreano e rondoniense
paraibano e baiano
e o arigó cearense

III

Eles vivem na floresta
não tem comunicação
não sabem o que quer dizer
uma civilização
só conhecem o comboieiro
os capangas e o patrão

Acervo ISA

IV

Por isso que dessa gente
não se houve nem falar
eles moram lá na selva
só aprenderam a trabalhar
são escravos de um homem
que apareceu por lá

V

Essa gente lá na selva
trabalha o ano inteiro
sai ano e entra ano
e não recebem dinheiro
se quer saber quem são eles
são os pobres seringueiros

VI

Lá apareceu um homem
com um ar de cidadão
disse ser dono da terra
construiu um barracão
avisou pra todo mundo
agora sou o patrão

VII

A borracha que fizerem
voçês vão trazer pra cá
e se me faltar um quilo
caboclo vai apanhar
aqui quem manda sou eu
todos tem que trabalhar

VIII

A partir daquele dia
começou a escravidão
não houve mais liberdade
todos devem pro patrão
emtregam tudo que faz
e recebe uma ração

Acervo ISA

IX

Não podem ir à cidade
pois não tem o que vestir
ainda apanha dos capangas
se começar a exigir
vivem tão amedrontados
que não podem nem fugir

X

Se alguém tenta fugir
é logo capturado
os capangas do patrão
traz o pobre arrastado
amarram em uma árvore
e tira o couro do coitado

XI

O seringueiro trabalha
dia e noite sem parar
no fim do mês o patrão
manda o comboio buscar
leva toda produção
sem o preço perguntar

XII

Só no fim de cada ano
é que o pobre seringueiro
pode ir ao barracão
conversar com os companheiros
lamentar a desventura
do trabalho sem dinheiro

XIII

O filho do seringueiro
magro como um palito
sua mulher nem se fala
tá chupada de mosquito
colando bem o ouvido
dá pra ouvir o grito

Acervo ISA

XIV

O seu nome é chamado
é a hora da razão
venha ver a sua conta
lhe avisa o patrão
vai ficar devendo tanto
mais uma decepção

XV

Eu moro naquela mata
não sei quando o tempo passa
assim dizia o seu Pedro
um soldado da borracha
conversando com o Chico
companheiro de desgraça

XVI

Naquela hora se ouviu
o grito de um sujeito
tinha acabado de ser
dispensado sem direito
reclamou de sua conta
levou um tiro no peito

XVII

Dos seringais da Amazônia
eu agora vou falar
vocês vão ficar sabendo
o que se passou por lá
como foi que os patrões
conseguiram enricar

XVIII

Foi no ano trinta e nove
quando a guerra começou
que um decreto do governo
lá no norte chegou
os que não foram pra Itália
pro seringal se alistou

Acervo ISA

XIX

Foi aquele corre corre
para o povo embarcar
ser soldado da borracha
era na certa enricar
uns deixaram até fazenda
pra pagar quando voltar

XX

Mais que coisa vergonhosa
para o povo brasileiro
eram os escravos brancos
dentro dos barcos cargueiros
lá no fundo dos porões
começou o cativeiro

XXI

No ano quarenta e dois
meu tio foi se alistar
e a vinte e seis de junho
foi a viagem fatal
deixou o seu Ceará
com destino ao seringal

XXII

No dia trinta de junho
atracaram no Pará
ele chamou um marujo
e pediu para soltar
o marujo respondeu
ninguém veio lhe comprar

XXIII

Ele olhou a minha tia
ela estava soluçando
ele lhe disse Maria
eu já estou desconfiando
que a coisa é diferente
eles estão me enganando

Acervo ISA

XXIV

Quando foi no outro dia
logo cedo de manhã
se apresentou seu Fugencio
lá do Rio Abunã
eu quero oitenta homens
é ordem de tapanã

XXV

Meu tio foi escolhido
pra com ele trabalhar
minha tia coitada
tratou de desembarcar
mas foi pra outro porão
porque iam viajar

XXVI

Passaram-se trinta dias
nesta viagem sem glória
sofrendo mil privações
no porão de uma gaiola
ja chegaram lá doentes
sem um tostão na sacola

XXVII

Sofreu muitos desenganos
sem parar de trabalhar
doente e passando fome
resolveu se arriscar
ir falar com o patrão
e pedir pra voltar

XXVIII

Chegando no barracão
resolveu logo entrar
viu seu Fugencio Batista
numa rede a se embalar
disse a ele boa tarde
e tratou de se sentar

Acervo ISA

XXIX

Seu Fugencio disse a ele
seu Raimundo venha cá
ainda é quinta feira
você não foi trabalhar
só leva mercadoria
se a borracha chegar

XXX

Seu Fugencio estou aqui
mas não é pra comprar
eu me cancei da seringa
vou voltar pro Ceará
me sinto muito doente
e quero ir me tratar

XXXI

O patrão disse tá bem
pois já terminou a guerra
eu vou pagar o seu saldo
você vai pra sua terra
porém ele não sabia
que lutava com uma fera

XXXII

Ele saiu satisfeito
e ao chegar no tapirí
disse pra sua esposa
vamos embora daqui
vou receber vinte contos
amanhã vamos partir

XXXIII

Cheguei lá feito bonito
comigo não tem lambança
deixe tudo que nós temos
apronte só a criança
aqui deste seringal
levo um filho de lembrança

Acervo ISA

XXXIV

Partiram de madrugada
com destino ao barracão
quando o dia amanheceu
ele falou com o patrão
recebeu o seu dinheiro
e deu-lhe um aperto de mão

XXXV

E saíram rio abaixo
felizes como a aurora
porém o seu desenlace
estava chegando a hora
pois o tiro de um rifle
jogou seus miolos fora

XXXVI

Uma vida de trabalho
se acabou naquele dia
ele morreu abraçado
a sua esposa Maria
seu filho ficou sem pai
a partir daquele dia

XXXVII

Seu Fugencio quando soube
cuidou de seus funerais
prometeu fazer justiça
destes atos tão brutais
o dinheiro se sumiu
ele não viajou mais

XXXVIII

Era assim que acontecia
com o caboclo brasileiro
com o soldado da borracha
que se tornou seringueiro
alguns foram sepultados
outros os urubús comeram

Acervo ISA

XXXIX

De uns tempos para cã
a coisa modificou
o patrão mudou o jogo
o capanga se mudou
porém a situação
ainda não melhorou

XL

O pobre do seringueiro
pega a sua produção
bota em sua canôa
e leva pro barracão
recebe quatro embrulhinhos
dinheiro, nem um tostão

XLI

É assim que aconteceu
nos rios da Amazônia
o seringueiro, coitado
parece um cão sem dono
porque as autoridades
lhe deixou no abandono

XLII

Este povo valoroso
mora nas margens dos rios
e tem para seu conforto
a mutuca e o frio
a fome e o capapanã
a onça e seu desafio

XLIII

O burrachudo, o morcêgo
o pium e o degrêdo
mesmo com este conforto
ele se lavanta cedo
as duas da madrugada
entra no mato sem medo

Acervo ISA

XLIV

Agora vejam amigos
como vive o seu irmão
sem dinheiro e sem comida
explorado do patrão
agora pra completar
lhe aparece o regatão

XLV

O regatão é um barco
de um homem sem coração
que viaja pelos rios
com a sua exploração
tocando de porto em porto
com seu ar de ambição

XLVI

Chama pelo seringueiro
pergunta o que ele quer
diz que têm cachaça boa
sabão farinha e café
sapatinhos pra criança
poronga sal e boné

XLVII

O seringueiro assustado
olha na cara do moço
cheio de necessidade
pra falar em um esforço
é mais um laço de corda
pra entrar no seu pescoço

XLVIII

Pois é assim meus amigos
a vida do seringueiro
tomam tudo que ele faz
mas não lhe entregam dinheiro
o que pode possuir
este pobre brasileiro

XLIX

Você que é educado
sabe lêr e escrever
coloque-se no lugar dele
veja o que pode fazer
pois todos nós seringueiros
esperamos por você

L

Agora peço desculpas
pelo meu modo grosseiro
sou um poéta do mato
sou amigo e companheiro
sou arigó nordestino
sou caboclo seringueiro...

Acervo ISA

PANELA DE PRESSÃO

Música do Seringueiro

Vamos dar valor ao seringueiro
Vamos dar valor esta nação
bis | Pois é com o trabalho desse povo
que faz pneu de carro e pneu de avião

Fizeram sandalha, fizeram chinelão
inventaram umas botinas que a cobra não morde não,
bis | Tanta coisa da borracha que não sei explicar não,
Encontrei pedaço dela em panela de pressão.

****

MÚSICA DO SERINGUEIRO

de: Saraiva

1. Seringueiros da Amazônia,
do Acre ao Maranhão,
homem que enfrente as feras,
que tem nesta região.
enfrenta a onça e a cobra,
enfrenta a solidão,
depois de enfrentar tudo isso,
ainda enfrenta o seu patrão.

2. Seringueiro é um heroi
que tem nesta região
trabalha dia e noite
pra fazer a produção
mas ninguém lhe reconhece
só conhecem é o patrão

Este soldado da selva
3. já participou da escravidão
ai veio a liberdade
e lhe deu libertação
pois hoje o seringueiro o dono
da sua produção.

4. Quando ele chega na cidade
ninguém lhe dá atenção
se não fosse o seringueiro
não corria caminhão
que é nos seus pneus
que tá sua produção

5. Quando ele entra na mata
leva um balde e um facão
para proteção dos seus pé
uma bota de borracha.
foi atraves deste homem
que o Acre pegou o nome
de produtor de borracha.

6. Agradeço o seringueiro,
homem humilde e hospitaleiro,
por ser ele o produtor,
do elastico brasileiro.

Acervo

Machado

O risco que corre o pau
corre o machado
não há o que temer
aquele que manda matar
também deve morrer

Nós estamos em guerra
lado de lá já declarou
pois contratou pistoleiro
pra matar o lavrador

Nós já temos o machado
falta só botar a cunha
e fazer a moda gato
dar o golpe e esconder a unha

Esta é a nossa proposta
pois a gente quer ganhar
se matarem 1 daqui
dois de lá vamos matar

Acervo ISA

WORLD COMMISSION ON ENVIRONMENT AND DEVELOPMENT

Palais Wilson
52, rue des Pâquis
CH-1201 Geneva
Switzerland
Tel.(022) 32 71 17
Telex 27910 ch

INFORMAÇÃO

A COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO é um organismo novo e autônomo, criado com o propósito de examinar os problemas críticos sobre meio ambiente e desenvolvimento e propor à comunidade internacional melhores meios e vias para resolvê-los.

A Presidente da Comissão é a Sra. Gro Harlem Brundtland, Líder da Oposição, ex-Primeiro Ministro e ex-ministro do Meio Ambiente da Noruega. O Vice-Presidente é o Dr. Mansour Khalid, ex-Ministro das Relações Exteriores do Sudão.

Os Membros da Comissão, todos personalidades políticas preeminentes e líderes no campo do meio ambiente e desenvolvimento, foram selecionados pela Presidente e pelo Vice-Presidente e exercerão suas funções a título pessoal.

As seguintes personalidades foram nomeadas até o presente momento:

Sra. Susanna Agnelli, Itália; Dr. Saleh Al-Athel, Arábia Saudita; Sra. Margarita Marina de Botero, Colômbia; Sra. Gro Harlem Brundtland, Noruega; Dr. Pablo Gonzalez Casanova, México; S.E. Sr. Bernard Chidzero, Zimbabwe; Sr. Lamine Mohammed Fadika, Costa do Marfim; Dr. Volker Hauff, República Federal da Alemanha; Dr. Mansour Khalid, Sudão; Prof. Istvan Lang, Hungria; Sr. Paulo Nogueira Neto, Brasil; S.E. Sr. Saburo Okita, Japão; Sr. Shridath S. Ramphal, Guyana; Sr. William D. Ruckelshaus, Estados Unidos da América do Norte; Sr. Mohammed Sahnoun, Argélia; S.E. Sr. Emil Salim, Indonésia; S.E. Dr. Bukar Shaib, Nigéria; Dr. Ma Shijun, China; S.E. Juiz Nagendra Singh, India; Sr. Vladimir E. Sokolov, União das Repúblicas Socialistas Soviéticas; Sr. Janez Stanovnik, Yugoslavia; Sr. Maurice Strong, Canadá.

A Secretaria é dirigida pelo Sr. Jim MacNeill, responsável perante a Presidente da Comissão e membro desta última ex-officio.

Os fundos da Comissão provêm das contribuições voluntárias e doações de governos, instituições e outros organismos interessados. Sua contabilidade está sujeita a auditoria externa.

Acervo ISA

O estabelecimento da Comissão ocorreu num momento em que as pressões exercidas sobre a base ambiental e ecológica devido ao desenvolvimento global, registravam um crescimento sem precedentes. As medidas tomadas e aplicadas, resultantes das grandes conferências realizadas na década de 70, demonstraram serem inadequadas. A maioria dos países em desenvolvimento tem visto deteriorar seu meio ambiente de forma constante e crescente, cedendo às pressões históricas já exercidas sobre os recursos naturais. Muitos dos países recentemente industrializados vem experimentando uma deterioração maciça de seu meio ambiente e com isso surgem problemas relativos à industrialização repentina e à explosão urbana, agregando-se àqueles associados ao subdesenvolvimento e à pobreza. Enquanto na última década alguns países industrializados realizaram progressos significativos para melhorar a qualidade do meio ambiente, sua batalha contra a contaminação de origem convencional está longe de ser ganha e, em muitas regiões, a deterioração dos recursos naturais se acelerou. Ao mesmo tempo, surge uma nova geração de temas ambientais e de desenvolvimento cada vez mais complexos que concernem tanto os países em desenvolvimento como os desenvolvidos.

O estabelecimento da Comissão reflete a convicção de que é possível um futuro mais próspero, mais justo e mais seguro porque seu estabelecimento repousa em políticas e ações sustentáveis, ecológica e economicamente.

A Comissão está convencida de que isto é viável somente mediante mudanças profundas nas políticas atuais, na natureza da cooperação entre governos, negócios, a ciência e as pessoas entre si; nas formas de cooperação internacional e, sobretudo, no nível de compreensão e de compromisso por parte dos povos, das organizações e dos governos.

Muitas personalidades têm reconsiderado o quadro do meio ambiente e desenvolvimento e têm examinado políticas e formas de cooperação que prometem ser mais frutíferas que as existentes. A Comissão solicitará seu apoio e facilitará sua participação aonde quer que seja - nas Nações Unidas e em seus organismos especializados, nos governos, nos círculos científicos, nos bancos de desenvolvimento e nas instituições, nas organizações não-governamentais, no mundo dos negócios, dentro dos meios de informação ou em outros círculos pertinentes.

Desse modo, alguns dos melhores pensadores do mundo serão convidados pela Comissão para assistir na realização de suas tarefas principais, ou seja, no reexame dos temas críticos do meio ambiente e desenvolvimento e na formulação de novas propostas concretas de ação para fazer-lhes frente; na avaliação e proposição de novas formas de cooperação internacional que possam surgir dos modelos existentes e que possam alentar a mudança requerida; no aumento do nível de compreensão e de compromisso de todas as partes.

A Comissão realizará seus trabalhos da maneira mais aberta e pública possível.

Acervo FAPESP

Suas reuniões terão lugar em diferentes partes do mundo, com o objetivo de encontrar um bom equilíbrio regional. Pedirá aos meios de comunicação mundiais tanto a propagação das contribuições recebidas como do próprio trabalho da Comissão; de suscitar e acumular novas idéias onde seja recomendável, assim como sondar a opinião pública.

Durante a realização de seus trabalhos, a Comissão prestará especial atenção à resolução 38/161 da Assembléia Geral das Nações Unidas que acolheu com beneplácito o estabelecimento da Comissão, fez uma série de sugestões para seus trabalhos e procurou elementos para seu informe que será apresentado perante a Assembléia Geral de 1987.

Toda correspondência deverá ser enviada para o endereço acima indicado.